



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED  
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSÉ MARIA ALVES DIAS JUNIOR

VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC

**FLORIANÓPOLIS**  
**2015**

**JOSÉ MARIA ALVES DIAS JUNIOR**

**VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
submetido à Universidade Federal de Santa  
Catarina como parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de licenciatura em  
Pedagogia. Sob a orientação da Professora Ma.  
Jocemara Triches EED/CED/UFSC.

**FLORIANÓPOLIS  
2015**

JOSÉ MARIA ALVES DIAS JUNIOR

VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC

Este trabalho de conclusão do Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de  
Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2015.

---

Prof. Jefferson Dantas, Dr.  
Coordenador do Curso de Pedagogia

---

Prof.<sup>a</sup> Jocemara Triches, Ma.  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Lapa Aguiar, Dra.  
Examinadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Francisco Fernandes Soares Neto, Me.  
Examinador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>ª</sup>. Iracema Munarin, Dra.  
Examinadora Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico este trabalho a todos que contribuem direta ou indiretamente para a formação acadêmica dos estudantes de Pedagogia.*

#### Ficha de identificação da obra

DIAS JUNIOR, JOSÉ MARIA ALVES  
VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA / JOSÉ MARIA ALVES DIAS JUNIOR; orientadora, Jocemara Triches - Florianópolis, SC, 2015. 105 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Pedagogia.

Inclui referências

1. Pedagogia. 2. Experiências pedagógicas no Estágio do curso de Pedagogia dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da UFSC. 3. A situação do EAIEF na visão dos Alunas/os após a experiência deste estágio. 4. Análise do questionário aplicado com as alunas sobre o campo de estágio.. I. Triches, Jocemara. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

À vida.

À minha família.

À minha orientadora Jocemara Triches, com todo carinho.

Às alunas que participaram desta pesquisa.

À banca pela contribuição e tempo dedicado ao trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas considerações sobre as vivências das discentes do 8º semestre, 2014.2, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados desta pesquisa foram conseguidos por meio de uma revisão bibliográfica sobre a importância do estágio e sobre a relação teoria e prática na formação docente, bem como, por meio dos dados coletados com um questionário realizado no 9º semestre da referida turma. Com este último instrumento buscou-se identificar a avaliação das discentes sobre esse momento na formação, as expectativas quanto a sua profissão e descobertas após a vivência do estágio no curso de Pedagogia da UFSC. Para o entendimento da realidade encontrada neste estágio supervisionado e suas etapas, apresento parte do registro do vivenciado pela minha equipe como estagiários, com os alunos da 5º ano de nível fundamental. Dos resultados que se pode verificar com essa pesquisa estão, entre outros, uma avaliação positiva das relações estabelecidas com as crianças e profissionais no campo estagiado, e, no geral, uma boa preparação na graduação para este período de estágio. Como aspectos negativos, pouco tempo em campo, entrada tardia nos anos iniciais pela organização da matriz curricular do Curso de Pedagogia, problemas estruturais das escolas, falta de recursos e materiais para realização de um estágio mais diversificado, dificuldade de dar voz e vez para todas as crianças em sala e um desestímulo de seguir a carreira docente no Ensino Fundamental em metade dos estudantes de Pedagogia da UFSC, questionados em seu semestre de conclusão do curso.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Curso de Pedagogia. Estágio Supervisionado. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## **LISTA DE QUADRO**

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos referenciados.....	33
--	----



## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a duração do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... 55
- Gráfico 2** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto ao momento desse estágio na grade do curso de Pedagogia do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ..... 58
- Gráfico 3** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto ao preparo e atuação no estágio do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....60
- Gráfico 4** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto relação aos fundamentos e as teorias trabalhadas no curso que preparam para o do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... 62
- Gráfico 5** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto ao campo de estágio..... 66
- Gráfico 6** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a a sua interação com o campo de estágio e a direção, demais funcionários no estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... 68
- Gráfico 7** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a pretensão de atuar como docente nos Anos Iniciais após formada (o)..... 73
- Gráfico 8** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a interação com o campo de estágio o o/s professor/es regente/s da/e turma nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... 95
- Gráfico 9** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a interação com as crianças/alunas? nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... 97
- Gráfico 10** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto as condições encontradas no campo e sua atuação no estágio nos Anos Iniciais se contribuíram para a decisão e motivação para a futura atuação na prática docente e para a carreira de professor..... 100

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AIEF** – Anos Iniciais do Ensino Fundamental

**DCN** – Diretrizes Curriculares Nacionais

**ESAIEF** – Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

**LDB** – Leis de Diretrizes e Bases para a Educação

**OCDE** – Estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

**PPP** – Projeto Político Pedagógico

**PIBID** – Projeto Institucional de Bolsa para Iniciação da Docência

**UDESC** – Universidade de Desenvolvimento do Estadual de Santa Catarina

**UNIOESTE** – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 A ORIGEM DO TEMA .....	11
1.2 QUESTÕES DE PESQUISA .....	14
1.3 OBJETIVOS .....	15
1.4 METODOLOGIA .....	15
1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO .....	16
<b>2 O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC E MINHAS VIVÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	
2.1 O ESTÁGIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA .....	18
2.3 O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC .....	22
2.3 MINHAS VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS .....	26
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	37
3.1 TEORIA X PRÁTICA = TEORIA PRATICADA .....	48
<b>4 VIVÊNCIAS E QUESTIONAMENTOS SOBRE O ESTÁGIO</b> .....	54
4.1 EIXO 1: O OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO E PREPARAÇÃO PARA O ESTÁGIO .....	55
4.2 EIXO 2: AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO .....	66
4.3 EIXO 3: UMA AVALIAÇÃO DA PROFISSÃO E DO SEU FUTURO .....	72
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	82
<b>APÊNDICE A</b> .....	85
<b>APÊNDICE B</b> .....	88

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma preocupação com a formação docente e uma reflexão sobre o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (ESAIEF)<sup>1</sup> na formação dos licenciados em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A experiência do estágio supervisionado obrigatório é extremamente significativa para a formação docente, pois é o momento mais próximo possível da experiência profissional, da aplicação dos planejamentos e replanejamentos didáticos que promovem um novo olhar sobre a docência.

Com frequência o estágio é um momento de tensões e desafios, posto que as/os alunas/os do Curso de Pedagogia se veem em situações que não tinham tido contato anteriormente, como com a prática pedagógica em sala de aula e com realidades socioculturais diversas. As execuções de tudo que foi aprendido na graduação às levam a dialogar no estágio sobre as próprias práticas, com a finalidade de experienciar de forma significativa a teoria, a repensar, debater e analisar sobre esse momento da formação docente e como representa uma oportunidade formativa imprescindível.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as vivências no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, das alunas do 8º semestre, 2014.2, do Curso de Pedagogia da UFSC, a partir das considerações feitas pelas discentes, via questionário. Cabe registrar que realizei o estágio nesta etapa de ensino, junto com a referida turma, estando nesta experiência o interesse em compreender qual a percepção e considerações das acadêmicas sobre este momento da formação pela qual passaram.

Durante esse estágio do qual fiz parte, muitas indagações surgiram, destacando-se entre elas o desafio de lidar com a diversidade em sala de aula. Nessa experiência houve a possibilidade de vivenciar e pensar sobre algumas das observações feitas por Kramer (2000, p. 21), que nos diz que devemos vivenciar uma educação que tenha como base o,

entendimento do outro e do reconhecimento de suas diferenças de cultura, etnia, gênero e a construção de uma ética. Implementar uma formação cultural que assegure sua dimensão de experiência crítica. [...] Entender o processo interativo entre a criança e o adulto em diferentes contextos sociais. A observação das condições concretas de trabalho e

---

<sup>1</sup> Esta sigla foi criada para facilitar a denominação de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (ESAIEF), portanto, daravante assim referida.

lutar para a qualidade deste trabalho e para uma ação coletiva que viabilizem formas de enfrentar os desafios e mudar o futuro além de entender a infância e sua singularidade.

O estágio proporciona vivências desta realidade, ou seja, a verdadeira condição de trabalho de um docente nos Anos Iniciais, onde percebe-se os vários contextos sociais, existentes em cada sala, além de suas múltiplas culturas e relações estabelecidas entre os sujeitos. Esta ocasião propicia o enfrentamento de desafios como a falta de condição de atender todas as crianças que querem compreender e acompanhar a aula e esbarram na precária condição para atender as demandas individuais de cada criança e assim a conhecer melhor, identificando suas histórias e anseios.

Pela experiência que passei, penso que facilitaria e qualificaria o trabalho a existência de dois professores, no mínimo, em cada classe do 1º ao 5º ano, devido às necessidades encontradas e relatadas durante o período de estágio, como as carências apresentadas pelas crianças.

## 1.1 A ORIGEM DO TEMA

Durante o estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de ensino de Florianópolis observou-se já a partir de seu início alguns obstáculos no período de observação. Na ocasião desta etapa<sup>2</sup>, houve dificuldades em conferir às práticas pedagógicas pela professora regente, uma orientação que possibilitasse a participação de todas as culturas encontradas na sala de aula. Para Alves (2010, p.18) “tais dificuldades resultam na produção de preconceitos e estereótipos que colaboram para a exclusão de uma parte significativa de alunos do processo educativo, principalmente no contexto escolar”. Justamente o que encontramos durante o período de observação – que se deu anteriormente à regência propriamente dita – e que deu condições de registrarmos as recorrentes exclusões de uma parte dos alunos a terem mais dificuldades para acompanhar a turma.

---

<sup>2</sup> O ESAIEF no Curso de Pedagogia da UFSC contempla diferentes etapas, sendo inicialmente aulas teóricas na UFSC abordando temas relacionados aos anos iniciais e preparando para entrada em campo; período de observação no campo de estágio, dividindo os alunos do curso em grupos; confecção de um relatório de estágio do campo escolar referente ao período de observação que é realizado nas primeiras semanas na escola estagiada; afastamento do campo para confecção de um planejamento para a prática do ensino; retorno ao campo para a prática da docência, aplicando o planejamento realizado; confecção de um memorial sobre o estágio e; partilha dos resultados entre grupos de estagiários e docentes.

A partir da experiência pessoal e dos registros das observações da realidade dos alunos das escolas públicas ao redor do Maciço do Morro da Cruz da cidade de Florianópolis, procurei coligir, por meio da produção de um questionário aplicado com as alunas do 9º semestre do Curso de Pedagogia da UFSC, a perspectiva e considerações dessas acadêmicas sobre o estágio que realizaram no semestre 2014.2. Este questionário foi aplicado após o período de campo de estágio e partilha dos resultados realizados em um seminário final, organizado pelas professoras supervisoras do estágio, no qual se avaliou as experiências do grupo nos Anos Iniciais Ensino Fundamental. Através das respostas retornadas pode-se obter um escopo das experiências do estágio e das expectativas profissionais como docentes por parte das estudantes de Pedagogia.

Considero a temática como relevante, pois se trata de uma preocupação com a formação docente e uma reflexão sobre o estágio na formação dos licenciados em Pedagogia. Ademais, entendo ser de extrema necessidade exibir os dados sobre os estudantes atuais deste curso, uma vez que há poucas pesquisas que ponderam os pontos de vistas dos discentes em relação aos estágios nos Anos Iniciais e às metodologias pedagógicas que realmente mobilizaram crianças e professoras/es nas aulas e que podem contribuir com a permanência ou não na carreira docente.

Sobre isso, o relatório organizado por Gatti et al (2009) mostra que a situação da formação docente não é animadora. Para elas,

A literatura disponível na área da formação de professores tem analisado questões que, direta ou indiretamente, mantêm relação com a discussão sobre a atratividade da carreira docente, como a massificação do ensino, a feminização no magistério, as transformações sociais, as condições de trabalho, o baixo salário, a formação docente, as políticas de formação, a precarização e a flexibilização do trabalho docente, a violência nas escolas, a emergência de outros tipos de trabalho com horários parciais. Um aspecto que merece destaque diz respeito ao aumento das exigências em relação à atividade docente na atualidade. O trabalho do professor está cada vez mais complexo e tem exigido uma responsabilidade cada vez maior. As demandas contemporâneas estabelecem uma nova dinâmica no cotidiano das instituições de ensino que se reflete diretamente sobre o trabalho dos professores e sua profissionalidade. (GATTI et al, 2009, p. 12),

Esta complexidade foi vista nos campos de estágios, onde o estagiário se tornou um auxiliar do professor regente da turma para contemplar as necessidades encontradas nas crianças. Perante a realidade vivenciada, o docente para dar conta das demandas e para conseguir realizar seu trabalho teria que ter “seis braços e três cabeças”, pelo menos.

Ao refletir sobre a escola consideramos que seja um local de aprender novos conteúdos, um local de socialização diferente do que há na família e na comunidade de origem da criança. Trata-se de um lugar para aprender outros valores e outros padrões de comportamento (MIRANDA, 1985).

Percebemos em nossa passagem pela escola que existe a necessidade de impor um modelo de comportamento que é considerado o certo e uma necessidade de negar certo tipo de cultura, que é justamente à que as crianças trazem de suas comunidades, sendo esta considerada pobre e errada. Sobre isso Miranda (1985, p. 134) afirma que,

Uma crítica à escola capitalista é que ela impõe uma cultura que considera legítima, tornando ilegítima qualquer outra manifestação cultural. Desse modo, a escola pública nega muitos conteúdos e valores já socializados e propõe novos padrões de socialização.

Na direção do apontado por Miranda, relacionando com o observado na escola, a diversidade cultural encontrada acaba muitas vezes virando uma homogeneização de valores. Exemplo disso pode ser observado durante o período do estágio, no qual vivenciamos nas rodas de conversa das segundas-feiras, as orientações para as crianças serem breves em seus relatos sobre o final de semana e orientadas a comentar somente o que fosse “mais importante”. Dado o contexto de que provêm aquelas crianças e adolescentes, de que maneira a escola lida com estas diversidades? Eu e minhas colegas de campo acreditamos que cabe à escola ampliar os conhecimentos que elas já possuem. Assim, como afirma Miranda (1985, p.134), acreditamos que a escola deve “atuar com crítica e reflexivamente na objetivação dos conteúdos, normas e valores internalizados na relação entre criança e a escola”. Significa conhecer as crianças, deixar que se expressem e buscar atividades de ensino que façam sentido e significado para elas. Repensar as “metodologias de ensino, as normas disciplinares, os processos de sedução e de coação, etc.” (MIRANDA, 1985, p.134).

Aliás, “no tempo em que passamos na escola, o que mais presenciamos foram justamente a predominância dos momentos de coação e muito poucos momentos de sedução”<sup>3</sup>. No estágio pude presenciar o que teoricamente sabia da formação docente brasileira da atualidade, ou seja, são muitos os desafios colocados.

Assim, meu foco neste trabalho é o ESAIEF por ter passado por essa etapa formativa e ter encontrado uma realidade complexa – situação bem diferente do Estágio

---

<sup>3</sup> Trecho retirado do Memorial de ESAIEF da UFSC realizado em 2014.2, realizado por mim e por mais duas colegas (SANTANA; DIAS JUNIOR; BERNADINO, 2014).

Supervisionado na Educação Infantil, no qual as crianças não apresentaram dificuldade em relação a acompanhar o aprendizado. Esta pesquisa representa uma possibilidade de autorreflexão e também uma oportunidade de trazer a voz das alunas-professoras sobre suas inquietações e vivências neste campo, que é imprescindível para a formação do Pedagogo.

## 1.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Durante esse processo do qual fiz parte, muitas indagações surgiram, entre estes o desafio de lidar com a diversidade em sala de aula. Nesta direção, teve-se como questões de pesquisa: Como foi a experiência do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para as discentes do Curso de Pedagogia, no semestre 2014.2? Quais os limites e possibilidades dessa experiência vivida para a formação na condição de pedagoga/o? Quais as representações que têm da escola e da profissão docente? Quais os conhecimentos que consideram necessários à prática docente? Qual a relação que estabelecem entre teoria e prática no curso de Pedagogia da UFSC e como vivenciaram no estágio? Quais os obstáculos, as conquistas, os avanços e os desafios desse processo durante a formação? O que as/os discentes do Curso pensam sobre a preparação que o curso ofereceu para seguir na carreira? Que elementos elas/eles levam em conta para a tomada de decisão por seguirem ou não a carreira de docente.

Assim podemos vislumbrar elementos sobre a situação dos estágios obrigatórios nos AIEF para profissão de professor/a segundo as discentes pesquisadas e tentar observar seus estímulos e desestímulos. Para dar conta de responder as questões colocadas foi aplicado um questionário – disponível no Apêndice A – com as acadêmicas que cursaram o ESAIEF no segundo semestre de 2014, sobre o qual descreverei posteriormente.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as vivências no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, das alunas do 8º semestre, 2014.2, do Curso de Pedagogia, da Universidade



Federal de Santa Catarina (UFSC), a partir das considerações feitas pelas acadêmicas do Curso via questionário.

### 1.3.2 Objetivo Específico

- Favorecer que as vozes das alunas sobre a experiência no ESAIEF sejam manifestadas;
- Relatar as condições percebidas durante o período de estágio;
- Refletir sobre a experiência formativa adquirida e o processo do estágio;
- Analisar o quanto a formação durante o curso contribuiu para a realização das metodologias aplicadas na sala de aula;
- Discutir a relação teoria e prática na formação docente via revisão bibliográfica.

## 1.4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada principalmente a partir da aplicação de um questionário<sup>4</sup> com as alunas que frequentaram a 9ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC no semestre 2015.1 e que no semestre anterior cursaram o estágio nos Anos Iniciais<sup>4</sup>. Este grupo era composta por 45 alunas e um aluno (eu)<sup>5</sup>, entre estes está contido os 36 discentes que foram questionados aqui.

Além da aplicação do instrumento para coleta de dados, realizei leituras da produção acadêmica da área que envolve a formação docente, estágio supervisionado obrigatório e sobre o curso de Pedagogia, buscando compreender a relação entre a teoria e prática e sobre a importância dos estágios na formação docente. Para isso foram estudados nove textos sobre a temática central.

Quanto ao questionário, contém perguntas relacionadas à atividade docente, organizado com questões fechadas e abertas sobre as condições encontradas na execução dos estágios nos AIEF e sobre a perspectiva de atuação na docência após formadas entre

---

<sup>4</sup> Por envolver questionário, esta pesquisa deveria ter passado pelo Comitê de Ética da Universidade, mas por limite do tempo e por não termos no início o projeto completo da pesquisa, apenas um esboço do caminho a ser trilhado, optamos por não seguir os trâmites normais. Apesar disso, todas as questões do questionário foram intensamente discutidas com a orientadora e um termo de consentimento foi preenchido pelas alunas que participaram da pesquisa. Registramos que esse trabalho não será publicado por não ter passado pelo Comitê de Ética.

<sup>5</sup> Como não fiz parte da pesquisa, farei referência no feminino, pois o único homem da turma era eu.

outras. Ele foi desenvolvido em uma planilha, numa ferramenta no servidor *Google* e enviado *link* para preenchimento *online* e, também, através de e-mail para as estudantes. Dos 36 enviados tive retorno de 14 questionários respondidos, o que representa 39% da turma questionada e que cursaram o estágio comigo.

O questionário em branco está disponível no Apêndice A e no B apresentamos o resultado completo de cada questão. Para a mensuração dos dados, foram analisadas as respostas do questionário aplicado e construído em gráficos, bem como uma exploração das justificativas para as respostas.

Além da pesquisa bibliográfica e da exploratória com o questionário, com uma abordagem quantitativa e qualitativa, apresento um breve relato do estágio vivenciado por mim e pelas minhas colegas visando contextualizar a experiência e mostrar a origem de alguns dos questionamentos levantados neste estudo. Também apresento alguns determinantes legais sobre o estágio na formação docente.

## 1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho encontra-se estruturado além desta introdução, com mais três seções. Na próxima seção, denominada de *O estágio obrigatório no Curso de Pedagogia da UFSC e vivências nos anos iniciais do Ensino Fundamental*, apresento alguns documentos oficiais que regulamentam o curso de Pedagogia no Brasil e, essencialmente, quanto ao Estágio Supervisionado na formação docente e também suas indicações para o estado de Santa Catarina para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na continuação relato minha vivência no ESAIEF para situar o leitor da realidade encontrada no campo de estágio.

Em continuação, na seção 3, *Revisão Bibliográfica*, acrescento uma revisão sobre o assunto discutido o tema em uma síntese a partir de nove textos que problematizam o estágio na formação docente e a relação teoria e prática. Estes textos serviram de referência e comparações para esse trabalho. E em seu subtítulo trato sobre o entendimento dos autores sobre a relação *Teoria-Prática* na formação docente.

Na última seção, *O olhar sobre o estágio*, apresento o resultado da pesquisa exploratória através do questionário. Aqui como já dito foi feita uma análise de uma avaliação do ponto de vista das discentes e na sequência demonstro uma análise situacional através de gráficos com os resultados encontrados.

Através dos questionamentos aplicados, foi realizada uma classificação entre as questões em três eixos específicos, sendo o eixo 1 sobre a preparação no Curso de Pedagogia para o ESAIEF e o que neste as alunas consideram para este estágio; no eixo 2 as perguntas trataram sobre as vivências no campo de estágio e trazendo as vozes das alunas/professoras e suas percepções na sala de aula com seu grupo de crianças crescidas, que detém já uma bagagem cultural com suas subjetividades, enfrentamento que são relatados por algumas alunas/professoras nas respostas deste eixo; no eixo 3 estão as considerações sobre suas pretensões quanto atuar na docência – descobrindo o interesse de exercer a docência no AIEF para apenas a metade dos graduandos nesta questão.

Na última seção há as considerações finais. Esta pesquisa possibilitou fazer algumas reflexões sobre as experiências encontradas na prática do ESAEF do Curso de Pedagogia. Para as acadêmicas, de modo geral, estas vivências foram consideradas “Boas” e uma importante etapa na graduação. A formação teórica recebida no curso foi suficiente para a maioria das alunas. Quanto as suas pretensões para atuação na docência, apenas metade das entrevistadas responderam afirmativamente e tendo decidido anteriormente ao estágio, ou seja, mostra que este não influenciou nesta decisão. Apresenta as principais críticas apontadas que referem à entrada tardia neste campo de estágio e ao pouco tempo de duração desta importante etapa.

## **2 O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC E A MINHA VIVÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Neste capítulo pretende-se apresentar os documentos nacionais em que se apoiam a grade curricular do atual curso de Pedagogia e, especificamente, em relação ao ESAIF. Ademais, se analisará o que o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UFSC direciona em relação à carga horária para os estágios. Por fim, transcreverei brevemente a minha vivência nesta etapa formativa em conjunto com mais duas colegas.

### **2.1 O ESTÁGIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA**

O curso de Pedagogia destina-se à formação de professores para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, como definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, através da Resolução n.1, de 15 de maio de 2006, do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2006). A Resolução em questão, salienta, além do público alvo da Pedagogia, que atividades docentes do pedagogo, devem abranger experiências que ultrapassam os muros da escola, isto é, planejar, coordenar, avaliar e difundir conhecimentos científico-tecnológico em contextos escolares e não escolares. Pelas Diretrizes, o Curso de Pedagogia se destina,

[...] à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo Único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, 2006, p. 2).

É geralmente no período do estágio que o estudante, futuro professor, inicia suas experiências com a profissão docente. A Resolução n.1, de 15 de maio de 2006, do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2006 em seu artigo 8º, indica que o estágio

curricular deverá ser realizado, ao longo do curso, para assegurar aos graduandos uma “experiência do exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências” (BRASIL, 2006, p. 5). É um contato prévio, um experimento feito pelo graduando de como será sua vida profissional. É o momento de analisar os alunos ancorados nas teorias e pô-las em prática. Por esse motivo, segundo indicado no Artigo 8º, no Inciso IV, o estágio no Curso de Pedagogia, deverá efetivado na:

- a) na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, prioritariamente;
- b) nas disciplinas pedagógicas dos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal;
- c) na Educação Profissional na área de serviços e de apoio escolar;
- d) na Educação de Jovens e Adultos;
- e) na participação em atividades da gestão de processos educativos, no planejamento, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades e projetos educativos;
- f) em reuniões de formação pedagógica (BRASIL, 2006, p. 5)

O estágio, como já mencionado, é a etapa de iniciação do graduando na prática, isto é, ocorre nesse momento o encontro, o contato do graduando com a realidade dos alunos, vai se dando rumo a formação docente, no caso do curso de Pedagogia, no ensino infantil e nos Anos iniciais no Ensino Fundamental.

Destaca-se, principalmente, a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006 que trata da elaboração da proposta de estágio e que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, sobre estas, comenta Araújo (2010 p.10):

Nessas diretrizes pode-se observar a centralidade dos conhecimentos teóricos e práticos sobre os quais se estrutura a formação profissional do pedagogo, o reconhecimento da escola como organização complexa e sua função social, determinando a pesquisa, a docência e a gestão dos processos educacionais, como pontos centrais dessa formação. É ainda nessas diretrizes que fica determinada a realização do estágio curricular ao longo do curso, no sentido de proporcionar aos futuros profissionais experiência de exercício profissional, mas também como oportunidade de fortalecimento de atitudes, conhecimentos e competências nas áreas específicas de atuação do pedagogo prioritariamente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como visto em Araújo, as diretrizes ressaltam a importância do estágio na formação do pedagogo, levando-o a reconhecer a complexidade da escola, sua realidade

e sua função social, fortalecendo os conhecimentos na sua futura área de atuação. Nesse sentido Araújo (2010) fala sobre a importância de considerar as realidades encontradas durante a vivência do estágio e os cuidados com as promoções de políticas públicas no sistema de ensino:

Sabe-se da importância das políticas públicas para a organização do sistema de ensino, mas essas políticas precisam ser formuladas e implementadas com base na realidade concreta que a educação apresenta, ou seja, devem ser propostas a partir da reflexão sobre essa realidade por aqueles que desenvolvem o fazer educativo caracterizando uma democratização do ensino que, segundo Libâneo e Pimenta (1999), passa pela formação, valorização, condições de trabalho, pesquisas e experiências inovadoras no desenvolvimento profissional dos educadores. Neste sentido, seria insuficiente propor um projeto de estágio curricular que se ancorasse apenas na determinação legal não levando em consideração as bases necessárias para o desenvolvimento de uma ação educativa que se constrói num processo amplo de aprendizagem de conhecimentos teórico metodológicos, de saberes pedagógicos mais amplos e que envolve a valorização e reconhecimento identitário e profissional dos professores. (ARAÚJO, 2010 p.10,11)

Assim, não faria sentido que um projeto de estágio curricular se ancorasse apenas em leis, sem que houvesse uma reflexão sobre a formação, as condições de trabalho, as experiências dos educadores e o reconhecimento identitário, para deste modo amplificar a aprendizagem.

Além das Diretrizes da Pedagogia, foram aprovadas em meados do corrente ano novas diretrizes para todos os cursos de Licenciatura, que servem de base para estagiários e professores. Em seu Artigo 13, as Diretrizes Curriculares para o Curso de Licenciatura, tratam da formação inicial, em licenciatura para educação básica:

Os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura, organizados em áreas especializadas, por componente curricular ou por campo de conhecimento e/ou interdisciplinar, considerando-se a complexidade e multirreferencialidade dos estudos que os englobam, bem como a formação para o exercício integrado e indissociável da docência na educação básica, incluindo o ensino e a gestão educacional, e dos processos educativos escolares e não escolares, da produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional, estruturam-se por meio da garantia de base comum nacional das orientações curriculares. (BRASIL, 2015 p. 10)

Da mesma forma que trazem a estruturação dos cursos de licenciatura e sua multireferencialidade, as Diretrizes regulamentam a duração da formação do professor,

isto é, o período que o graduando deverá dedicar para efetivar suas atividades acadêmicas, sua formação. No Artigo 13, afirma-se que:

§ 1º Os cursos de que trata o caput terão, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas de efetivo trabalho acadêmico, em cursos com duração de, no mínimo, 8 (oito) semestres ou 4 (quatro) anos, compreendendo:

I – 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo;

II – 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição;

III – pelo menos 2.200 (duas mil e duzentas) horas dedicadas às atividades formativas estruturadas pelos núcleos definidos nos incisos I e II do artigo 12 desta Resolução, conforme o projeto de curso da instituição;

IV – 200 (duzentas) horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes, conforme núcleo definido no inciso III do artigo 12 desta Resolução, por meio da iniciação científica, da iniciação à docência, da extensão e da monitoria, entre outras, consoante o projeto de curso da instituição. (BRASIL, 2015, p. 11)

Como visto, as diretrizes determinam, entre as outras horas, que no período de estágio devem ser destinadas 400 horas nas atividades de estágio supervisionado obrigatório, na área de formação e atuação na educação básica, enfatiza-se que esse período pode variar conforme o projeto de curso da instituição. Essa carga horária é superior à definida nas diretrizes da Pedagogia que define o mínimo de 300h. para o estágio.

Neste sentido, nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Licenciatura, no parágrafo 7º, define-se que a regulamentação para o estágio curricular supervisionado é obrigatória e que a carga horária do curso deve respeitar o princípio de 300 horas:

III – a carga horária do estágio curricular supervisionado é de 300 (trezentas) horas; VI – deverá haver 200 (duzentas) horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos alunos, conforme núcleo definido no inciso III do artigo 12, consoante o projeto de curso da instituição; e continuação em relação aos estágios traz em seu parágrafo (§) 4º O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico. (BRASIL, 2015, p. 11)

No caso dos cursos de Pedagogia, ele deve seguir as duas diretrizes, pois são determinações legais proporcionando uma multireferencialidade a seguir.

Por sua vez, o projeto pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, em conformidade com as diretrizes nacionais para o curso de Pedagogia, compõe-se atualmente de 3.870 horas no efetivo trabalho acadêmico e deve apresentar o mínimo de condições materiais favoráveis para execução dos projetos, tal como organização nos horários, lousa, a preparação prévia pelo professor regente para recepção do estagiário na sala, para que haja uma boa aceitação para assim ocorrer a construção de novos conhecimentos para todos os envolvidos no processo do estágio.

## 2.2 O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC

Segundo Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da UFSC (2008) implementado em 2009 e em vigor na atualidade, determina que o Estágio Supervisionado em Educação Infantil deve ocorrer na sétima fase do curso sendo realizado na educação infantil e na oitava dedicada ao Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (ESAIEF). No Projeto do curso definia-se que:

O estágio é previsto para ocorrer na 7ª fase do curso, em concomitância com disciplinas que são suporte à elaboração do projeto de estágio e à ação docente neste nível de ensino. A carga horária é de 12 créditos (216 horas), distribuídas em atividades nos locais de estágio e atividades de orientação com os professores responsáveis. [...] na 8ª fase, com uma concentração de carga horária equivalente a oito créditos ou 136 horas. (UFSC, 2008, p. 39; 40).

Atualmente com 216h também na 8ª fase mudando-se para 12 créditos. Com esta alteração, buscou-se equiparar estas horas de estágios com o estágio Supervisionado na Educação Infantil e foi decidida em reunião pedagógica em anos posteriores ao PPP do curso.

Durante o curso de Pedagogia foram trabalhadas diversas disciplinas intrinsecamente para a prática escolar. Como a disciplina de Organização I e II, na qual criamos aptidões para reconhecer os sujeitos e suas particularidades, ou seja, suas subjetividades e para de tal modo adquirirmos habilidades para lidar com as diferentes situações encontradas no estágio e na vida profissional do pedagogo.

Na disciplina Educação e Infância VIII (Estágio II), através de textos acadêmicos, tomamos ciência da realidade sócio histórica à enfrentar em campo e assim fomos, em partes, preparados para a realidade que encontramos.



O curso de Pedagogia da UFSC concilia em seu PPP (UFSC, 2008), para o 8<sup>a</sup> semestre a disciplina Didática II em concomitância com a disciplina Educação e Infância VIII, estágio de docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fornecendo os aportes necessários ao desenvolvimento das atividades de ensino, pois está vinculada à especificidade do trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também nesta fase é administrada,

a disciplina Organização dos Processos Coletivos do Trabalho Escolar e que tem como foco a gestão democrática da escola, o projeto político pedagógico, a organização do trabalho escolar: linguagens, grupos, espaços e tempos, apontando para a importância da ética e da gestão do cuidado na educação escolar. Estas disciplinas voltadas de modo específico à docência e ao trabalho pedagógico nas escolas correlacionam-se, verticalmente, com outras disciplinas que dão sustentação ao ato de ensinar, considerando as particularidades dos sujeitos envolvidos na relação ensino-aprendizagem e a escola considerada nas determinações sociais que a constituem. Observando as especificidades que constituem e circunscrevem a docência na Educação Básica aos âmbitos específicos de seus diferentes níveis de ensino. (UFSC, 2008, p. 23)

Com estas disciplinas na grade do curso de Pedagogia da UFSC para a 8<sup>a</sup> Fase, há condições de suporte para a realização dos estágios. Apesar de ter em mente que a realidade nas escolas traz particularidades não contempladas em todos os textos estudados, acredita-se que com o apoio das disciplinas supracitadas houve uma possibilidade de entender algumas teorias estudadas nestas disciplinas, bem como lidar com as diferentes situações encontradas no cotidiano devido as discussões e estudos realizados durante estas disciplinas além de servirem para a problematização desta fase do curso.

Os estágios de Pedagogia da UFSC cumprem seus objetivos através de projetos de estágios que se convertem em planos de ação e que são elaborados de forma partilhada com as instituições de campo de estágio, realizando assim uma relação articulada entre universidade e rede pública.

O curso baseia-se nas Diretrizes Nacionais contemplando em números de horas superior ao exigido para os estágios, que é referenciado como um mínimo de 300 horas e multireferencialmente ainda com indicações para 400 horas. Entretanto atualmente, a distribuição desta carga horária é dividida igualmente entre o Estágio de Educação Infantil (Estágio I), detendo 216 horas, equivalendo a 12 créditos, realizado na 7<sup>a</sup> Fase, e

do ESAIEF com carga horária igual pelo seu novo PPP modificado para 12 créditos também.

Nesta fase ocorre um período de observação e registro, que serve como momento de socialização com o Grupo no qual o estágio é desenvolvido e que é útil também para a construção do planejamento para a prática pretendida. Conforme consta no projeto do curso,

O estágio está organizado tendo como pressuposto que a aprendizagem para a docência implica em dois exercícios básicos e complementares: a) o exercício de análise da realidade educacional brasileira, atividade que implica a compreensão das múltiplas relações que compõem o âmbito da prática docente (relações sociais, epistemológicas e princípios teórico-metodológicos das atividades e ensino e aprendizagem) e b) o exercício da prática docente, com a elaboração e produção de materiais acerca do processo realizado com o objetivo de comunicar e divulgar a análise dos resultados obtidos. (UFSC, 2008, p. 23).

As entrevistadas defendem uma mudança importante no período de “observação” e que contempla uma das atividades iniciais do estágio, afirmando que deveria acontecer em parte, antes do período do estágio nas escolas públicas e assim abrangendo o tempo da prática propriamente dita. No caso do estágio realizado pela turma que fiz parte, esta etapa (docência propriamente dita) foi realizada em três semanas, porém não permanecendo todos os dias em campo – iniciando em 20 até dia 23 de outubro, na primeira semana; Em seguida, de 27 a 30 de outubro e, por fim, na semana de 03 a 07 de novembro. Entre os suportes dos estágios, foram administradas as disciplinas de Didática I e II que abordaram especificamente a organização do ensino nos contextos escolares, o planejamento, desenvolvimento e avaliação do ensino. Sobre estas disciplinas, encontramos no projeto do curso que,

[...] voltadas de modo específico à docência e ao trabalho pedagógico nas escolas correlacionam-se, verticalmente, com outras disciplinas que dão sustentação ao ato de ensinar, considerando as particularidades dos sujeitos envolvidos na relação ensino-aprendizagem e a escola considerada nas determinações sociais que a constituem. Observando as especificidades que constituem e circunscrevem a docência na Educação Básica aos âmbitos específicos de seus diferentes níveis de ensino, (UFSC, 2008, p. 22)

Assim o curso de Pedagogia da UFSC, desde seu início, nos conduz à percepção e compreensão da criança como sujeito de direitos e com subjetividades que a diferenciam do adulto. Somos orientados a considerar quais espaços estamos construindo para estas

crianças, quais conceitos queremos transmitir e considerar no ensinar, educar e cuidar. Aprendemos a vislumbrar, por meio da observação, as relações sociais que as crianças estabelecem seus valores e culturas. Como afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 10):

A profissão professor é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.

Seguindo essas perspectivas é possível planejar o cuidar e educar das crianças, no período inicial do estágio.

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p. 25).

Os estágios de Pedagogia na UFSC são finalizados mediante a entrega de um documento final, em forma de relatório de estágio na educação infantil. Para o segundo estágio, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o documento final é entregue no formato de um memorial de estágio e através de uma socialização entre as instituições participantes. Este momento ocorreu com um compartilhamento das experiências de Estágio através de uma apresentação que também serviu para avaliações em todos os sentidos. Sobre isso é mencionado no PPP do curso que:

[...] relatório crítico das intervenções realizadas. A avaliação do processo é feita conjuntamente com as instituições que participaram dos estágios, em seminário de socialização de experiência, evento realizado semestralmente na UFSC. (UFSC, 2008, p. 38)

Além das explicações sobre os documentos legais que fundamentam os estágios na formação docente e o funcionamento deste no curso de Pedagogia da UFSC, passo na sequência à apresentar algumas considerações sobre a experiência do estágio para mim e para meu grupo.

### 2.3 MINHAS VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS<sup>6</sup>

Quanto ao estágio com a turma que eu fazia parte, no segundo semestre do ano de 2014 houve uma divisão entre os estagiários em quatro grupos, cada grupo com aproximadamente quatro a cinco duplas e um supervisor de estágio, totalizando 18 duplas e um trio. A maioria das estagiárias atuaram em escolas públicas que pertenciam ao Maciço do Morro da Cruz, que circunda o centro de Florianópolis, portanto, tiveram em sua maioria as mesmas condições encontradas no campo de estágio.

Meu estágio foi realizado com mais duas colegas, numa turma de 5º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede estadual de Santa Catarina, que faz parte do Maciço do Morro da Cruz. Esta turma que nos coube, estava formada por vinte e três crianças com idades entre 10 e 14 anos, sendo dez meninas e treze meninos. Foi possível perceber, que o grupo possuía faixas etárias distintas, desta forma, caracterizando-se com um grupo heterogêneo, e cada criança tinha habilidades diferentes das outras, na forma de ler e escrever, de relacionar-se com os outros, de agir, etc. Evidenciamos uma turma com diversos contextos sociais.

Este grupo se expressava constantemente, principalmente, pela necessidade de falar e brincar e pela transição da infância para a adolescência. Essas crianças mostravam interesse em descobrir coisas novas, por poesias, jogos e brincadeiras. Sendo bastante amistosas, participativas, carinhosas, sorridentes, curiosas. Colaboravam umas com as outras, em relação a professores, cooperavam quando conseguíamos chamar totalmente suas atenções para a aula, mas quando não, dispersavam-se.

No que diz respeito às interações dos alunos entre si, os conflitos também ocorreram, em vários momentos na sala de aula, A seguinte fala que presenciamos em sala corroborou com a nossa afirmação: “pego ela na rua e racho ela”. Em nossas vivências participamos de momentos de contradições como retrata o trecho a seguir:

*Durante a aula, percebemos que as crianças não se envolvem com a atividade. Continuam conversando sobre os assuntos que lhes convém, brincando com os amigos, provocando-se e xingando-se mutuamente. Parece um mundo paralelo. Enquanto isso a professora busca chamar-lhes a atenção constantemente, desgastantemente. (SANTANA; DIAS JUNIOR; BERNADINO, 2014).*

---

<sup>6</sup> O texto apresentado neste subtítulo foi retirado e adaptado dos registros e relatório do estágio que fiz com mais duas colegas numa escola do Maciço do Morro da Cruz da cidade de Florianópolis, numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Minhas colegas parceiras do estágio estão cientes e de acordo quanto ao uso parcial neste trabalho (SANTANA; DIAS JUNIOR; BERNADINO, 2014).

Durante o processo do estágio nos deparamos com reproduções de ideais em que o professor deve resolver tudo e ter responsabilidades para além das educacionais. Passa a ser função do professor “resolver” o problema indisciplinar, a falta de materiais, que constantemente somem, do giz que é quebrado e jogado pelas crianças.

Percebeu-se um grande desenvolvimento na interpretação, na arte com desenhos e pintura entre outras linguagens utilizadas na sala de aula que poderemos explorar como evidências de suas diversidades. Observou-se, dessa forma as verdadeiras culturas que as crianças/alunos trazem do seu meio social, para assim preparar uma metodologia adequada, por meio de avaliações e reavaliações de como poderíamos preparar aulas intencionais e eficientes na metodologia proposta.

O estágio com a turma do 5º ano nos deixou muitas experiências, sendo, umas delas sobre o entendimento de criança. Desde o estágio da Educação Infantil já vínhamos tendo rupturas com a expectativa da criança ideal, calma, submissa, passiva, ordeira, esperando o conhecimento entrar por osmose ou algo semelhante. Sobre o sentido da maneira de ser criança acreditamos, orientados por Kramer (2007, p. 16-17), que,

[...] a criança cria cultura, brinca e nisso reside sua singularidade. [...] as crianças produzem cultura e são produzidas por ela. [...] são colecionadoras. [...] colecionam coisas que evocam situações vividas, conquistas, perdas, pessoas, lugares, etc. Coisas que contam suas histórias e suas trajetórias. [...] o olhar infantil é crítico, vira as coisas pelo avesso, desmonta, desmancha, constrói novos significados. Mas é preciso considerar o contexto, as condições concretas em que as crianças estão inseridas e onde se dão suas práticas e interações, assim como é preciso considerar os valores e princípios éticos que queremos transmitir na ação educativa. As crianças são sujeitos sociais, nascem numa classe social, numa etnia, num grupo social, onde costumes, valores, hábitos, práticas sociais, experiências, interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. É preciso conhecer a singularidade da criança e as determinações sociais e econômicas que interferem na sua condição, exige reconhecer a diversidade cultural e combater a desigualdade de condições, implicando em garantir o direito à condições dignas de vida, à brincadeira, ao conhecimento, ao afeto e a interações saudáveis.

Depois de passar pelo 5º ano, esta concepção de infância torna-se mais real: crianças concretas, crianças com as vivências mais improváveis, crianças que se movimentam, que negam o que a escola quer oferecer, crianças com históricos de violências diversas. Neste sentido Dantas (2013) já tinha dado pistas de particularidades das crianças do contexto do Maciço do Morro da Cruz, como se percebe no excerto abaixo,

[...] não há como dissociar o espaço onde habitam as crianças e jovens dos territórios dos morros e encostas de Florianópolis dos espaços de escolarização que atendem majoritariamente este público escolar. Tais espaços – territórios dos morros e as unidades de ensino públicas – apresentam racionalidades particulares de convívio, o que precisa ser atentamente observado na elaboração de proposições políticas e pedagógicas. (DANTAS, 2013, p.18)

E encontramos em sala de aula esta realidade e vivenciamos esta realidade que precisa de mudanças através de políticas sociais atualizadas para as suas resoluções devido à grande carência de material humano e principalmente afetiva, na atual conjuntura das escolas públicas Brasileiras para a transformação destas realidades.

Neste estágio podemos conceber na realidade da prática docente que as respostas das crianças não segue um padrão igual a todos. Por intermédio do estágio enxergamos formas de trazer para a prática a contemplação das suas culturas e concepções de vida dos alunos, suas carências afetivas. Ademais foi possível conceber que as metodologias pedagógicas usadas comumente passaram a compreender este mundo criado pelo capitalismo e que segrega a maioria das pessoas em diversas formas, Maldonado compartilha deste ponto: “por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e no baixo rendimento escolar” (MALDONADO, 2002 Apud JARDIM, 2006, p. 20).

Acredita-se que essas diversas experiências nos ensinaram a compreender mais a realidade que cada um traz das suas relações sociais. Que entre as crianças há um desenvolvimento de outras linguagens, principalmente, entre os alunos considerados mais problemáticos.

Essa etapa do estágio foi um grande desafio, pois nenhum dos graduandos que fez parte de minha equipe tinha a dimensão do que seria a atuação em uma sala de aula dos anos iniciais. Pensamos em diversas propostas para o 5º ano, mas na medida em que fomos conhecendo melhor a turma nos deparamos com obstáculos e tivemos que adaptar, reformular e refletir acerca de nossas concepções teóricas.

Não foi um período nada fácil da nossa prática docente, tivemos que conhecer os nossos limites e vencer os nossos medos. E entender os ritmos de aprendizagem diferenciados, como bem pontuamos no registro durante a observação de campo:

As crianças conversam sem parar. A professora trouxe textos em forma de piadas, impressos e recortados por ela, explicou qual seria a

atividade: ler a piada e descobrir a função da pontuação, que, ao ser trocada de lugar, pode mudar o sentido das frases. O trabalho foi feito em duplas. Conforme orientação da professora, sentei-me (Fernanda) ao lado da carteira do aluno “C”. O trabalho em duplas animou os alunos. As crianças gostam de se expressar. Algumas crianças não acompanham a prática pretendida. Sentei ao lado da dupla “J” e “E” (Camila) e estava escrevendo em meu caderno, quando “E” me indagou: “você está escrevendo mal da gente”? Nessa questão da fala, fica clara a questão do estigma. Complicado! Pedi para que cada um lesse o texto de piadas um para o outro, percebi que o menino “E” aponta dificuldades na leitura, mas é um menino muito participativo que se esforça muito. O menino Juan não aponta dificuldades na leitura e me disse que gosta de ficar na dele, pois, as pessoas copiam o que ele vai falar. Nesse relato fica evidenciada a questão da diversidade cultural. (SANTANA; DIAS JUNIOR; BERNADINO, 2014)

Desta forma a partir do encontrado, refletiu-se em nossa prática pedagógica questionamentos que tentamos compreender, como: O que nós professores em uma sala de aula poderíamos fazer para dar conta de 23 alunos? De que forma, conseguiríamos ensinar e dar atenção para os alunos, sendo que cada ser é diferente do outro? Como a escola está atuando com essa formação, junto com os pais? A escola está fazendo a devida valorização dos contextos culturais dos alunos? De que forma a escola lida com a questão da violência? São essas inquietações que nos fizeram pensar acerca de uma gestão democrática de qualidade, essencial no processo escolar, ou seja, a participação de todos os sujeitos da instituição é fundamental para que haja uma organização coletiva.

Conforme Dayrell (1996, p. 2), “o sujeito constitui o cotidiano da escola, sendo importante tratar o aluno enquanto indivíduo que possui uma historicidade”. Deve ser analisado no processo educativo, os que dão vida a escola deve buscar apreender os processos reais do cotidiano da instituição e resgatar assim “o papel ativo do sujeito na vida social da escola” (DAYRELL, 1996, p.2). Estas realidades cotidianas possibilitam ver as diversidades sociais dos alunos e as várias dimensões humanas dos sujeitos, alunos, professores e funcionários da instituição “superando a visão estereotipada de noção de aluno, dando outro significado” (DAYRELL, 1996, p. 05). E citando em sua defesa para esta humanização da realidade as considerações de Sacristán (1934, p. 70 apud DAYRELL, 1996, p. 05): “é necessário modificar o cotidiano escolar em seu espaço e tempo, tornando-o significativo e diferenciando-se da homogeneização escolar comumente aplicada. A realidade social dos alunos deve ser observada”, ou seja, a que se levar em conta “as múltiplas realidades e sentido de vida”.

Observamos que a Professora regente trabalhou com os alunos as disciplinas de Matemática (Números Decimais), Ciências (Sistema Nervoso), Língua Portuguesa (Pontuação, através do gênero textual anedotas), História (Escravidão dos negros no Brasil), Geografia (Relevo – planalto, planície, montanhas e morros). Que construiu com os alunos um livro sobre folclore, com dobraduras de papel. Presenciamos também momentos de idas à biblioteca, bem como, idas à sala de vídeo. Tivemos oportunidade de observar um dia de atividade do PIBID da UDESC com o grupo do 5º ano, quando foi apresentado um vídeo sobre a origem da imprensa, sendo feitas perguntas para as crianças após a apresentação do documentário e, na sequência, foi produzido um cartaz com notícias recortadas de jornais e revistas. Embora estivessem em cinco professoras, sendo quatro já atuantes e uma Mestre em Biologia, observamos que a dificuldade em manter a turma envolvida na atividade foi a mesma verificada quando a turma estava somente com a professora regente.

O tema escolhido para a realização do nosso projeto surgiu a partir do que a professora estava desenvolvendo em sala de aula. Para a elaboração do nosso planejamento didático, partimos do pressuposto de que a observação e o registro sobre as crianças/alunos, suas formas de interação, suas necessidades constituem possibilidades de organização da prática docente. Conforme destaca Gandini (2002), a observação e o registro das atividades diárias das crianças/alunos, auxilia na ampliação do conhecimento sobre estas crianças e, por conseguinte, no planejamento de ações educativas que ampliem as possibilidades de uma experiência significativa para as crianças no tempo em que elas passam na instituição/escola.

Nossa prática foi pautada, dentre outros princípios, pela escuta atenta e observação constante das nossas atitudes, das necessidades, interesses e desejos das crianças. Em nosso período de observação percebemos que as crianças possuem ritmos de aprendizagem diferenciados. Uma dessas necessidades, que encontramos logo no início de nossa chegada à escola, foi a dificuldade na leitura e na escrita. Percebemos, também, que o ritmo dos alunos era diferente, enquanto alguns (dois!) terminavam logo a atividade, outros demoravam um pouco mais e acabavam por desistir de fazer, caso não fossem atendidos com brevidade.

Propusemos uma prática que permitisse contemplar ao mesmo tempo os interesses das crianças, das professoras, da instituição e dos documentos oficiais orientadores da educação básica, a Proposta Curricular de Santa Catarina, que indica que,



Estando a criança e o adolescente, por definição legal e compreensão pedagógica, em processo específico de desenvolvimento que exige a proteção da sociedade, a escola, entendida como lugar de convivência cotidiana de crianças e adolescentes e com a função social de socializar conhecimentos científicos em prol da qualificação cidadã, é lócus privilegiado tanto, para o ensino dos direitos e deveres amplamente divulgados no Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto de sua proteção intelectual, física e emocional. (SANTA CATARINA, 2005, p.28)

Entendemos que a escola é um lugar privilegiado para abrir espaço para o diálogo aberto e sem julgamentos, onde a criança ou o adolescente pode se abrir e falar dos seus medos e anseios, procurar compreensões e aprendizados. E que lugar mais propício para enriquecimento de relações do que o Estágio Supervisionado na Educação Fundamental, onde habita todas as tardes, tribos de crianças e pré-adolescentes, com características tão diferentes entre si?

Com o Estágio aprendemos a importância do olhar nos olhos, de ouvir com atenção o que cada um tem para falar. Eles têm coisas para falar. Acreditamos que nós professores devemos ouvir, dar voz, porque faz parte do processo de aprendizagem, o falar, a expressão oral. A língua portuguesa não é só escrita, ela é falada também. Conforme Madalena Freire (1996, p.10),

[...] a ação de olhar e escutar o outro é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história. Só podemos olhar o outro e sua história se temos conosco mesmos uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história.

Madalena Freire (1996) nos orientou sobre o “olhar como instrumento da observação”, que é preciso educar o olhar, que o “olhar envolve atenção e presença” (FREIRE, 1996. p.10), notamos claramente que a atenção que dávamos para cada criança/aluno era muito importante para eles. Os pedidos de ajuda nos momentos de tarefa, em que vinham todos juntos, ao mesmo tempo, então enquanto atendíamos um, o outro já ficava chateado e queria desistir da atividade. Das vivências intensas que tivemos na escola, a atenção que demos a eles fez muita diferença.

Nossa proposta também se baseou nestes preceitos. O projeto da turma chamava-se “Liberdade e Cuidado – Eu cuido de mim – Quem cuida de você? ”, e se justificava pela intenção de trabalhar o cuidado de si e do outro, a amizade entre as crianças/alunos, combatendo a discriminação e a alienação e com a finalidade de apontar elementos para que as crianças possam se tornar mais reflexivas e críticas.

Na função de lidar com as crianças do 5º ano, tomamos emprestadas as palavras do livro “Gestão do Cuidado: Escola que Protege”, em que é mencionado o seguinte:

[...] ao assumir como princípio o cuidado, ocupa-se antecipadamente com a acolhida do outro. Ensina que, quando lidamos com cenários onde as violências têm lugar, é preciso ir além do ato de nomear, de categorizar ou classificar suas manifestações. É fundamental que saibamos pôr em prática o cuidado, como um de acolhida do olhar, que complexifica os modos de entendimento dessas manifestações e procura contextualizá-las nas redes de relações em que estas são produzidas. (SOUSA, 2010, p.14)

A prática do cuidado e a ternura complementaram-se em resposta às necessidades de atenção e em alguns casos individualizadas para as crianças.

Após o período de observação, buscamos elaborar um planejamento para um encontro com o mundo conhecido da criança e assim facilitar tanto a prática pedagógica quanto seus resultados. Fizemos o possível para promover o entendimento deste mundo pelo professor, como nos instruiu os textos preparatórios estudados nas disciplinas de Didática II e Organização dos processos educativos e através dos pesquisadores como Dayrell (1996). Este defende que a escola deve ser pensada como espaço para uma educação participativa pacífica e livre, sendo assim democrática, sem apagar as subjetividades dos sujeitos nestas convivências, para que haja realmente a educação com participação de todos, seus ideais e motivações de vida.

Optamos por manter uma convivência baseada na persuasão, não por imposição, mas com trocas de aprendizados adquiridos pelos participantes trazendo o educando para a atividade pedagógica, seus significados, suas culturas, seus mundos e o diálogo entre estes mundos. Almejamos, enfim, uma prática pedagógica que considerasse a realidade social dos alunos provenientes de morros e encostas, em que os índices de evasão e da internalização do insucesso escolar são elevados, demandam uma ação imediata, uma escuta sensível dos problemas e embates nos espaços escolares e na formação docente “sem desvincular a intencionalidade dos saberes escolares com as opções políticas ideológicas dos/as educadores/as”. (DANTAS, 2009, p.434)

Dantas (2009) nos fez olhar outros ângulos das vidas destas crianças e nos deu uma possibilidade de pensar a criança e a escola em um contexto sócio histórico, trazendo assim, uma possibilidade de compreender seus sujeitos e também como instituição constituída, as concepções de escola e modelos de formação que a constitui.

A instituição escolar engloba também os processos de ensino e de aprendizagem, que segundo Vygotsky (1931, p.101),

[...] todo aprendizado é necessariamente mediado [...] o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto. [...] o ensino deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes.

Além disso, o processo de ensinar e aprender se constituem mutuamente, ou seja, à medida que se ensina também se aprende. A escola é também um campo privilegiado, posto que, é um espaço de formação humana e de transmissão de conhecimentos historicamente acumulados. É espaço de socialização, de transmissão de valores e conhecimentos através de um conjunto de forças, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), as quais norteiam concepções e reproduções de mundo, configuram os espaços da escola e o corpo docente.

A instituição estabeleceu para o grupo de estagiários, o seguimento das matérias programadas para o semestre do 5<sup>a</sup> ano que cumprimos através de palestras e exposições em vídeo e atividades em grupos. Dentre as palestras, as que tiveram mais êxito foram as que questionavam os estudantes sobre seus ambientes sociais e sobre o tinham aprendido, contudo, poucos alunos participaram. Na oficina de contação de história e composição de músicas obtivemos uma participação mais expressiva das crianças. Realizamos ainda, atividades em equipe que visavam a exploração das artes, qualidades encontradas nas crianças em seus desenhos e colagens, forma considerada a mais eficiente para expressar o aprendizado dos alunos.

Um dos limites mais evidentes encontrados na turma foi a falta de disciplina, em que apenas uma minoria ouvia o que era dito pelo professor. Isso significa que um quarto da turma atentava para aula, enquanto os outros conversavam paralelamente, não havia teoria que desce conta de manter a turma em silêncio para o entendimento dos conteúdos, por esse motivo os replanejamentos avolumaram em diferentes jogos, utilizados como ferramentas pedagógicas e em atividades que contemplassem de forma lúdica e em outras linguagens as práticas enunciadas para o dia, como sugere Góes (1997, p.27):

O jogo dialógico entre sujeitos não tende a uma só direção; ao contrário, envolve circunscrição, ampliação, dispersão e estabilização de sentidos. Um determinado conhecimento (pretendido, na intencionalidade do outro; ou previsto, na perspectiva de um observador) pode ou não ser construído pelo indivíduo, mas, em qualquer caso, é na complicada

dinâmica do funcionamento intersubjetivo que devemos examinar o processo. (GÓES, 1997, p. 27)

O trabalho individualizado e por equipes foi uma estratégia que obteve resultado positivo. As trocas de experiências vividas e relatadas em sala do final do semestre, proporcionaram uma socialização entre todos e um sentimento de grupo, o que foi muito bom para a turma. No planejamento consideramos suas diversidades e possibilidades educativas, exploramos as influências sociais que indicavam o grupo e trouxemos para a prática pedagógica esta cultura expressa em linguagem musical.

A atividade em equipe e em diferentes linguagens, isto é, do desenho, música e arte foram beneficiadas no replanejamento. Paródias foram criadas em equipes, situações sociais analisadas, temas importantes como racismo, direitos sociais e temas polêmicos como educação sexual, foram explicadas e debatidas com as crianças.

Outra ferramenta pedagógica muito usada nos planejamentos diários foram as brincadeiras com intencionalidades pedagógicas e a contação de histórias que começou a ser um hábito na instituição e principalmente na 5ª série, devido aos seus resultados positivos em manter a turma altamente concentrada.

A aproximação e cooperação do corpo docente ajudou, nestas percepções, a entender como podemos avaliar as crianças sobre outros pontos de vistas. Outro fator que influenciou o nosso planejamento foi o fato da instituição direcionar alguns temas para o cumprimento do planejamento didático já em andamento na escola para a turma do 5º ano.

Propomos uma prática que permitisse contemplar ao mesmo tempo os interesses das crianças, das professoras, da instituição e dos documentos oficiais orientadores da educação para a educação básica, conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina, que indica que,

Estando a criança e o adolescente, por definição legal e compreensão pedagógica, em processo específico de desenvolvimento que exige a proteção da sociedade, a escola, entendida como lugar de convivência cotidiana de crianças e adolescentes e com a função social de socializar conhecimentos científicos em prol da qualificação cidadã, é lócus privilegiado tanto, para o ensino dos direitos e deveres amplamente divulgados no Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto de sua proteção intelectual, física e emocional. (SANTA CATARINA, 2005, p.28)

Reafirmamos assim que a escola é um lugar privilegiado para abrir espaço para o diálogo aberto e sem julgamentos, onde a criança ou o adolescente pode se abrir e falar

dos seus medos e anseios, sobre questões que na sua casa, talvez, não haja abertura, as Orientações Curriculares de Santa Catarina, mais uma vez, nos dizem que,

A escola democrática é antes de tudo um espaço aberto em construção coletiva que visa a inserção de todos e que sabe que o respeito à diversidade cultural e étnica enriquecem as relações. Entende-se que é na heterogeneidade que reside a melhor produção de soluções sem, contudo, deixar de combater as diferenças que discriminam e alienam. (SANTA CATARINA, 2005, p. 28)

O que nos fez refletir sobre a docência, além de trazer-nos experiências concretas através de diferentes linguagens e mundos que as crianças vivem e que nos ajudou muito a entendê-las e fazer dar certo o que pretendíamos, dentro das possibilidades encontradas.

Tanto a escola quanto a professora de sala sempre nos deram abertura para conversar sobre o planejamento e a avaliação. A professora nos indicando o que era possível e interessante realizar e, ainda, nos alertando sobre o que talvez não fosse viável. Dessa forma, os desafios nos nossos planejamentos se desenvolveram através de replanejamentos que os tornaram mais assimiláveis a turma em sua compreensão. A escola disponibilizou os espaços, materiais, biblioteca, sala de vídeo. Nossa proposta pedagógica também seguiu os princípios da LDB 9.394/96, que na Seção III - Do Ensino Fundamental, assegura que, Art. 32.

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9(nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996)

Através destes rumos, podemos promover novas orientações entre as atividades escolares e as suas práticas educacionais, em outros contextos educativos, utilizando ferramentas novas como as linguagens das mídias, comumente usadas na atualidade. Poderia se conquistar novos espaços para as crianças se colocarmos a educação também para fora das escolas e levá-la para os cinemas, teatros, shows, festivais musicais e outras instituições e espaços em que as crianças desenvolvem suas habilidades sociais e porque

não, políticas. Como forma de tornar as aulas mais atraentes e assimiláveis e a educação de mais qualidade.

Foi uma vivência imprescindível e rica em experiências e conhecimentos e auxiliada pela bagagem teórica concebida. As teorias concebidas durante o curso nos proporcionaram um bom embasamento para compreendermos as crianças e seus mundos, seus ambientes e condições sócio históricas, e ainda o entendimento referente às concepções de educação vigentes na atualidade. Compreende-se que aliar teoria e prática se trata de uma tarefa complexa, mas de grande relevância para que possamos enriquecer os conceitos estudados ao longo da nossa trajetória acadêmica e profissional, visando proporcionar uma prática docente de qualidade, fundamentada no respeito aos direitos das crianças e às suas singularidades.

Por fim, aprendemos que a Pedagogia é uma área em que tudo está a se revelar. O estágio traz a formação e o suporte prático para a observação destas teorias e pesquisas que estão em plena construção com a realidade encontrada nas salas de aulas.

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Após ter vivenciado e analisado a prática, faz-se necessário apresentar a bibliografia que norteou este trabalho de pesquisa. Buscou-se textos acadêmicos da área da educação em meio eletrônico que tratassem de discutir a atual condição dos Estágios Supervisionados e suas consequências na formação do licenciando, além de analisar as vivências do estágio e explanar as percepções sobre esse momento de formação especialmente no Curso de Pedagogia. Esses temas são discutidos através dos trabalhos acadêmicos expostos no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos selecionados que tratam da temática em estudo neste TCC, 1990-2014.

Fonte: produção própria a partir do sistema de busca *Scielo* e *Google Acadêmico*.

<i>ANO</i>	<i>TIPO</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>AUTOR(s)</i>
2013	Trabalho em evento	O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos Cursos de Pedagogia	José Carlos Libâneo
2013	Trabalho em evento	A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão	Stela C. Bertholo Piconez
2012	Dissertação de Mestrado	Tensões e possibilidades do estágio curricular supervisionado como potencializador da formação e da perspectiva política do pedagogo	Berenice Lurdes Borssoi
2010	Dissertação de Mestrado	Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional	Geiza De Araújo
2009	Trabalho em evento	Atratividade da docência limites e possibilidades: contributos para uma análise do estado da arte	Magna Sales Barreto
2009	Artigo	Desmotivação: um fator negativo na prática do professor	Tuanny Kamila Braga Oliveira
2009	Trabalho em evento	A contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo	Angela Maria Barbosa
2009	Relatório	Atratividade da carreira docente no Brasil – <i>relatório preliminar</i>	Bernadete A. Gatti Et al.
2006	Trabalho em evento	Estágio e docência: diferentes concepções	Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima
1995	Trabalho em evento	O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?	Selma Garrido Pimenta

Esses textos ajudaram na compreensão da temática, possibilitando análise comparativa com os dados encontrados sobre a realidade do campo de estágio vivenciado pelas/os alunas/os de Pedagogia da UFSC e no estudo quanto aos significados e a importância que esta etapa de formação promove para quem a vivência. Os textos proporcionaram entendimento acerca de assuntos que vivenciamos no estágio, como um

entendimento para as causas da exclusão e de problemas encontrados em sala de aula, provocados por uma cultura de um sistema quase imperceptível e oculto de competitividade e consumo impostos pelo mesmo sistema que o gera. Em que poucos alunos conseguem trilhar nesta competitividade produtivista adotado nesta atual sociedade.

Com intuito de apresentar o material estudado, exponho uma breve síntese dos textos.

Quanto à atratividade da profissão de professor os trabalhos de Pimenta (1994; 1995) e os estudos de Gatti et al. (2009) permitem observar alguns fatores ligados à questão, destacando que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, alteraram as formas e as relações de trabalho bem como a educação escolar e o trabalho docente. Complementarmente, o texto de Libâneo (2013) discute a importância social da profissão do Professor. Questão que atualmente merece muita atenção, principalmente daqueles que pretendem, ou que seguem este ramo profissional, com a finalidade de tornar o trabalho cotidiano mais atraente e estimulante.

O trabalho de Barreto (2009) “Formação de professores e práticas pedagógicas: a atratividade da docência limites e possibilidades: contributos para uma análise do estado da arte”, traz um levantamento sobre a temática da atratividade docente, com base numa análise dos artigos apresentados e das dissertações publicadas no Brasil, a partir de uma leitura na íntegra dos estudos de Gatti et al. (2009), Valle (2006), Lelis (2008), Leme (2012) Louzano, (2009) Vieira, (2002). Estes trabalhos salientam os fatores que são relevantes na atualidade para a escolha da profissão: a representação social da profissão, além da desvalorização, o aspecto salarial e qualidade da formação.

Entre a relevância da pesquisa de Barreto (2009) está a percepção do número reduzido de estudos sobre o processo de permanência na profissão e as dificuldades em atrair novos adeptos à docência, e em relação a como criar uma “imagem positiva da carreira docente, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que caminham para a efetivação da qualidade do ensino e a superação do estigma negativo quanto ao exercício da profissão” (BARRETO, 2009, p.02). As pesquisas da autora, quanto à atratividade da carreira docente, servem de referência para o questionário realizado com os formandos do 9º semestre de Pedagogia da UFSC sobre as expectativas dos discentes quanto ao futuro na docência. Há de se refletir sobre o interesse em ser professor, ou mesmo, sobre o motivo pelo qual ocorre esse desinteresse, os poucos trabalhos encontrados sobre essa temática foi também um dos motivos pelos quais



ocorreu a pretensão de dissertar sobre o tema. Além da finalidade de trazer à tona a realidade prática do cotidiano docente. Seguindo os mesmos princípios, Oliveira (2009), em “Desmotivação: um fator negativo na prática do professor”, demonstra uma reflexão sobre as realidades vividas na sala de aula. Entre as situações que geram essas duras condições de trabalho encontradas e a falta de uma reflexão, a autora considera que isso acaba “conferindo o depreciativo título de “sofredor”, representativo das duras condições de trabalho e de (des)respeito às quais se submete, mas que pode tornar-se um alibi nas mãos de professores incapazes de refletir sobre sua própria atuação” (OLIVEIRA, 2009, p.75). Esclarece ainda que o professor tem uma missão bastante difícil de ser alcançada que é tornar os alunos aptos a utilizar as diferentes linguagens – “verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação” (BRASIL, 1997 apud OLIVEIRA, 2009, p.82). De tal maneira, defende que o professor aprenda a lidar,

com o fracasso e com as frustrações. Este deve ser um desafio motivador para melhorar a qualidade do processo ensino- aprendizagem [...] em um conjunto de lutas políticas, em favor do ensino, em favor da docência enquanto profissão e não sacerdócio. (OLIVEIRA, 2009, p. 82).

Cabe registrar que essa dura realidade foi encontrada por muitas das minhas colegas e por mim no campo estagiado nos AIEF durante nossa formação no Curso de Pedagogia. Em outras palavras, encontra-se na prática do Estágio Supervisionado situações que envolvem o conceito de professor sofredor, no qual o professor carrega uma espécie de fardo, como relatado também por alguns professores das salas estagiadas. Estas representações de um aprendizado corporificado, refletidos em suas práticas pedagógicas e situações frustrantes durante o período de campo e que encontra eco no texto de Oliveira (2009), nos mostra o que vem sendo explorado na temática da situação dos docentes na contemporaneidade. Situações essas que devem ser contornadas e experienciadas, para assim tornar-se uma profissão sempre mais interessante e gratificante, sem passar a sociedade essa impressão de sofrimento e tristezas constante, o que acabam por degradar a imagem da carreira docente.

Nesse sentido, Oliveira (2009) discute em seu texto sobre a realidade atual de ensino, suas deficiências e seus fracassos. Em suma, revela uma necessidade de valorizar o professor dando-lhe maior atenção para que transforme seus próprios conceitos

negativos e assim possa reproduzir nas suas práticas educativas perspectivas para uma vida melhor para seus alunos, tornando-os participativos e cidadãos conscientes. Esse olhar deve partir do próprio professor, o qual deve fazer dos fracassos, experiências, uma vez que essa auto depreciação, torna a profissão desestimulante e o clima pesado, até mesmo aos olhos dos alunos, o que cada vez mais dificulta o relacionamento e conseqüentemente cria mais empecilhos para dia-a-dia profissional. Essas questões estão diretamente relacionadas a metodologia utilizada.

O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia, foi discutido no texto de Libâneo (2013). O autor também analisa em seu texto os currículos do Curso de Pedagogia na formação de professores e, em especial, as ações que estão se realizando para a valorização do curso e sobre as condições do exercício docente. Por seus estudos, o autor compreende que o domínio dos saberes disciplinares e o conhecimento pedagógico do conteúdo dependem de duas exigências fundamentais:

[...] da formação profissional de professores, o que requer deles a compreensão da estrutura da matéria ensinada, dos princípios de sua organização conceitual, do caminho investigativo pelo qual vão se constituindo os objetos de conhecimento, e, ao mesmo tempo, o conhecimento pedagógico do conteúdo, ou seja, como temas e problemas podem ser organizados e trabalhados de modo a serem aprendidos pelos alunos. (LIBÂNEO, 2013, p.575)

De tal modo, e como já anteriormente citado nessa pesquisa, acredita-se que o estágio deveria ocorrer em fases anteriores do curso, para que aos pouco o licenciando mantenha contato com essa experiência. Quanto aos conhecimentos construídos com os alunos, estes devem ser muito bem compreendidos pelo professor e adaptados a realidade da turma, para que o processo de ensino e aprendizagem possa ocorrer. O Professor contemporâneo precisa ser *multicriativo* e “pescar” através dos interesses dos alunos, as possibilidades para o ensino. Libâneo (2013), citando Vygotsky, conclui que a importância social da profissão está na ação docente:

Tal como expressa Vygotsky, trata-se de uma reconstrução individual da cultura num processo de interação com outros indivíduos: o que inicialmente são processos intersíquicos se convertem em processos intrapsíquicos. Sendo assim, a intervenção pedagógica pelo ensino é imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral, por onde se opera a mediação das relações do aluno com os objetos de conhecimento (LIBÂNEO, 2013, p.576)

E, assim, explica a complexidade da profissão em que a ternura funciona como uma ferramenta nestes processos de intervenções pedagógicas é um importante instrumento no processo de ensino aprendizagem. O texto de Libâneo (2013) é interessante para referenciar as experiências encontradas no período das vivências pedagógicas, compreender e valorizar a profissão docente, através de considerações de seus efeitos sociais positivos para o desenvolvimento dos alunos e da comunidade em que se inserem. Como em toda profissão, ser professor envolve pontos positivos e negativos, cabe ao profissional saber relevar e enfrentar as dificuldades impostas, estimular-se com os acertos de maneira a construir uma carreira de sucesso.

Sobre a contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo, Barbosa (2009), salienta a formação de professores e sua relação com o estágio supervisionado. Trata-se de um trabalho similar ao que está sendo realizado nesta pesquisa por abordar os problemas e enfrentamentos no estágio nas escolas e a experiência do estágio na formação do professor. Barbosa (2009) levantou dados a partir de um questionário, procurando assim uma discussão de caráter qualitativo sobre a opinião dos alunos do Curso de Pedagogia e, a partir das análises das respostas, conhecer a opinião dos alunos quanto ao estágio e suas práticas. Este levantamento teve como retorno no trabalho de Barbosa (2009, p. 3683) que,

É possível destacar alguns aspectos que ainda precisam ser superados como, por exemplo, a aceitação real do estagiário por parte dos professores regentes, que em alguns casos, consideram o estagiário um “intruso”. Vale ressaltar que no caso do grupo que colaborou com a pesquisa, as maiores dificuldades enfrentadas estão mais ligadas a organização pessoal do aluno, como por exemplo, o tempo para preparar aulas e articulação do período de estágio com o trabalho. Além dessas questões há também a falta de experiência em sala, articulação entre teoria e prática, apresentação didática, que são aspectos apontados como dificuldades, mas que representam um processo ainda em desenvolvimento visto que ainda estão aprendendo estes instrumentos na sua formação.

É possível observar aqui nas respostas encontradas na pesquisa de Barbosa (2009), alguns dos questionamentos com respostas que confirmam alguns dos resultados e perguntas realizadas no meu trabalho quanto ao preparo para a docência, em relação ao tempo e suas etapas para esta preparação e da articulação teoria-prática entre outras. E encontra soluções, qual seja,

A solução para isto seria uma fundamentação teórica, que propicie pensar sobre a prática através de seus pressupostos teóricos. A busca pela boa qualidade na educação em nosso país está atrelada, entre tantos fatores, ao fator da boa qualidade na formação dos professores. Esse fator sozinho não dará conta de solucionar todos os problemas educacionais em nosso país, mas uma formação de boa qualidade de nossos professores é também um aspecto que precisa ser levado em conta. Ele não é o início nem o fim, mas um aspecto importante do processo e do contexto. (BARBOSA, 2009, p. 3684)

Barbosa (2009) trata de assuntos que são de suma importância para a conscientização do que o estágio proporciona ao educando ao “adotar um olhar de educador em relação às questões do exercício da profissão relacionadas à docência” (BARBOSA, 2009, p. 3672). Aqui teço uma crítica quanto a este “olhar de educador” ser apenas vivenciado e proporcionado somente no período final da graduação e ainda não estar naturalizado para o docente. No seu texto, Barbosa (2009, p. 3674), menciona que “a formação docente faz parte de um processo de viver criativamente e refletir diariamente sobre sua prática para assim, garantir a justiça na sociedade, tendo a certeza de que se está educando para a transformação social.” A autora salienta, por fim, a importância do professor para a comunidade e, portanto, valoriza a profissão. A valorização que deveria ocorrer em unanimidade, por parte de toda sociedade, dos pais, alunos e do próprio professor, o que já deve ser enfatizado desde o momento do estágio.

O trabalho de Piconez (2013) mostra uma realidade comumente encontrada nas salas de aula e defende temas recorrentes ao trabalho do Pedagogo. Também são apresentados a partir das contribuições dadas pelos discentes entrevistados sobre o que foi observado nas salas de estágio, referente aos constantes embates entre a teoria e prática e dos replanejamentos constantes das práticas pedagógicas através de metodologias renovadas. A autora descreve como “prática-teoria-prática” estes replanejamentos. Na formação do pedagogo, alerta quanto a necessidade de uma prática reflexiva desta contextualização (PICONEZ, 2013).

A autora ainda enfatiza que devemos refletir sobre as experiências desta prática construída teoricamente, em que “são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permite perceber que permeiam as atividades e a fragilidade da prática” (PICONEZ, 2013, p. 19). Através desses estudos foi possível desvendar a origem, comparar e analisar alguns problemas encontrados no campo estagiado, como, por exemplo, os replanejamentos contextualizados objetivando o aluno e suas culturas. Situação muito importante para o processo de ensino aprendizagem, uma

vez que nem sempre o que é planejado em teoria funciona na prática, tendo que haver assim a reconstrução do planejamento.

No relatório preliminar, intitulado “Atratividade da carreira docente no Brasil”, (GATTI et al, 2009) pode-se obter a situação atual da carreira docente. Trata-se de uma pesquisa com o objetivo investigar a atratividade da carreira docente no Brasil sob a ótica de alunos concluintes do ensino médio. Ressalta neste trabalho que há procura e falta de professor bem formado para o ensino médio. Destaca que a atual situação da carreira docente contribui para que estes números cresçam. Neste relatório embasado no “Estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico” (OCDE, 2005, 2006) “apresenta as dificuldades de vários países em atrair professores qualificados, seja para novos postos, seja para substituir os professores que vão se aposentar na próxima década”. Aponta ações referentes ao que pode ser feito para a atratividade da carreira docente. Apresenta a realidade de cada país e observa como que essas ações refletem em cada contexto. Afirma que,

Na América Latina, [...] a heterogeneidade e a desigualdade no magistério constituem fenômenos objetivos que estão na base de uma série de consequências no plano da subjetividade e nas práticas individuais e coletivas dos docentes. (GATTI et al., 2009, p.155)

Ou seja, sabendo as causas e consequências em cada cultura, poderemos lutar para tentar amenizá-las. O relatório de Gatti et al. (2009) serve de base para várias pesquisas na área pedagógica, como também para este trabalho, no que concernem as possíveis atratividades encontradas no campo de estágio para carreira docente. Contêm gráficos e pesquisas que servem para comparações com os gráficos confeccionados a partir do questionário aplicado aos estudantes da 9º semestre sobre o período do estágio, em que foi possível constatar resultados semelhantes aos que o texto de Gatti et al. (2009) carrega.

Na sua dissertação de Mestrado denominada, “Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional”, Araújo (2010) apresenta o resultado da sua pesquisa sobre a compreensão dos alunos-professores – acadêmicos – na prática das teorias no campo de estágio e a compreensão desse processo que se dá por etapa de entendimento. Observa-se que, a partir da prática e a realidade encontrada na sala de aula, podemos ter uma análise da teoria a praticar no Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, como, também, analisar o significado atribuído pelos discentes e pedagogos da cidade de Juiz de Fora. Para a autora o estágio supervisionado nesta pesquisa caracteriza-se enquanto campo de conhecimento e também valiosa oportunidade

de imersão no campo profissional favorecendo a construção de uma práxis educativa. Toma como base as principais contribuições teóricas de diversos pesquisadores como: Libâneo (1999), (2004), (2007), (2008) Pimenta (2004), (2005), Franco (2001), (2008), Tardif, Bourdieu, (1982), (1997), (1998), (2007), Giddens (1991), ( 2002), (2003), (2005), além de outros. Em resumo, para a sua pesquisa atingir os objetivos, desenvolveu primeiro três tipos de procedimentos de coleta e análise de dados: o primeiro foi uma análise documental, focalizando a base legal que sustenta as concepções sobre o pedagogo e a sua formação; o segundo procedimento refere às informações usadas e analisadas de uma pesquisa institucional; e o terceiro foi a coleta e análise de dados realizados através de entrevistas com discentes e pedagogos da cidade de Juiz de Fora.

Nestas pesquisas podem-se observar a partir das entrevistas, diversas concepções de estágio. Em um dos relatos descreve-se o Estágio Supervisionado como uma experiência caracterizada pela proposta de observação e prática, numa concepção tecnicista da aprendizagem.

Para Araújo (2010, p. 9), “tal levantamento permitiu a sistematização de pistas sobre os significados construídos a partir da vivência dessa atividade no campo profissional”. Defende o estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores. Através das observações do todo coligido e das entrevistas realizadas chegou à conclusão que o Estágio Supervisionado “possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente.” (ARAÚJO, 2010, p.94). Assim a autora defende que,

Pode-se inferir a partir deste estudo que a formação do Pedagogo, docente, gestor ou pesquisador mesmo passando por um momento longo de redefinição ou mesmo indefinição de sua identidade profissional ou de suas múltiplas identidades precisa que todos os professores formadores se empenhem na luta por um reconhecimento do curso e de seu valor enquanto espaço de emancipação humana. (ARAÚJO, 2010, p. 90)

Aqui, afirma o reconhecimento do curso de Pedagogia como espaço de emancipação humana e continua afirmando que,

Nesse sentido, a Pedagogia precisa ser percebida como campo do conhecimento que ao identificar os processos de dominação e reprodução que envolvem as práticas pedagógicas os denunciem produzindo um novo conceito de qualidade que permitirá o reconhecimento social do curso e o resgate da valorização do professor.

Esse processo de redefinição do saber pedagógico deverá orientar para a construção de uma identidade emancipadora e de projetos em que o professor seja o sujeito de sua ação e de seu saber fazer. (ARAÚJO, 2010, p. 90)

Pelo exposto, defende a valorização do profissional através da construção de uma identidade emancipadora e através de projetos libertadores dentro das condições de trabalho e da sociedade encontrada na atualidade.

Quanto ao estágio, Araújo (2010, p.9) pondera que “o estágio pode representar um momento privilegiado de síntese teórico-prática, embora não se constitua o único espaço para tal aproximação”. Defende uma prática mais realista as condições encontradas, uma proposta de estágio que “a partir da realidade se permita que essa realidade esteja presente nas reflexões pode ser a solução para romper com a concepção dicotomizada entre teoria e prática e construir novos significados”. (ARAÚJO, 2010, p. 09) Para ela,

Os saberes pedagógicos devem ser mobilizados a partir das dificuldades reais vivenciadas vinculando a essa prática real a teoria pedagógica compreendendo que não há uma contraposição entre teoria e prática, mas sim que uma se constitui a partir da outra. (ARAÚJO, 2010, p. 86)

Nesse sentido Araújo ressalta a importância de aliar teoria a e prática no processo de ensino e aprendizagem, além de trazer a realidade da turma para o que é ensinado, ou seja, a vinculação de teoria, prática e realidades vivenciadas. Por sua vez, o texto de Borssoi (2012) observa uma condição possível para o estágio supervisionado visando uma formação política do pedagogo. Seu trabalho de pós-graduação defende a possibilidade de uma reconfiguração do processo formativo educacional e das reflexões teóricas que permeiam este período de formação no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Francisco Beltrão. Considera neste processo de reestruturação a importância de se discutir a política educacional de professores/Pedagogos e o papel da universidade em uma formação ético-política para uma visão além da dimensão científica, profissional e técnica.

Borssoi (2012, p. 8) encontra nesta pesquisa que o Estágio Supervisionado é “uma condição potencializadora da condição humana: *a liberdade de ação e pensamento no mundo público*” (grifo da autora). Assim, questiona as concepções formativas que o embasam e percebe que só esta formação não dá conta e é inviável, colocando em xeque a função social da universidade e a formação do Pedagogo. Define, por fim, que o “estágio devido a aproximação à realidade social/educativa que o caracteriza, pode possibilitar

espaço-tempo para que o acadêmico aprenda a julgar qualquer aspecto relativo à educação” (BORSSOI, 2012, p. 271).

O estágio pedagógico como prática profissional para Borssoi (2012) está fundamentado em orientações práticas na formação inicial de professores e nos interesses práticos constitutivos do conhecimento, afirmando que esta concepção pressupõe a valorização da dimensão artesanal do ensino. Borssoi (2012, p. 180) entende que “A reflexão aparece com finalidade de inquirição”, e cita Freire (2007, p.12 apud BORSSOI, 2012, p. 182) afirmando que “o professor, ao tomar as decisões curriculares, parte de uma auto compreensão das circunstâncias existentes para, posteriormente, deliberar sobre a melhor orientação que serve de guia à ação”. Também observa que de técnico, a imagem do professor “transforma-se em clínico e tendo um papel de diagnosticar os problemas” dos alunos para assim identificar as ações mais eficazes (BORSSOI, 2012, p. 182). Critica a concepção de estágio pedagógico que visa “encorajar a imitação e perpetuar práticas existentes, contribuindo para a manutenção da estabilidade curricular e o conservadorismo da atuação”.

Borssoi (2012, p.194) defende, por fim, que o estágio, além de fazer a mediação entre a Teoria e Prática, possibilita a promoção à formação humana, ética e política em seu processo e salienta que “a integração dessas dimensões propicia a conscientização do Pedagogo, a fim de perceber a intencionalidade das políticas educativas, que se materializam via escola e universidade, conscientes de que elas representam um propósito de formação”. Define que, “muitos cursos de graduação, infelizmente, mantêm um enfoque positivista do conhecimento em que a organização se dá de forma linear, do teórico para o prático” (BORSSOI, 2012, p. 17). Compreende-se que teoria e prática estão aliadas, e que são de extrema importância para formação do Pedagogo, entretanto, assim como mencionado por Borssoi, que não há uma linearidade entre ambas, ou seja, uma busca a outra, e isso quem vai determinar são os acontecimentos cotidianos.

Por sua vez, Pimenta e Lima (2006) traz em seus trabalhos uma base acadêmica que não poderia faltar sobre os estudos aqui citados. Ela discute os principais questionamentos que os estudantes de Pedagogia realizam durante o estágio docência e após esta vivência de estágio ainda hoje. Segundo ela,

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a



teoria é outra'. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 06)

A autora toca justamente em muitas das questões vivenciadas no Estágio Supervisionado vivenciado pela minha turma e aqui relatado nas respostas das alunas no questionário aplicado. Defende que o estágio está mais vinculado a esta relação “Teoria-Prática” em detrimento de outros, com explica:

Este artigo discute a formação de professores e pedagogos a partir da relação teoria e prática presente nas atividades de estágio. [...] revelam preocupação com as práticas que “imitam modelos escolares”, assim como com as práticas escolares que priorizam a “instrumentalização técnica”. No sentido de superar este extremo/dicotomia, o estágio, segundo as autoras, não é percebido como um apêndice curricular, mas um instrumento pedagógico que contribui para a superação da dicotomia teoria&prática. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 05)

Assim, defende o estágio que privilegie uma condição para a superação da dicotomia existente entre a teoria e a prática.

Já o outro texto de Pimenta (1995), “O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?” continua a esclarecer este tema tão questionado durante o período de Estágio Docência. Discute os conceitos de prática e teoria dos alunos de pedagogia através de análises e pesquisas de atividades de estágio e conclui, como Araújo (2010), Borssoi (2012) e outros, que na prática docente, na sala de aula, em sua realidade e suas contradições há possibilidades de se realizar a referida unidade entre a prática e teoria. Pimenta (1995; 1994) traz enfim, uma luz para as questões encontradas em soluções na prática docente.

Pimenta e Lima (2006) discute problemas importantes na aplicação da docência durante o estágio afirmando que,

A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores de ‘artesanal’, caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. O pressuposto dessa concepção é o de que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, à escola, competiria ensiná-los, segundo a tradição. Não cabe, pois, considerar as transformações históricas e sociais decorrentes dos processos de democratização do acesso, que trouxe para a escola novas demandas e realidades sociais, com a inclusão de alunos até então marginalizados do processo de escolarização e dos processos de transformação da

sociedade, de seus valores e das características que crianças e jovens vão adquirindo. Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de suas famílias, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 08)

Apesar de haverem diferentes pontos de vistas, sobre os diferente temas abordados neste capítulo, alguns pontos comuns podem ser observados como: a importância do Estágio Supervisionado para carreira docente, bem como da profissão docente para a sociedade e claro, os sofrimentos e problemas enfrentados tanto na carreira docente, como no estágio, no nosso caso, relatados no capítulo anterior e que transcrevem a realidade da sala de aula na atualidade; e ainda a ligação entre teoria e prática, tema ao qual nos ateremos com base dos textos estudados, na sequência as considerações e importância sobre seu entendimento no período do estágio e nas práticas docentes.

### 3.1 TEORIA X PRÁTICA = TEORIA PRATICADA

Neste subtítulo pretende-se escrever um resumo do que aponta o referencial teórico coligido sobre a “indissociação” de teoria e prática. Para tanto, inicia-se explicando o que é a práxis, isto é, teoria e prática.

Borssoi (2012) evoca Kosik (1976 p. 22) para afirmar que “*para que o mundo possa ser explicado ‘criticamente’, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da ‘práxis revolucionária’*”. Assim, em síntese, a práxis (teoria-prática) é o trabalho humano que busca a transformação da natureza (social) e do próprio homem (sujeito), tendo, portanto, dois aspectos mencionados por Vázquez (2007, p. 17 apud Borssoi 2012): “*um intencional, quando sua atividade se integra com outras práxis do nível social, produzindo resultados globais que escapam a sua consciência e vontade*”. Revelando Vázquez que “*toda a práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis*”. Borssoi (2012) explica que,

O objetivo principal da educação é contribuir realmente para a construção do ser humano dotado de palavra e ação para atuar na cidadania. Se almejamos uma cidadania atuante concretamente, alguns desafios são postos à educação e aos seus profissionais, principalmente diante das mutações globalizadas que valorizam as competências para o mercado de trabalho, o isolamento e consumismo. Pelo estudo, o que

se percebe é que as políticas educacionais de formação dos profissionais da educação enfatizam a formação técnica de tal modo que acabam por fragilizar essa formação humana, ética, e política, pois atende às emergências sociais e aos modelos produtivos que privilegiam o capital, em detrimento do ser humano. A lógica social neoliberal vem sublinhado a competitividade, o individualismo e o consumismo. (BORSSOI, 2012, p. 268)

Aponta aqui uma das causas principais das diferenças sociais que é provocada pelo capitalismo que privilegia a produtividade e, em consequência, perverte a lógica social para um consumismo e o individualismo encontrado nas escolas atuais.

Na mesma linha, Araújo (2010, p. 89) alerta ainda para a compreensão da teoria e prática afirmando que,

As atividades de estágio precisam permitir que se amplie essa percepção do que é prática, teoria e da compreensão que teoria e prática não se contrapõem e muito mesmo se sobrepõem na verdade teoria e prática se completam e se constituem. (ARAÚJO, 2010, p. 89).

As realidades dos alunos são pouco consideradas. As práticas são individualizadas. A teoria deve ser compreendida para que a prática também seja. A teoria e a prática se complementam e constituem o ensino. Para Araújo (2010) a articulação teoria e prática é analisada a partir da prática do Professor,

Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, deveremos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática [...] o trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, transformação e de mobilização de saberes [...] o que equivale fazer do professor, tal como o professor universitário ou o pesquisador da educação, um sujeito do conhecimento, um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação. (ARAÚJO, 2010, p. 86)

Assim percebe-se que não há uma dissociação entre teoria e prática. Segundo a autora, os cursos de formação, a partir do que já foi apontado neste trabalho quando apresenta uma visão fragmentada do fazer profissional, descaracteriza o saber pedagógico e não permite acreditar que “os saberes pedagógicos devem ser mobilizados a partir das dificuldades reais vivenciadas vinculando a essa prática real a teoria pedagógica compreendendo que não há uma contraposição entre teoria e prática, mas sim que uma se constitui a partir da outra” (ARAÚJO, 2010, p. 86). Como já citado, Pimenta e Lima

esclarece que o estágio possibilita superar a separação entre teoria e a prática. Nesse movimento conceitual de estágio, Pimento e Lima (2006, p. 14) apontam duas perspectivas que procuram suplantar a dicotomia entre atividade teórica e atividade prática. Além disso, é preciso formar esses profissionais a partir da análise crítica da complexidade social, sem dissociar teoria e prática.

Estes autores trazem aqui uma possibilidade de suplementação da dicotomia que, para alguns estagiários é dúbia na realidade: “teoria e a prática”. Observa Borssoi (2012, p. 8) que, “pressupõem o estágio como emancipação profissional, no desenvolvimento de habilidades investigativas e reflexivas, ou seja, uma posição crítica”. Para ela,

O estágio aponta um fator potencializador da condição humana: *a liberdade de ação e pensamento no mundo público*. Por isso falar em *estágio como liberdade*, que se fundamenta pelo viés da formação política. Essa precisa ser intensificada, já que as políticas formativas no Brasil foram constituídas fortemente pela lógica neoliberal que supervaloriza uma formação consumista, imediatista, utilitarista em detrimento de uma formação humana, ética e política. Não significa recusar a formação de competências, mas questionar que concepção formativa a embasou, pois somente essa formação é inviável, o que coloca em xeque a função social da universidade e a formação dos Pedagogos. (BORSSOI, 2012, p. 08.)

Borssoi (2012) explica o que nossa equipe de estágio encontrou na sala de aula durante o estágio, com a realidade social da turma. Podemos perceber através das vivências no campo estagiado as consequências desta sociedade de consumo que se constitui neste momento histórico e seus efeitos discriminatórios em uma relativa maioria dos alunos da 5ª série no nosso campo de estágio, sendo seus efeitos desastrosos para as crianças dali, na maioria em situação de risco social entre outros apontados.

Para Borssoi (2012, p. 8),

O estágio, pela sua característica de aproximação à realidade social/educativa, pode possibilitar espaço-tempo para que o acadêmico aprenda a julgar aspectos relativos à educação. Ademais, ao lado das atividades de ensino, pesquisas e extensão, a universidade não pode se esquecer de sua responsabilidade formadora das futuras gerações – sujeitos humano.

A autora relembra indicações prioritárias da educação formativa em que o acadêmico deve cultivar e aplicar na sala de aula e continuar levando esta formação para a universidade, defendendo uma,

[...] formação universitária que também tenha esse foco – o trabalho coletivo e a valorização da vida humana (da espécie humana), da participação efetiva e do resgate aos valores éticos – talvez seja a saída, evitando a excessiva ênfase à instrução científica, técnica e profissional embasada por uma pedagogia de competências, originada com a acumulação flexível do trabalho na sociedade capitalista, que individualiza ainda mais os sujeitos, considerando-os produtivistas e consumistas. (BORSSOI, 2012 p. 15)

Para Zanella (1999, p. 10), esta prática que se refere nas salas de aula, se dá:

Na filosofia da práxis, a prática é produtiva (trabalho), social (poder) e simbólica (subjetividade/cultura) ao mesmo tempo. É atividade social e transformadora. Sendo assim, a práxis pode ser revolucionária, o que, no entender de Marx, sinaliza “a modificação das circunstâncias com a mudança da atividade humana” (in KONDER, 1992). A palavra “revolucionária”, de acordo com Mondolfo, significa que “os homens só modificam as condições exteriores modificando as condições em que vivem”.

Por sua vez, Araújo (2010) é mais esclarecedor ainda quanto às concepções de estágio na relação teoria e prática. Segunda à autora, há predomínio de,

[...] uma concepção de estágio caracterizada por observar e aplicar fundamentada numa perspectiva de saber compreendido e valorizado como teórico “ao passo que a prática ou é desprovida de saber ou portadora de um falso saber”, ou ainda de que “o saber é produzido fora da prática” (TARDIF, 2003, p.235). (ARAÚJO, 2010, p. 88)

Conforme visto na passagem de Araújo, para que se possa desenvolver uma boa prática é fundamental que seja baseada em uma teoria ou a mesma seria infundada, não ancorada em conhecimentos obtidos fora da prática. A esse respeito, Tardif (2003) menciona que no processo de apropriação de ideias e nesse período de desenvolvimento profissional o professor pode estabelecer diferentes pontos de relação entre teoria e prática, ou seja, tudo que permeava as ideias se torna realidade. Dá-se início no sistema normativo informal, ocupa-se lugar na hierarquia das escolas e os alunos, cada um com suas especificidades, são conhecidos. Acredita-se que por esse motivo é que os graduandos ficam desorientados durante o processo de compreensão e importância na prática e pela prática do ESAIEF.

Frequentemente observa-se que professores não têm um foco, objetivo que orientam suas ações, ou mesmo nenhum conhecimento sobre o contexto social em que seu aluno está inserido. Por sua vez, o aluno não se situa no que está sendo ensinado, pois o professor segue práticas institucionalizadas sem refletir ou ao menos saber a origem do

que está sendo transmitido em aula. Ocorre uma transmissão de conhecimento e não a construção de conhecimento. A luz de uma teoria o professor se tornaria capaz de questionar as práticas e ações dos sujeitos e em conjunto com eles construir conhecimentos. Sobre isso Pimenta e Lima (2006, p.12) afirma o seguinte:

Considerando que nem sempre os professores têm clareza sobre os objetivos que orientam suas ações no contexto escolar e no meio social onde se inserem, os meios existentes para realizá-los, os caminhos e procedimentos a seguir, ou seja, os saberes de referência de sua ação pedagógica, faz sentido investir nos processos de reflexão na e das ações pedagógicas realizadas nos contextos escolares (cf. Navarro, 2000). Nesse processo, o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação, que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

A autora supracitada, na tentativa de superar a dicotomia teoria e prática e a partir de pesquisas realizadas em escolas de formação de professores, chega a uma conclusão interessante sobre a qual atividade (teórica ou prática) se refere o estágio, que muito bem caracteriza essa etapa da graduação, e menciona:

nessa perspectiva, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como a atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 14)

Ou seja, é no trabalho docente, do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade, que a práxis se dá, no calor da sala de aula, entre as diferentes culturas encontradas no contexto diário da prática escolar. Mas, é através da instrumentação teórica no planejado para um trabalho docente que promova uma transformação da realidade que se encontra o objetivo da práxis pedagógica. É necessário conhecer todo contexto cultural da turma. É importante saber verificar o que com eles precisa ser construído e para isso é imprescindível que o professor tenha suporte teórico, que comprove e baseie o que está se fazendo, as ações que estão sendo tomadas.

Pimenta (2006, p. 16) explica que o papel da teoria é,

oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre.

No processo de estágio tivemos a oportunidade de viver o que é mencionado pela autora, isto é, após observar uma situação de discriminação devido a realidade sociocultural e histórica dos alunos, os graduandos baseando-se em teorias, analisaram e compreenderam as suas causas e tentaram amenizar, ou mesmo, solucionar, o impasse. Diante de um fato ocorrido num período tão breve como o estágio, já foi possível perceber a complexidade da prática e, principalmente, como o estudo teórico das práticas pedagógicas se fazem importante para compreendermos e enfrentarmos as circunstâncias. Reforçando a importância na utilização de teorias nas práticas.

Pimenta e Lima (2006, p.19) apresenta uma síntese de vários autores sobre o assunto:

Libâneo (1998) destaca a importância da apropriação e produção de teorias como marco para a melhoria das práticas de ensino e dos seus resultados. Contreras (1997) chama a atenção para o fato de que a prática dos professores precisa ser analisada, considerando que a sociedade é plural, no sentido da pluralidade de saberes, mas também desigual, no sentido das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas. Assim, concorda com Carr (1995) ao apontar sobre o caráter transitório e contingente da prática dos professores e da necessidade da transformação das mesmas numa perspectiva crítica.

Através destes estudos compreendemos que não podemos dissociar a Teoria e a Prática, tanto na formação docente quanto no estágio, como também que as concepções formativas devem privilegiar a construção da autonomia e proporcionar em suas práticas pedagógicas e metodologias, espaço para pesquisar a realidade encontrada na sala de aula, suas culturas trazidas pelos seus alunos e assim democratizar suas práticas educacionais e junto com os alunos reelaborar novas metodologias e novas práticas pedagógicas.

Por esse motivo, o estágio se faz importante na formação acadêmica. É nessa etapa da graduação em que se faz real essa concatenação entre teoria e prática, uma vez que é nesse momento, fundamentados por teorias, que colocamos em prática tudo que foi aprendido durante a graduação e passamos a ter noção do que encontraremos na profissão que escolhemos para nossa vida.

#### 4 VIVÊNCIAS E QUESTIONAMENTOS SOBRE O ESTÁGIO

O estágio é um momento de formação do curso de Pedagogia em que entramos em contato com uma nova realidade, uma nova experiência. E, em se tratando da aquisição de conhecimentos, é de extrema importância explorar ao máximo esse período e analisá-lo com a finalidade de perceber o que pode ser aproveitado e o que pode ser descartado em nossa vida profissional e, ainda, verificar como foi essa etapa para os colegas de graduação, havendo deste modo um compartilhamento de informações. Para tanto se realizou uma pesquisa com algumas acadêmicas do curso de Pedagogia, mas especificamente as que realizaram o ESAIEF no semestre 2014.2.

Esta parte da pesquisa se realizou a partir de um questionário<sup>7</sup> contendo perguntas gerais sobre o momento do estágio, dividido em três eixos: a preparação para o campo, ou seja, a formação ofertada no Curso de Pedagogia (eixo 1), a experiência no campo do estágio (2) e a perspectiva e expectativa quanto ao futuro profissional na docência (3). Por meio de uma Planilha do Google, confeccionou-se um questionário contendo 16 perguntas, apresentando questões objetivas e outras que deveriam ser respondidas discursivamente. O levantamento de dados com os estudantes que foram convidados a participar desta pesquisa deu-se a partir do envio do questionário por meio eletrônico para 36 discentes que realizaram o Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental no semestre de 2014.2. Apesar do retorno ter sido baixo, a aceitação das acadêmicas em participar da pesquisa foi satisfatória, pois, mesmo diante de todas as circunstâncias que envolvem a conclusão da graduação, retornaram 14 discentes (39%) dos que fizeram o estágio no período citado. Acredita-se que os questionários respondidos representam uma parte dos discentes que desejaram se manifestar e, de alguma maneira, identificam-se com o tema. Cabe ainda comentar que, de um lado, o questionário foi respondido individualmente, mas, de outro, é importante também observar que o estágio foi realizado em dupla e acredito que de alguma forma as respostas dadas refletem e contemplam esta condição.

Para uma organização da exposição dos resultados nesta seção, as perguntas do questionário foram divididas em três eixos que correspondem, respectivamente, no eixo 1, quanto o que as alunas acharam sobre a preparação no curso para a prática do estágio; no eixo 2 as respostas concentram uma avaliação do estágio a partir das palavras das

---

<sup>7</sup> Modelo do questionário aplicado está disponível no Apêndice A. No B está o resultado completo de todas as questões e respostas, na ordem do questionário.



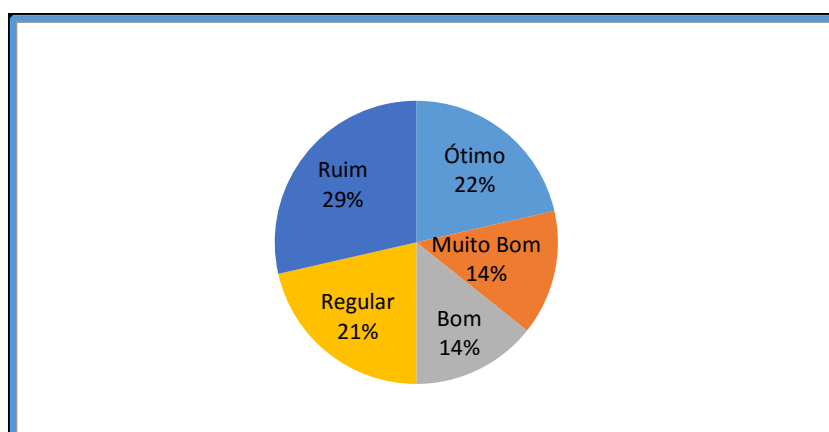
alunas; e, por fim, o eixo 3 detendo as perguntas e respostas que versam sobre uma avaliação da profissão e do seu futuro na docência.

#### 4.1 EIXO 1: O OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO E PREPARAÇÃO PARA O ESTÁGIO

Este primeiro eixo busca trazer uma avaliação sobre a opinião das alunas referente à preparação no Curso de Pedagogia para a atuação no campo de estágio e engloba quatro perguntas: “Como você avalia o momento desse estágio na grade do curso de Pedagogia?” “Com relação aos fundamentos e as teorias trabalhadas no curso que prepararam para o estágio? ”, “Conseguiu aplicar os fundamentos/as teorias concebidas para a prática pretendida? ” “O que você sugere para melhorar os próximos estágios? ”

Na questão: “Como você avalia a duração do estágio? ” a maioria dos que responderam, isto é, 29% tem uma avaliação negativa. A análise qualitativa das justificativas levam a essa possível conclusão devido a maioria dos alunos responderem dessa maneira, pois comparado a todo o curso, e diante das inúmeras situações a serem enfrentadas na vida profissional, o período de estágio foi muito curto. Conforme é possível perceber no relato das discentes e no Gráfico 1, a avaliação não é unânime, mas divide no gráfico a esquerda como negativa e a direita como positiva:

**Gráfico 1** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a duração do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 2015.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Se analisarmos o gráfico percebe-se um empate entre uma avaliação positiva (Ótimo, Muito Bom, Bom) e negativa (Ruim, Regular) entre os discentes questionados se considerarmos como regular aquilo que precisa ser melhorado. Uma das justificativas para essa afirmação foi:

*“Muito pouco tempo para quem fica quase 5 anos vendo somente a parte teórica das disciplinas e somente menos de 3 meses na parte prática, ou seja, na escola. Também senti MUITO DESPREPARO da nossa parte enquanto futuras professoras, pois DURANTE O CURSO NÃO NOS ENSINARAM FAZER PLANEJAMENTO e isso ao meu ver é FUNDAMENTAL para um professor, simplesmente NOS JOGARAM para dentro da escola e disseram SE VIREM!!!. No decorrer do curso, GRANDE parte das professoras do curso de PEDAGOGIA, nos diziam que TUDO NA ESCOLA É POSSÍVEL NO QUE TANGE A FALTA DE MATERIAIS, NO LIDAR COM AS CRIANÇAS E CORPO DOCENTE, mas a realidade é totalmente diferente, em muitos casos ficamos de MÃO ATADAS e em SAIAS JUSTAS, pois buscávamos recursos para suprir a necessidade de material ou de formas de dar aula, e simplesmente recebíamos como resposta caras amarradas do corpo docente da escola e vários não pode isso, não pode aquilo no que tange na forma de ensinar as crianças, isso tudo porque a própria escola e professoras dali fecham os olhos para a realidade das crianças, ou seja, "se a realidade delas é serem burras, tapadas, para que vou perder meu tempo em preparar aula se eles não vão e não querem aprender?, deixo isso para a outra professora que tiver saco". (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 2.5C<sup>8</sup>, 2015)*

Ademais, revelam que o tempo dividido em observações, registros e planejamentos poderia ser mais trabalhado em outros momentos do curso, facilitando e otimizando a prática de um planejamento final e de um estágio como mais tempo para a estada em campo e mais tempo para a prática da docência. Outras acadêmicas explicaram que o tempo de estágio deveria ser bem maior do que tivemos – foi em um semestre e apenas três semanas na prática docente propriamente dita. Em síntese, revelam que deveria ter mais tempo e haver preparação para esta etapa desde o início do curso.

Analisando estas descrições sobre o tempo do estágio, observa-se que é bem interessante esta questão de possibilitar o contato com uma prática-teoria-prática, ou seja, uma segunda ida ao campo estagiado possibilitando assim um novo olhar para a ação pedagógica e confrontações das experiências entre a teoria e a experiência inicial da prática docente. Piconez (2013), mencionada na seção anterior, observa em seu trabalho que:

O caráter complementar, ou suplementar, conferido à Prática de Ensino/Estágio Supervisionado, ou ainda, no dizer de Azevedo, “uma

---

<sup>8</sup> Essa referência indica que no primeiro nº inicial como o número da pergunta no questionário. Exemplo (1.) e suas sequencias (16.). O segundo nº significa a qualificação da resposta para esta graduanda “1” significando “ótimo” (1.1), o 2 equivalendo a “muito bom” (1.2) “bom” .3 “regular” .4 e .5 para “ruim” (exemplo 11.4 = questão 11, classificada como “regular”.4). Por último a letra “A” significa que a aluna “A” respondeu a questão, sendo que foram aleatoriamente misturadas as respostas de cada pergunta antes de tabular e classificar estas respostas.

teoria colocada no começo dos cursos e uma prática colocado no final deles sob a forma de Estágio Supervisionado constituem a maior evidencia de dicotomia existente entre teoria e prática” Dessa forma, as orientações do estágio têm sido dirigidas em função de atividades programadas a priori, sem que tenham surgido das discussões entre educador-educando, no cotidiano de sala de aula, da escola. Assim, o conhecimento da realidade escolar através dos estágios não tem possibilitado a reconstrução ou redefinição de teorias que sustenta o trabalho do professor. (PICONEZ, 2013, p.15)

De acordo com o comentário supracitado (PICONEZ, 2013, p.15), pode-se evidenciar que toda a teoria sustentada durante todo o curso, acaba por não se cumprir, pois as atividades são programadas sem que tenha havido um contato suficiente que possibilite ao estagiário conhecer seu aluno ou com tempo para amadurecimento teórico e revisão do planejamento. As justificativas, na sua maioria, assemelham-se e se devem a escola possuir uma programação estabelecida. Essa ideia foi defendida por uma das acadêmicas alegando que:

*“Foi um tempo bom, não foi longo demais (afinal temos que considerar que nos introduzimos numa sala de aula que já tem um cronograma pré-estabelecido) e nem curto. Tempo suficiente para uma experiência.”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 2.3A, 2015)*

Vê-se que algumas alunas consideraram como aceitável a duração do estágio. Entretanto, houve uma controvérsia com relação a esta opção, pois embora uma discente tenha considerado muito bom a sua duração, justificou da seguinte maneira:

*“Na minha opinião o tempo de estágio deveria ter a duração de um ano em cada fase. E após a sua formação a instituição formadora deveria colocar um profissional para acompanhar o formando no início de carreira durante dois anos”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 2.1B, 2015)*

Mesmo que 50% tenham respondido que a atual duração do estágio é suficiente o resultado que nos chama atenção foi a outra metade assinalada como insuficiente e justificado, em sua maioria, devido ao pouco tempo de aulas práticas reservadas na graduação para a naturalização da prática pretendida em seu planejamento.

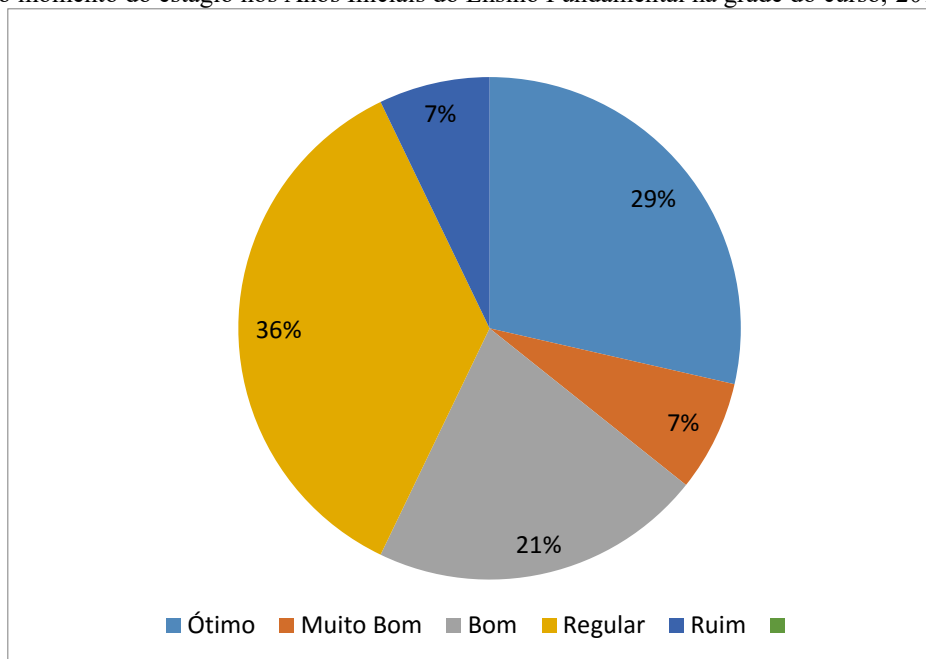
Quanto a questão da divisão dos tempos nos cursos de Pedagogia, Libâneo (2012) mostra que há uma tendência neste curso no Brasil, sendo que:

A porcentagem apurada por categoria corresponde ao número de horas (em média) por bloco de categorias, em relação à carga horária total de cada curso, que, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura (instituídas pela Resolução CNE/ CP nº 1/2006), é, no mínimo, de 3.200 horas (sete cursos ultrapassam essa carga horária mínima, chegando a 3.400/3.700h). Verifica-se que as disciplinas correspondem a 83,9% da carga horária, restando 16,1% para as horas de estágio supervisionado (entre 300h e 450h) e de atividades teórico-práticas e/ou atividades complementares, conforme a legislação mencionada (com pequenas variações em cada instituição). Embora em termos proporcionais o bloco “fundamentos teóricos”... (LIBÂNEO, 2012, p.567)

Pelo que foi citado, é possível perceber que o período de duração do estágio é instituído nacionalmente como a carga horária multireferencial em suas indicações atuais, mas há uma tendência de não ultrapassar muito essa quantidade. Se não mudar essa situação, os discentes deverão usufruir o máximo desse momento tão relevante para sua carreira acadêmica e profissional, mesmo sendo considerada pouca.

Outra questão neste eixo foi: “Como você avalia o momento desse estágio na grade do curso de Pedagogia? ”. Nesta questão 56% a consideraram em uma posição de **Regular** (36%) à **Bom** (21%), portanto, também uma avaliação não muito positiva.

**Gráfico 2** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto ao momento do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na grade do curso, 2015.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

As justificativas em sua maioria (57%) circulam entre a falta de entrosamento e o vínculo entre escola/universidade e retornam à possibilidade de o estágio ser aplicado em semestres anteriores. Ainda, comparando com os resultados da questão anterior quanto às possibilidades que uma mudança pode proporcionar, respondem: *“Esta disciplina poderia estar locada em semestres anteriores, para que pudéssemos ‘retornar’ à universidade e ter maior debate/discussão/ reflexões sobre a prática e sobre a realidade encontrada”*. (3.4A)

Relatam também nesta avaliação a falta de aproximação dos estudantes de Pedagogia da realidade escolar. Nas palavras das discentes:

*“Creio que a Universidade deveria iniciar esse processo de aproximação de forma mais contínua no decorrer do curso, para que no momento da inserção dos estudantes, já tenha havido uma aproximação que visasse a contextualizar e aproximar mais efetivamente crianças com as estudantes, para que essa inserção possa ser mais significativa e efetiva para todos os sujeitos envolvidos”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, 3.4C, 2015)

*“Acredito que o estágio deveria ser um pouco mais cedo ou termos mais atividades onde podíamos estar na escola”*. (3.4D)

Isto é, em meio a tanta teoria que versam sobre a aproximação e interação entre professor-aluno, no momento do estágio o que ocorre é uma situação totalmente diversa do que estudamos como ideal, pois os estagiários não têm tempo de captar o perfil exato da turma e dessa forma, o que ocorre é uma prática baseada numa adaptação teórica.

Para uma problematização das recorrências relatadas, Piconez (2013, p. 23) explica que:

Pouco espaço existe para discussão e análise dos problemas levantados da prática das escolas de pré a 4ª série do 1º grau [...] Acreditamos que a problematização da prática desenvolvida coletivamente pelas diferentes disciplinas do currículo, portanto, articuladas, podem assegurar a unidade, favorecer a sistematização coletiva de novos conhecimentos e preparar o futuro professor para compreender os estruturantes do ensino e os determinantes mais profundos de sua prática, com vistas a sua possível transformação.

Acredita-se que analisando e problematizando a prática desenvolvida com base na interdisciplinaridade, ou seja, com base em outras disciplinas, que não apenas o estágio, haveria o favorecimento da sistematização dos conhecimentos e prepararia o pedagogo

para sua vida profissional, capacitando-o perceber quando as transformações se fazem necessárias.

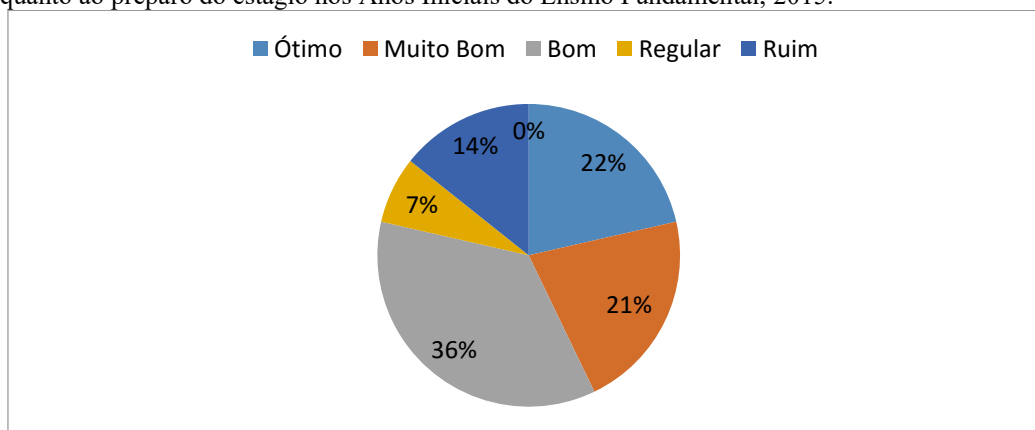
Obteve-se para as respostas afirmativas neste sentido 28%, sendo que, 14% não justificaram suas respostas. Em uma síntese das justificativas apresentadas, estão as considerações de que se tem de lidar com as subjetividades dos alunos e por esse motivo, o estágio poderia durar mais tempo e assim seria possível aprender a lidar com essas diferentes culturas. E, em contrapartida, outros explicaram que estão no final do curso e é o momento certo de pôr em prática o aprendido. Por fim, os que consideraram o estágio sob aspectos negativos, justificaram dizendo que:

*“Porque somente no final do curso entraremos em contato com a nossa realidade, a nossa profissão? Acredito que o estágio deveria ser realizado entre a 3ª e 6ª fases do curso e que essa fosse realizada durante o ano todo e não dividida em semestres pois o tempo passa muito rápido e fora que quase não vivenciamos nada”.* (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 3.5A, 2015)

Em síntese, podemos concluir que 43% das discentes foram desfavoráveis e que mudanças no currículo atual do curso seriam interessantes e de grande valia para estes graduandos. Por outro lado, os que consideram positivamente o momento do estágio no curso somam-se 57%.

Caracteriza-se como a quarta pergunta do questionário neste eixo: “Como você avalia seu preparo e atuação no estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizado no semestre 2014.2? ” Sobre a isso, responderam positivamente 76% das estagiárias:

**Gráfico 3** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto ao preparo do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 2015.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Pelo exposto, as discentes afirmaram que com a formação que receberam no curso, se sentiram preparadas para a prática docente, mas, justificaram esta escolha com diferentes dúvidas e como as descritas abaixo:

*“O preparo teórico da UFSC é sem dúvida de alta qualidade. Tivemos teorias diversificadas onde pudemos relacionar, contrapor, defender ou criticar, para nossa tomada de posição e ação perante a prática, porém, a realidade conflitua muito a relação teoria e prática. E dentro desse contexto "realidade", fiz o melhor possível. Longe obviamente de um ideal, porém o que a realidade permitiu. Como realidade: fragmentação, tempo, espaço, diversidade de crianças, formação de professores, burocracias”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r.4.1A, 2015)*

*“Dentro da formação recebida, realizei o estágio. Mas poderia ter sido melhor, se tivéssemos mais tempo de discussões depois da observação e melhor orientação”. (4.2B)*

*“Que será um grande desafio”. (4.2C)*

Observa-se a questão da realidade encontrada nas escolas como elemento recorrente nas respostas das discentes. Ainda para os que responderam “*Muito bom*”, as justificativas trazem desejos e realidades quando respondem que, “*Seria ótimo se tivéssemos mais aulas para essa finalidade*”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 4.2A, 2015). O curto período de tempo permeia toda a pesquisa. Essa é a reclamação mais frequente entre os questionados.

Entre as que consideraram “*Bom*”, apresenta-se a seguinte justificativa que traduz a síntese das respostas:

*“Não me sentia segura para atuar no estágio. Mas isso não significa que a UFSC falhou no processo de formação. Mais eu que precisava de um tempo a mais de preparo. Acredito que a universidade (UFSC) forma sim profissionais éticos e com potencial de atuar em qualquer instituição”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 4.3B, 2015)*

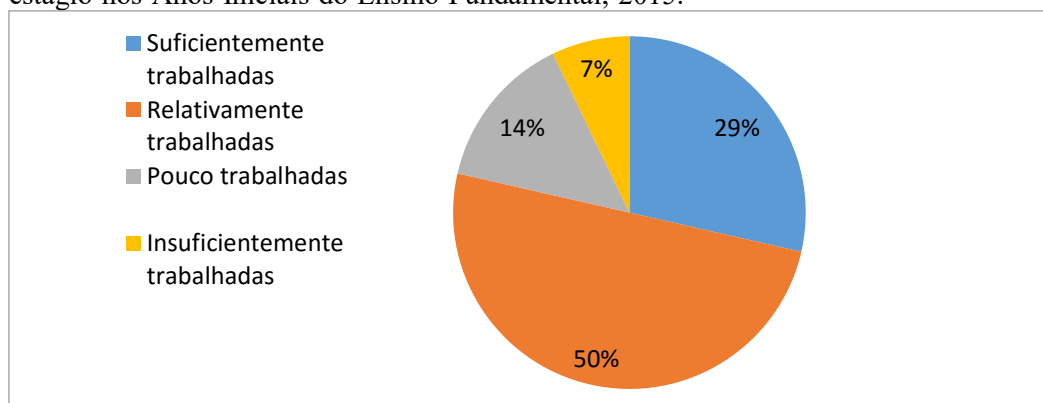
Entre os que responderam opções que indicam uma avaliação negativa, isto é, 28%, estão os que justificam que: “*Porque passamos praticamente 7 semestres falando somente sobre Educação Infantil e de repente na 8ª fase temos vários textos sobre ensino fundamental, e logo é o estágio obrigatório com poucas semanas de prática docente*”. (Questionário aplicado, Apêndice B, 2015). Além do período restrito pode-se notar o

despreparo devido ao pouco tempo de trabalho em outras disciplinas sobre o ensino fundamental, e mesmo com as práticas docentes.

Em contraponto, há quem considera esse tempo escasso favorável, pois houve alunos que por meio de pesquisas superaram seus obstáculos, conforme justificado por uma das acadêmicas: *“Acho que bom, pois eu e minha dupla procuramos pesquisar propostas, observar o que a turma trazia. Utilizamos muito o que aprendemos durante o estágio da Educação Infantil, como o observar, registrar...”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, R. 4.3D, 2015)

Quanto à questão que abordava em relação aos fundamentos e as teorias trabalhadas no curso que prepararam para o estágio, obtivemos como respostas que 29% das que retornaram o questionário consideraram esse tipo de conteúdo como **Suficientemente trabalhadas**, 50% **Relativamente trabalhadas**, 14% **Pouco trabalhadas** e 7% **Insuficientemente trabalhadas**.

**Gráfico 4** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto relação aos fundamentos e as teorias trabalhadas no curso que prepararam para o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 2015.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Para as que responderam, **Relativamente trabalhadas (50%)** estão os fundamentos que refletem sobre: a diferença encontrada na realidade da prática docente, as teorias concebidas para elas e também a recorrência ao ensino tradicional, conforme vemos uma das justificativas:

*“Acho que as teorias trabalhadas, são bem trabalhadas. Porém a questão é que a realidade que encontrei não correspondia com a qual estudamos (tentamos propor diversas práticas, mas ao final - deste pouco tempo de estágio - recorremos ao ensino tradicional e foi o que nos possibilitou exercer um pouco nossa docência)”*. (5.2A)



*“Acho que são relativamente trabalhadas, porque é um curso de graduação, eu penso que vai do interesse do aluno buscar se aprofundar no que tem mais interesse em uma especialização”.* (Questionário aplicado, Apêndice B, r.5.2F. 2015)

Também foram mencionadas algumas limitações nos fundamentos e teorias dadas na graduação:

*“Essa questão é um pouco duvidosa para mim, pois senti falta de muitas coisas que poderia ter aprendido em algumas dessas disciplinas”.* (5.2B).

*“Foram poucas disciplinas voltadas para os anos iniciais do ensino fundamental. Mais especificamente na oitava fase. Gostaria de ter tido mais conteúdo”.* (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 5.2E, 2015)

Entre os que responderam **Suficientemente trabalhadas** (29%) justificam que:

*“Esse momento ainda é cheio de incerteza, e em muitas das vezes não tem professor para acompanhar as alunas. Falta campo de estágio. E a pessoa não recebe por esse momento, pois o local de estágio deveria ter um vínculo com a instituição formadora”.* (5.1B)

*“Acredito no currículo do curso”.* (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 5.1C, 2015)

Essa resposta demonstra um desabafo das estagiárias quanto ao que enfrentaram na realidade encontrada. Outra acadêmica, por sua vez, considera que: *“Nosso estágio (eu e minha colega) foi muito bem organizado e planejado. A professora regente é uma pessoa responsável e nos apoiou muito”.* (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 5.2C, p. 08, 2015).

Os que responderam **Pouco trabalhadas** representam 14% e atribuem a escolha dessa opção ao fato do curso não ser mais voltado ao ensino fundamental: *“Em relação aos anos iniciais acho pouco, o curso de Pedagogia da UFSC não foca nos anos iniciais!”.* (Questionário aplicado, anexo 2, r. 5.3A, 2015) Quanto ao **Insuficiente trabalhada** se refere a 7% dos questionados, o que corresponde equivalentemente à 1 aluna que assinalou essa resposta. Para esta há uma justificativa com relação as respostas dos demais discentes:

*“Pois mais contraditória que pareçam as respostas, considero insuficientemente trabalhadas, por considerar que faltou em especial para esse momento da graduação, uma maior preocupação em relação as ações das estudantes dentro da sala de aula da escola real com as*

*crianças reais, onde essas ações deveriam desencadear momentos significativos de aprendizagem e desenvolvimento humano”.* (Questionário aplicado, Apêndice 2, r.5.4ª, 2015).

A partir deste ponto podemos através de reflexões do encontrado relacionar com as ponderações de Piconez (2013), ao defender que reflitamos as ações praticadas e suas consequências, ou seja, que façamos análise da prática pedagógica pretendida através de práticas reflexivas. Para a autora,

No curso de Pedagogia temos assumido que é precisamente nessa posição que a dialética da teoria-prática-teoria recriada pode encontrar sua eficácia. E a prática da reflexão torna-se suficiente aberta para adquirir da experiência, determinações novas e mesmo novas explicações teóricas.[...] A teoria, com efeito, surge a partir da prática, é elaborado em função da prática, e sua verdade é verificada pela própria prática. (PICONES, 2013, p. 24).

A autora mostra que historicamente há movimentos de educadores que apontam uma necessidade urgente de “[...] integração teoria/prática pedagógica como um dos eixos nucleares do curso e, portanto, deve ter espaço no interior da carga horária total dos cursos”. (PICONEZ, 2013 p.29)

Na mesma direção, Barbosa (2009, p. 3672-3676) alega que:

[...] o conhecimento prático, da experiência, de relações e autoconhecimento, a fim de que possamos nos perceber e identificar os aspectos de nossa formação que merecem mais atenção ou aperfeiçoamento. Para isto, faz-se necessário uma reflexão a respeito da formação do profissional e das políticas educacionais existentes que colaboram para este desenvolvimento. Na verdade, o que se tem notado é que “os docentes universitários ensinam geralmente como foram ensinados, garantindo, pela sua prática, uma transmissão mais ou menos eficiente de saberes e uma socialização idêntica àquela de que eles próprios foram objetos” (CORTESÃO, 2002, p. 40). A formação do professor pode estar atrelada à aquisição de técnicas, conhecimento, estratégias e procedimentos conciliados e relacionados ao contexto social e histórico e ao tipo de cidadão que buscamos formar, visando sua atuação transformadora na sociedade. [...]. Ensinar não é só transmitir e nem fazer aprender saberes. É sim, por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar o sujeito a acontecer através da tomada de posse de uma parte do patrimônio humano que é o conhecimento. Vale lembrar que não se trata apenas de tomar posse, mas saber o que fazer com esse conhecimento. É ser você mesmo, um homem que ocupa uma posição social, que existe na forma de sujeito singular e plural. O problema é que para enfrentar essas situações algumas instituições de educação superior, oferecem aos alunos dos cursos de licenciatura apenas uma formação acadêmica em que predomina o acúmulo de conteúdos disciplinares. (BARBOSA, 2009, p. 3672-3676)

Conforme visto acima, temos que ter noção do conhecimento prático, das experiências, para assim o discente/pedagogo conhecer a si mesmo e saber discernir os aspectos da formação que necessitam de mudanças.

Quando perguntadas sobre o que elas sugeriam para melhorar os próximos estágios as acadêmicas responderam em ângulos diversificados. Nesse momento, em uma tentativa de serem todos representados, cita-se as indicações delas:

*“Melhorar o currículo, com disciplinas voltadas para o trabalho com Anos Iniciais do Ensino Fundamental”.* (16E)

*“Que entre a observação e a docência propriamente dita, haja uma maior discussão sobre o que foi observado, não somente com o professor orientador, mas com as professoras de Organização e Didática”.* (16F)

*“Maior atenção da universidade com esta disciplina; deslocamento da disciplina para semestre anterior; maior envolvimento de todos os professores responsáveis por este campo; maior tempo de duração (aproximação com o campo)”.* (16G)

*“Na minha experiência, neste estágio, posso dizer que tudo foi ótimo. Entendo que o profissional que nos conduziu era de excelente qualidade e é o que torna o estágio de nível alto”.* (16H)

*“Aproximação mais efetiva com a realidade que nos espera, estabelecimento mais dinâmico entre a teoria e a prática no decorrer do curso”.* (16N)

Pode-se observar que a maioria das respostas diz sobre o currículo do curso de Pedagogia e poucos ficaram satisfeitos com a experiência que tiveram. Também foi possível notar que a qualidade de um professor no trabalho com seus estagiários faz muita diferença neste período.

Por fim, uma preocupação comum a maioria das respostas refere-se à condição nada animadora encontrada no estágio, e, principalmente sobre a realidade social das crianças/alunos. O período estipulado para realização do estágio deixou a grande maioria dos graduandos descontentes, assim como a preparação para a docência, uma vez que alguns tópicos são abordados com frequência e outros, ficaram a desejar. E esse desfalque acaba por fazer falta no momento do estágio, pois, como relatado pelas estudantes, sentiram-se despreparadas para enfrentar a realidade do dia a dia da escola.

*“Eu sugiro que os locais sejam mais bem escolhidos mais acho bom enfrentarmos a realidade das escolas públicas. Foi bem gratificante e*

*nos trouxe muitos aprendizados, aprendemos além de ser mais humanas, enxergar a realidade de cada criança. A vida não é nada fácil para muitos daqueles pequenos...”. (16B)*

*“Que haja um momento de discussão entre os alunos que fizeram estágio e a avaliação dos professores supervisores sobre esse momento”. (16C)*

*“Que entre a observação e a docência propriamente dita, haja uma maior discussão sobre o que foi observado, não somente com o professor orientador, mas com as professoras de Organização e Didática”. (16F)*

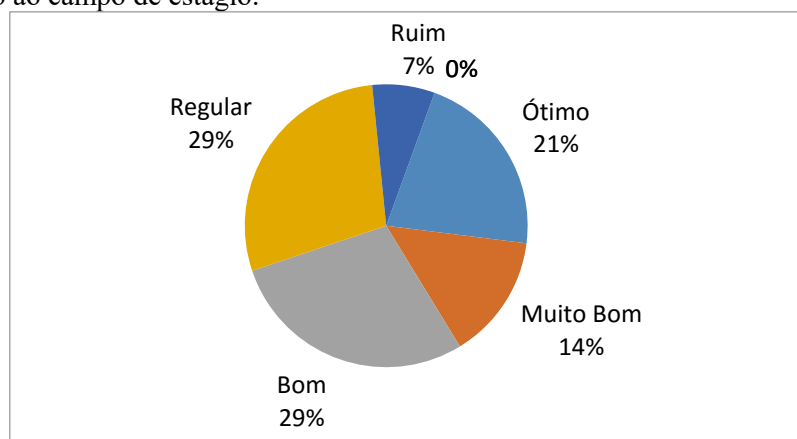
*“Aumentar o tempo em campo. Preparar bem a escola para nos receber. E orientar e ajudar as estagiárias em relação aos conflitos que podem ocorrer”. (16J)*

*“Maior atenção da universidade com esta disciplina;  
- Deslocamento da disciplina para semestre anterior;  
- Maior envolvimento de todos os professores responsáveis por este campo;  
- Maior tempo de duração (aproximação com o campo)”. (16L)*

## 4.2 EIXO 2: AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Esse Eixo tratará de uma auto avaliação do estágio e do campo de estágio. Nesse sentido, a primeira questão, apresentou-se a pergunta: “Como você avalia o local do seu estágio”?

**Gráfico 5** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quato ao campo de estágio.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Nesta questão os estagiários, avaliaram positivamente o campo estagiado. As justificativas giram em torno da realidade encontrada durante o período de estágio:

*“Pois a instituição nos acolheu, e os profissionais nos receberam muito bem”. (1.3C)*

*“Confesso que parecia mais uma prisão do que uma escola. Eram rodeados de grades, para entrar na escola havia um portão de grade que ia do chão até o teto. Apenas com a liberação de uma funcionária terceirizada poderia entrar na escola. Muitos ambientes eram escuros, aspecto de "sujo". (1.4C)*

Ou seja, apesar de ter havido um bom acolhimento por parte das profissionais da instituição, a parte física da escola surpreendeu as estagiárias, com a quantidade excessiva de grades e pela escuridão que circundava alguns ambientes e que não se caracterizavam como confortáveis para se estar, aconchegante para estudar.

Entretanto, uma parcela menor, recebeu mais apoio da instituição estagiada, e 64% dos discentes fizeram uma avaliação positiva do local de estágio, Em suas justificativas, prevaleceu:

*“Considereei ótimo porque fomos muito bem recebidas pela escola que recebe com alegria o trabalho da UFSC. As crianças foram preparadas para nos receber com carinho”. (Questionário aplicado, Apêndice 2, r. 1.1A, 2015)*

*“Fomos bem recebidas. A professora foi participativa, interferindo apenas quando solicitávamos apoio. Nos incentivou e preparou a turma para nos receber. Foi um excelente aprendizado”. (1.2A)*

*“Escola Pública com muitas dificuldades, retratando bem a realidade do que iremos enfrentar quando formos trabalhar depois de formadas”. (1.2B)*

Como se pode perceber algumas estagiárias enxergaram como positivos os aspectos negativos da escola, e fizeram dessas dificuldades desafios e experiências, as quais funcionaram como aprendizado para a vida profissional. Apenas uma acadêmica ressaltou as questões de acessibilidade: *“A Escola em que estagiei não tinha acessibilidade no prédio para alunos com deficiências”*. (Questionário aplicado, Apêndice 2, r. 1.3D, 2015) Essa questão realmente é muito relevante, num momento que as políticas educacionais e nos currículos presam a inclusão do aluno com deficiência nas escolas. Essa é uma situação que realmente deve ser resolvida pela escola. O acesso é o mínimo que uma criança especial tem direito.

Ainda sobre o ESAIEF, quando perguntadas sobre a atuação nelas em campo e a interação com o campo de estágio e o (s) professor (es) regente (s) da turma, 93% das respostas indicaram uma avaliação positiva nesta interação. Nessa direção, observa-se nas suas justificativas uma tendência a valorizar a aprendizagem concebida nesta fase e o apoio da professora regente considerada prestativa, o que pode ser resumido em algumas das respostas:

*“O professor orientador, a professora da sala, as crianças foram ótimas. O nosso plano de trabalho estava muito bom efetuamos”. (15.I)*

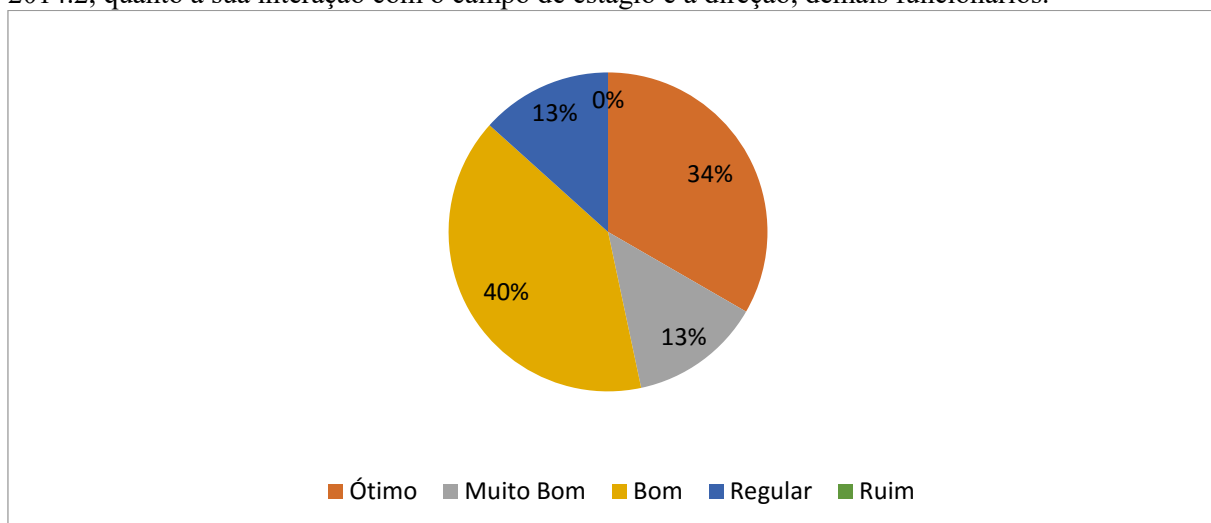
*“A professora sempre foi muito receptiva, pois viu na dupla de estagiárias uma "ajuda" para lidar com as questões que a turma apresentava”. (6.1A)*

*“Houve parceria, entrosamento, diálogo. Foi uma experiência significativa e repleta de momentos de alegria. Inesquecível!!” (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 6.1B, 2015).*

Justificam aqui que há falta de cooperação referente a necessidade de bancar os materiais e passeios didáticos para a prática docente, devido as circunstâncias encontradas na programação do semestre escolar e, ainda, devido a UFSC não dispor de recursos para estas despesas. Há que se observar que não houve nenhuma resposta para **Ruim**, caracterizando a primeira ocorrência neste questionário.

Para a sétima pergunta: “Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e a direção, demais funcionários? ”, a opinião dos discentes variou pois pode-se observar um decaimento na avaliação se comparada a questão anterior. Para estas justificativas constam, em síntese, o estímulo para a docência e agradecimentos ao aprendizado proporcionados, sendo que 21% não justificou estas opções. E para o grupo das minorias, as justificativas dos que consideraram positiva esta avaliação quanto a interação social (14%), se devem por não terem encontrado nenhum problema de receptividade entre as partes envolvidas.

**Gráfico 6** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a sua interação com o campo de estágio e a direção, demais funcionários.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Nas justificativas que apontaram ressalvas, os argumentos foram:

*“Acho que poderia ser melhor, pois queríamos uma conversa mais aberta e entender porque algumas coisas aconteciam de uma certa maneira no ambiente escolar”. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 7.3A)*

*“Todos sabiam quem éramos mais não conversávamos muito não, apenas nos cumprimentávamos.”. (7.3B)*

*“Houve pouco interesse no diálogo por parte da instituição”. (7.4A)*

Nesta questão também se observa como o apoio das instituições e dos profissionais que nela atuam são importantes neste período para as alunas.

Na oitava pergunta “Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e as crianças/alunas?” encontra-se o maior consenso nas respostas deste questionário, tendo assinalado positivamente esta interação por 86% dos discentes e justificam essa resposta com a receptividade das crianças, as vivências realizadas nas práticas pedagógicas, a ternura encontrada nas crianças e a troca de aprendizado.

A pergunta 13 questionava sobre “Quais didáticas, estratégias ou experiências vivenciadas durante o estágio ajudaram no processo de inclusão das crianças? ”. A partir desta pergunta, apresentam-se aqui, na íntegra, as respostas, devido a serem singulares em seus pontos de vistas e como uma maneira de serem representadas em suas vivências através de seus próprios relatos:

*“Todas que vivenciei em minha formação, trata-se de uma formação que vai sendo construída e que nos faz perceber que existe uma exclusão que deve ser combatida com nossa ação pedagógica”. (13L)*

*“Roda, sentar no chão. Ouvir as vozes das crianças, participação...”. (13B)*

*“Montagem de um terrário em que as próprias crianças fizeram a confecção do mesmo a partir da explicações e pesquisas feitas em sala”. (13C)*

*“Utilizamos recursos variados: Brincadeiras, vídeos, textos, rodas de conversa, etc. Em todos houve participação da maioria das crianças”. (13D)*

*“Quando partíamos do que elas gostavam. E quando explicávamos um conteúdo de uma forma mais dinâmica e interativa. Todos participavam”. (13E)*

*“Diálogo”. (13F)*

*“A mais forte foi a que aprendemos no curso que todo aprendizado tem que partir do conhecimento, vivência da criança”. (13G)*

*“A de reconhecer a crianças com sujeito de direito se constitui dentro dessa sociedade com falhas e acertos. Nesse contexto o profissional de educação passa a dar voz a esse sujeito, aproveitando o conhecimento que essa criança traz de sua casa”. (13I)*

*“Acolher a todos indistintamente. Tratar de maneira igualitária. Ajudar e dar o melhor de si para todos. A piedade não pode ter espaço no momento de ensinar”. (13J)*

*“Procurar planejar atividades com recursos que despertem o interesse das crianças, sair da rotina diária que podemos observar no período de observação”. (13N)*

A partir dos trechos mencionados pelos graduandos, pode-se observar a tentativa de construir os conhecimentos junto com os alunos, houve o reconhecimento dos alunos e cada estagiária procurou despertar o interesse nelas, deixando-as se expressar e as tornando, dessa forma, um cidadão um pouco mais crítico.

Para Barbosa (2009, p.567):

Torna-se cada vez mais evidente a necessidade da articulação de conteúdos específicos das disciplinas nos cursos de formação docente com os conteúdos pedagógicos a fim de dar significado à docência para que o professor seja capaz de interagir com os demais agentes educacionais, tornando a prática com seus alunos ponto de superação de uma posição passiva – social para uma posição ativa – consciente, transformadora da sociedade. Os períodos de estágio supervisionado



possibilitam essa articulação propiciando atividades complementares de ensino e aprendizagem aos futuros professores por meio da vivência de situações reais de trabalho em diferentes contextos com acompanhamento de um professor orientador.

Podemos entender a necessidade de aproveitar toda experiência do estágio através das vivências que serão comumente enfrentadas pelo futuro professor e que é adquirida nesta aprendizagem e através de sua preparação nas diversas matérias do curso, e no caso do currículo atual, possíveis nas várias matérias dos semestre anteriores a este.

A 14ª pergunta do questionário “Indique quais foram os aspectos positivos do seu estágio”, em relação aos aspectos positivos, as acadêmicas indicaram:

*“Vivenciar a realidade, poder refletir sobre a educação a partir de uma experiência minha e não somente de relatos de outras pessoas”. (14A)*

*“Uma reflexão teórica que teve como ponto de partida a prática pedagógica no estágio. Durante o período do estágio, almejamos construir uma relação de protagonismo compartilhado entre o adulto e a criança para o cumprimento de seus direitos”. (14B)*

*“Quando querem as crianças nos surpreendem com sua capacidade de imaginação, raciocínio lógico, espírito de equipe e amor/proteção por quem é menos capaz”. (14C)*

*“Escola pública, apoio da UFSC, apoio da Professora orientadora”. (14D)*

*“As crianças. As crianças nos surpreendem”. (14E)*

*“A sensação de ter feito o melhor dentro de uma realidade apavorante”. (14F)*

*“Aprendizagem, vivência dentro da escola, experiências com as crianças, a troca com a professora regente, com o grupo de estagiarias e a excelente convivência com o orientador”. (14G)*

*“Alegria das crianças. Suporte da prof.ª responsável pelo estágio. Acolhimento da escola”. (14H)*

*“Reconhecer a criança como sujeito de direito. A professora da sala sempre nos apoiou, nos amparou, acolheu e nos auxiliou no que precisávamos”. (14I)*

*“A sorte de ficar na sala de uma professora super querida, atenciosa e que nos ajudou muito. e de as crianças serem maravilhosas e nos aceitarem e aceitarem tudo que propomos”. (14J)*

*“Todos, mas destaque: – Observação (saber ouvir e saber olhar). Planejar (ter sempre um plano B ou C) - Confiança em si mesmo. Sem*

*isso não há como desenvolver nenhuma proposição que envolva principalmente crianças". (14L)*

*"Não consigo me lembrar de quase nada.... Mas um aspecto é que com vontade, persistência, paciência e Amor a profissão, é possível alcançar os objetivos planejados, ou alguns deles". (14M)*

Nestas respostas percebemos a preocupação com os seres crianças, a educação concebida para estes e aqui através do vivenciado no estágio, apontados importantes questões sobre os reforços psicológico através de incentivos e propostas positivas que promovem uma boa convivência e possibilidades para a aplicação do planejamento pedagógico dentro do que apreendemos nas diferentes fases do Curso.

A 15ª pergunta é oposta a anterior: "Indique quais foram os aspectos negativos do seu estágio" e em relação aos aspectos negativos, as respostas foram:

*"Senti falta de materiais teóricos e práticos sobre algumas disciplinas de metodologia. Sendo bem sincera: não sei como se alfabetiza. A melhor maneira, sem ser o tradicional método silábico. Senti falta pois quando terminaram os seminários de apresentação dos estágios, não podemos participar da avaliação dos professores e discutir sobre isso, sobre essas experiências vividas, sobre possíveis novas ideias...". (15B)*

*"Más condições das estruturas da escola". (15D)*

*"Questões de problemas estruturais e falta de suporte para o professor. A formação do professor da escola é defasada". (15E)*

*"Falta de material, maior conhecimento da escola...". (15G)*

*"Perceber que as crianças não são ouvidas". (15H)*

*"Alguns aspectos estruturais que nos impediram de algumas atividades e o modo como alguns funcionários tratam os alunos". (15J)*

*"A total decepção com a rede estadual, um descaso absoluto tanto com os profissionais que trabalham lá, quanto com as crianças.". (15N)*

A situação encontrada influenciou muito as respostas dos discentes, mas esta realidade não diz respeito apenas das escolas estagiadas. Para Barbosa (2009, p.3682):

A educação é influenciada pela política e pela ideologia presente na formação deste professor e na sua concepção de sociedade. Faz-se importante perceber, a serviço de quem, estão a política e a ideologia. No decorrer da história, a educação passou por inúmeras reformas buscando adaptá-la ao contexto social, político e econômico e, na maioria das vezes, estando sempre a mercê do interesse do Estado. É ele quem regula, estabelece padrões e dita as regras através dos

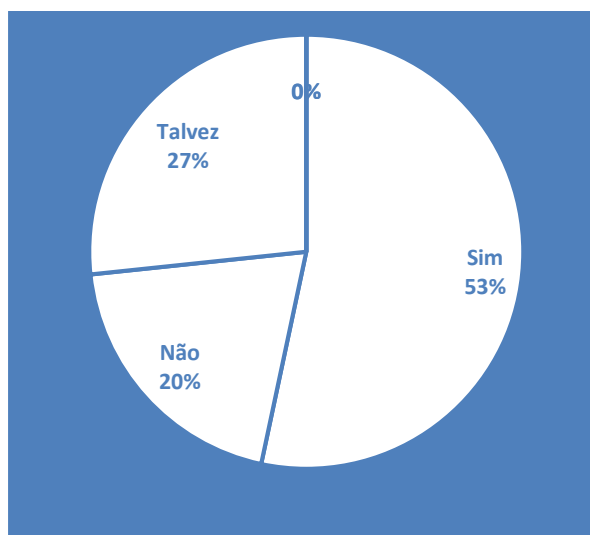
investimentos que faz.[..] Sendo assim, a política e a ideologia não podem ser separadas do processo de formação e nem da prática docente. O equilíbrio ainda não foi encontrado, mas uma via importante do processo de formação do professor continua sendo o estágio supervisionado. Ele é um elemento constituinte da grade curricular dos cursos que propicia aos alunos a relação entre a teoria e a prática bem como a reflexão sobre as forças motrizes da ideologia, da política na constituição da sociedade.

Segundo Barbosa (2009) o campo de estágio propicia aos alunos a vivência desta relação entre a teoria e a prática e uma realidade histórica-social que nos faz meditar sobre estas condições de sociedade.

#### 4.3 EIXO 3: UMA AVALIAÇÃO DA PROFISSÃO E DO SEU FUTURO

Neste Eixo 3, se abordará questões que se referem ao futuro profissional dos graduandos. Esse eixo iniciou com a seguinte pergunta: “Você pretende atuar como docente nos Anos Iniciais após formada(o)?”, questão essa que se refere a uma das preocupações nas políticas públicas relativas a educação no Brasil e no mundo e, aqui respondido positivamente que sim (53%) e que não 20% das respostas obtidas.

**Gráfico 7** – Avaliação das acadêmicas da 8ª fase do Curso de Pedagogia da UFSC, do semestre 2014.2, quanto a sua pretensão para a atuação como docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



Fonte: Produção própria a partir de questionário aplicado com as discentes.

Percebe-se assim um alto índice de discentes que declararam não querere exercer a docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Também para 14% estão os que se decidiram e anteriormente a pesquisa à docência na Educação Infantil.

Para os que responderam **Sim**, as justificativas demonstram que as experiências (embora nem sempre bem sucedidas) deste período, refletiram positivamente para a decisão. As possíveis descobertas e aprendizados que a docência podem proporcionar, bem como a identificação com a docência, são alguns entre outros motivos apontados.

Para os **Talvez** (27%), permeia a indecisão e a dependência de oportunidades atraentes. E para os que responderam **Não**, as justificativas são uma tendência nas respostas para uma certa violência institucionalizada que afasta os discentes de Pedagogia: *“Porque eu me decepcionei MUITO com o ensino fundamental ESTADUAL, de repente eu aceitaria a possibilidade de trabalhar no ensino fundamental, mas somente na rede municipal”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 9.2A, 2015)

Ao se analisar os que responderam negativamente ao **Sim** e os que responderam **Talvez**, percebemos que somados perfazem 47% e que podemos em um arredondamento comparar que há quase um empate em relação aos que pretendem exercer a profissão, os quais somam 53%.

Para a última pergunta, com respostas objetivas, encontra-se a de número dez, “As condições encontradas no campo e sua atuação no estágio nos Anos Iniciais contribuíram para sua decisão e motivação para a futura atuação na prática docente e para a carreira de professor?” A maioria expressou-se pela seguinte resposta: *Não influenciou, pois, a decisão já era anterior ao estágio*. (36%), justificando que: *“Quando eu fui para o estágio nos Anos Iniciais eu já sabia o que eu queria: Eu quero ser professora de bebês. Assim eu já tinha minha opinião formada. Mesmo assim escolhi estágio com os alunos do primeiro ano”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 9.2B, 2015)

Para os que responderam **Sim, totalmente**, sendo esta a segunda opção mais avaliada embora metade dos que responderam assim (29%) não justificaram e as que o fizeram, estão com justificativas que apontam a influência não foi agradável ou positiva nesta experiência da prática docente:

*“Porque faltava material, faltava professores, faltava organização, faltava motivação...”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 10.1A, 2015)

*“É pela escola pública que devemos lutar, dizer que tudo está perfeito não posso, mas, sei que posso contribuir nesta luta de décadas”. (10.1B)*

Nessas passagens podem ser observados dois pontos de vistas diferentes, em que a graduanda apenas reclama de sua experiência prática, e no segundo comentário, sob uma perspectiva mais idealizadora, a futura pedagoga encara a realidade e tem a pretensão de contribuir com a realidade em questão. E aqui aparece a imagem do professor como “mártires sociais”. Também teve a mesma porcentagem a resposta: **Sim, mas só em partes** (14%). Todavia, as explicações referentes a essa resposta versam sobre as dificuldades encontradas: *“Sim, mas em algumas questões não, como materiais didáticos tive que pagar com meu próprio dinheiro, o número de crianças por turma era muito alto e isso me desestimulava”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, r.10.3B, 2015). A opção **Sim em sua maioria** (14%), em suas justificativas, é notório um receio da realidade encontrada na sala de aula. A opção **Teve pouca influência** foi respondida pela minoria de 7%, como esperado: *“Como disse, fiz o curso com esse objetivo, o estágio só reforçou minha vontade”*. (Questionário aplicado, Apêndice B, r. 10.4A, 2015)

Percebemos que o trabalho de um pedagogo não é fácil, a remuneração de um professor é baixa e ter que comprar material, realmente pode ser encarado para alguns como um desestímulo pelo futuro profissional da Pedagogia. Observa-se pelas respostas coligidas até agora, a importância que é dada ao Estágio do curso de Pedagogia.

Na pergunta de número 11 fez-se o seguinte questionamento: “Que representação/imagem você construiu da escola após o estágio?” Em relação aos pontos comuns das justificativas consideradas positivas, podemos classificá-las por um padrão como segue para cada pergunta e começando com as dificuldades que as escolas têm:

*“É uma escola que atende a comunidade do Maciço do Morro da Cruz. Há muitos problemas nessa comunidade e as crianças não estão imunes a isso. É um trabalho lento, mas que pode render bons frutos. O papel da escola é acolher e fazer o seu melhor. Acredito que a escola que atuamos está fazendo isso”. (11N)*

Mostra que consideram que muito ainda terá que ser mudado durante a prática docente e que demorará tempo para surgir efeitos.

Em relação à boa vontade dos profissionais (justificativas positiva) afirma-se que:

*“Como toda escola pública tem muitas dificuldades. Mas também tem um discurso que esconde a má vontade de certos profissionais de*

*cumprir sua função dentro da escola. Discurso que muitas vezes contagia a pessoa que entra”. (11J)*

Considero como positivo este alerta devido a ser uma percepção de mudança que deverá ser empreendida nos campos de estágio e que influencia em diversas maneiras a prática pedagógica pretendida.

Entre as necessidades de mudanças encontra-se (justificativas positiva) as que segue:

*“A escola real, e nossa ação real dentro dela precisam ser preferencialmente destacados na formação de professores. É preciso sair da Graduação melhor preparado para os desafios dessa escola real”. (11I)*

*“Que a educação ainda precisa mudar muito e os modos de gestão também. Talvez a escola esteja linda e tudo funcionando aparentemente mais cadê o papel do banheiro? Olha o jeito que o diretor fala com os alunos... Olha a merenda como é servida, como as crianças são tratadas na escola”. (11M)*

Aqui fica a crítica à falta de condições materiais observadas nas escolas e denunciadas às vezes pelos próprios alunos. Entretanto, considerado críticas positivas para realização de mudanças desta situação.

Ademais conferem a importância da formação humana nesse processo e justificam positivamente:

*“Lugar de formação humana”. (11G)*

*“A escola é o lugar das resistências, de travar lutas por uma sociedade mais justa”. (11A)*

Percebe-se aqui a importância dada a esta etapa no curso de Pedagogia da UFSC, indicando-se possibilidades de transformações sociais que a escola pode propiciar.

Analisa o cuidado com os seres que se está lidando, isto é, as crianças (justificativas positivas):

*“Que a escola é além de um lugar conteudista, é um espaço de formação humana. Um lugar coletivo, de relações sociais diversificadas, de ampliação de experiências. Um lugar para cultivar a infância. (11D)*

Percebem assim que se pode cultivar em um espaço coletivo a promoção das atividades sociais, da infância e carências de transformações que a educação necessita. Uma das acadêmicas afirma que:

*“Acredito que nós estamos sempre em transformação. Sendo assim porque não acreditar na escola? Eu acredito que estamos matando a vontade que as crianças têm de estar na escola. Não podemos continuar com essa lógica perversa que a sociedade capitalista nos empoeira”.* (11L)

Nestas respostas vemos avaliações consideradas positivas devido as suas conclusões serem possíveis soluções dos dilemas apontados.

Salientam nas respostas aspectos negativos em comum encontrados pelos discentes seguindo a mesma classificação nas justificações, começando pelas dificuldades que a escola tem:

*“Professores despreparados, escola suja, velha. Alunos insatisfeitos com outros objetivos. Não querem estudar”.* (11E)

*“O que eu já conhecia. Estudei a minha vida inteira em escola pública e não mudou em nada”.* (11H)

Percebem uma realidade que algumas alunas já tinham experienciada durante as suas formações. Entre as observações negativas nas suas relações durante o estágio, encontra-se:

*“A escola como organização? Acho que me decepcionei com o sistema educacional. Encontramos uma realidade muito abandonada, na qual os próprios profissionais já não acreditam mais na educação”.* (11C)

E percebem assim outras necessidades de mudanças (justificativas negativas):

*“A escola ainda é local de depósito apesar de querer ensinar e educar, mas para algumas famílias e professores é essa impressão que passaram”.* (11F)

*“Imagem de descaso com crianças que tem o mesmo direito que as crianças que estudam em escolas particulares, onde não falta professores, nem materiais, nem interesse e motivação por parte dos professores”.* (11B)

Como foi possível perceber, de alguma forma concatenavam as opiniões da grande parte dos graduandos, seja positiva ou negativamente e mostram que as novas vivências neste período, produziram compreensões e novas possibilidades para superar as realidades encontradas.

A pergunta 12 tratou sobre: “que representação da profissão docente tem após o estágio? ”. Em relação aos pontos comuns das justificativas consideradas positivas, podemos classificá-las, segundo o padrão da questão acima, a partir dos relatos das dificuldades que a escola apresenta:

*“Ser docente hoje é uma luta, tem que enfrentar muitas dificuldades, mas é possível sim fazer a diferença, não se pode deixar envolver com certos falsos discursos”. (12H)*

*“Profissão extremamente importante”. (12C)*

Aqui mostram a aceitação de uma realidade difícil que é a da prática docente, embora consideram a importância da profissão de educador e sua relação à boa vontade dos profissionais em exercê-la. Ainda encontramos as seguintes respostas para essa questão:

*“Amor à profissão e a delícia de ensinar e aprender, com quem quer aprender”. (12D)*

*“A representação que levo para minha formação é o exemplo da prof.<sup>a</sup> responsável pelo meu estágio nas séries iniciais, ‘responsabilidade e amor’”. (12I)*

Percebem que os incentivos dos formadores destas alunas são importantes nesta aventura, cheia de emoções, que perpassa a profissão e para sua construção. Nessa direção, uma discente faz a seguinte ponderação:

*“Difícil, trabalhosa, mal remunerada e desvalorizada. Porém, qual o bom profissional que não gosta de desafios? Hoje vejo que a profissão docente é um desafio e que é necessário ter muito amor pelo trabalho para permanecer nessa área”. (12M)*

Salientam o cuidado que devemos ter com os seres que se está lidando, isto é, as crianças.

*“Que ser professor é ter nas mãos, um trabalho relacional. Relação com o outro”. (12B)*

*“Muito boa! Pois a professora respeitava o sujeito criança e chamava atenção das crianças quando tinha que chamar”. (12O)*

Ademais, denunciam aqui carências de transformações que a educação necessita atualmente, afirmando-se que o docente é visto como um mártir:



*“De guerreiro, pois tem que ser muito guerreiro para acordar cedo todos os dias e enfrentar todas as precariedades que existem nas escolas da rede estadual, além do péssimo salário”. (12L)*

Quanto aos aspectos negativos em comum encontrados nas respostas das discentes, seguindo a mesma classificação nas justificações, começo pelas dificuldades que a escola tem, segundo as acadêmicas:

*“A pior possível, mas já era de se esperar. Se na graduação os professores já “empurram com a barriga” alunos despreparados, que não tem a mínima condição de seguir em frente, nos anos iniciais/ ensino fundamental não seria diferente”. (12A)*

*“De pessoas guerreiras e de pessoas desmotivadas e o quanto isso influencia no ensino das crianças”. (12J)*

Em uma síntese generalizada para estas perguntas percebe-se as carências de transformações que a educação necessita e uma realidade considerada por algumas como gratificante, mas nada agradável devido a desvalorização e problemas percebidos na profissão. A docência é assim descrita por uma das acadêmicas:

*“Uma carreira muito gratificante. É muito gratificante ver os alunos aprendendo. Mas também tem a visão negativa de professores que não são valorizados e professores que acabam ficando doentes diante de tantos problemas na educação pública. ” (12F)*

Diante do exposto refletiu-se sobre o quão complexo é a experiência do estágio em meio às dificuldades, estímulos e conquistas encontradas durante este percurso.

Notamos o que precisa ser transformado para a melhor compreensão das práticas pedagógicas e sua assimilação. Fica evidente a importância desta etapa na formação, que esclarece para os graduandos a imensa complexidade que envolve este período de grande valia para experienciar e aprender a selecionar as ações, conteúdo, metodologias e comportamentos em relação aos alunos.

A partir do que podemos avaliar aqui neste trabalho percebe-se esta etapa do curso de Pedagogia como importante e extremamente enriquecedor para a formação docente. Não se pode desconsiderar que muitas respostas quantitativas predominaram entre regular e bom o que demonstra a necessidade de melhorias na formação e nos campos estagiados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas sobre o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, das alunas do 8º semestre, 2014.2, do Curso de Pedagogia da UFSC mostraram as considerações tanto quantitativamente quanto qualitativamente das vivências adquiridas neste período pelas estudantes nesta difícil conjuntura social, trazendo em suas palavras, como é percebida a prática deste estágio. Consideraram-no como “Bom” nestas circunstâncias atuais embora por outro ângulo devido ao pouco tempo reservado para a prática do ensino propriamente dito, o consideram em geral de “Regular a Ruim”.

Também se observou o embate na compreensão da prática de novas teorias e das possibilidades que este período proporcionou e que, no todo, nos fizeram re-planejar continuamente para o afinamento das práticas educativas. Também se mostrou como consenso o fato dessa etapa ser “importantíssima na formação”. As respostas em relação à influência do estágio para a sua permanência na docência, a maioria respondeu que não influenciou para a tomada de decisão, pois a decisão já estava tomada. Temos também nesse último caso, graduandas que preferem atuar na Educação Infantil e que não contempla a resposta “Sim” e marcarão como “Não”, influenciando negativamente na avaliação e que devemos entender que querem lecionar, mas não para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os relatos trazidos mostram que há déficit de materiais didáticos e passeios culturais na organização dos planejamentos escolares anuais para adequar os planos de aulas trabalhados e que na maioria das vezes eram supridos pelos próprios estagiários. Mostra a contribuição que promoveu para o entendimento da “Teoria Praticada”, compreender que não podemos dissociar a Teoria e a Prática, tanto na formação docente, quanto no estágio.

O estágio também possibilitou o exercício do que se deve observar, a teoria a se utilizar, a forma de analisar e, principalmente, o modo de agir. A teoria deve ser praticada para que a aprendizagem se faça em um processo de construção e com a percepção de novas possibilidades para uma educação mais participativa, qualitativa e democrática.

Ademais, um desafio que se mostrou presente na minha experiência e nas das colegas é o fato de que mesmo que haja um professor e dois estagiários por turma nas escolas do Brasil, não daríamos conta de tanta diversidade encontrada nas salas de aulas,

dos conhecimentos trazidos por cada aluno, de suas diferentes educações, culturas e dos problemas criados pela sociedade capitalista que reflete nas vidas da maioria dos alunos dos campos de estágios, excluindo e alimentando esta exclusão provocando respostas negativas as metodologias convencionais aplicadas.

Observou-se ainda que as discentes avaliaram positivamente a preparação na graduação para este período de formação, em relação as bases teóricas e metodológicas, embora tardiamente em relação ao contato com a realidade escolar do Ensino Fundamental. Fui alertado da realidade social encontrada no Ensino Fundamental durante o início do semestre do mesmo estágio, em que esta preparação se deu em leitura e discussão. Parecia que se nos contasse antes poderíamos desistir da carreira ou algo semelhante, coisa que esta pesquisa prova que não é verdade esta possibilidade. Assim para os que ainda não tinham entrado em contato com a docência em um grupo de alunos como eu, foi um momento que trouxe um aprendizado que proporcionou novos ângulos de visão de nossa situação sócio histórica como educador. Neste estágio adquirimos uma noção mais sólida do que encontraremos na profissão que escolhemos para nossa vida.

Por fim, para o fechamento desta pesquisa, gostaria de deixar registrado aqui o quanto foi prazeroso a confecção deste trabalho, que possibilitou reuniões e estudos para análises, que foi dando forma a este, esclarecendo e lapidando os problemas encontrados no tema, facilitados com o entendimento e a paciência de minha orientadora. Foi um aprendizado desde seu esboço com as pesquisas nos meios eletrônicos, com a confecção do questionário, com as respostas das discentes, na observação de variantes de outras possibilidades de se analisar fatos que discordava ou ignorava ou necessitava/necessitam de esclarecimento. Estes foram, entre muitos, os principais aprendizados que recebi com este trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. R. **Multiculturalismo e formação de professores:** um estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses/tese\\_marcia\\_rodrigues\\_ferreira\\_alves.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/ppge/teses/tese_marcia_rodrigues_ferreira_alves.pdf). Acesso em: 28/05/2015.

ARAÚJO, G. De. **Estágio Supervisionado:** espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora programa de pós-graduação em educação, 2010. Disponível em: [http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao\\_GeizaAraujo\\_2010.pdf](http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao_GeizaAraujo_2010.pdf) Acesso em: 01/12/2015.

BARBOSA, A. M. B. **A contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo.** Trabalho em evento 2009. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2049\\_1600.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2049_1600.pdf). Acessado em: 28/11/2015.

BARRETO, M. S. **Atratividade da docência limites e possibilidades: contributos para uma análise do estado da arte.** Trabalho em evento. (EPEPE) Encontro de Pesquisas Educacionais em Pernambuco, 2009.

BORSSOI, B. L. **Tensões e possibilidades do estágio curricular supervisionado como potencializador da formação e da perspectiva política do pedagogo.** Dissertação (Mestrado), Porto Alegre: Universidade Federal/2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55332/000852079.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20/08/2015

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96.** Brasília: 1996.

BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm). Acesso em out. 2011.

BRASIL. **Resolução CNE/CES n. 1, de 18/02/2002.** Institui Diretrizes Curriculares nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena. Brasília, 2002.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: CNE, 2015. Disponível em: <http://ced.ufsc.br/files/2015/07/RES-2-2015-CP-CNE-Diretrizes-Curriculares-Nacionais-para-a-forma%C3%A7%C3%A3o-inicial-em-n%C3%ADvel-superior.pdf>. Acesso em: 3 julho 2015.

BRASIL.. **Decreto n. 3.276, de 06/12/1999.** Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica. Brasília, 1999.

BRASIL; **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006b. Diário Oficial da União, Brasília, 16 mai. 2006b, Seção 1, 11p.

DANTAS, J. S. **Formação docente em serviço e construção curricular nas escolas associadas à comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz.** Revista Cadernos do Ceom n. 30. Unochapecó, 2009. Disponível em: <http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/467>

DANTAS, J. S. **Reescrever o mundo com lápis e não com armas: a Experiência política e pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis (SC) / Florianópolis:** Em Debate, 2013.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** In: DAYRELL, Juarez (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, 136-161.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão.** 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. Instrumentos Metodológicos I.

GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne. **Duas reflexões sobre documentação.** In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p.150-169.

GATTI, B. A. et al. **Atratividade da carreira docente no Brasil:** relatório final de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Fundação Vitor Civita, 2009. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/atrativ-carreira-ap-final.pdf>> Acessado em: dia 20 de junho de 2011.

GÓES, M. C. R. **As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos.** In: GÓES, M. C. R. e SMOLKA, A. L. B. (orgs.). **A significação nos espaços educacionais: Interação social e subjetivação.** Campinas: Papirus, 1997

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem.** Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

KRAMER, S. **A Infância e sua Singularidade.** In: Ensino fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.

KRAMER, S. (Org.) **Alfabetização: dilemas da prática.** Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

KRAMER, S. **Infância, cultura e educação.** In: Aparecida Paiva; Aracy Evangelista; Graça Paulino; Zélia Versiani (Org.). **No final do século: a diversidade e o jogo do livro infantil e juvenil.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 9-36.

KRAMER, S. **Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de formação de escrita.** In: CANDAU, V. M. (Org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** Rio de Janeiro, DP&A, 2000a, p. 105-121.

- KRAMER, S. **Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais.** Presença Pedagógica, v. 6, n.31, p. 17-27, jan./fev. 2000b.
- MALDONADO, M. T. **Comunicação entre Pais e Filhos: a linguagem do sentir.** São Paulo: Saraiva, 2002.
- MIRANDA, M. G. de. **O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança.** In LANE, Silva & CODO, Wanderley (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 125-135.
- OLIVEIRA, T. K. B. **Desmotivação: um fator negativo na prática do professor,** Artigo, 2009.
- PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão.** In: PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de Ensino e o estágio supervisionado.** Campinas: Papirus, 2004. P. 15 a 38.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade entre a teoria e prática? Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 94, 58-73, ago. 1995.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções.** São Paulo: Cortez, 2006.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2010.
- REGO, Rogéria Gaudêncio do. **Matemática II.** Rogéria Gaudêncio do Rego, Rômulo Marinho. João Pessoa. Editora Universitária. UFPB/1999.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Documento base de orientação pedagógica/administrativa: educação básica e profissional.** Florianópolis, 2005.
- SANTANA, S. C.; DIAS Jr, J. M. A.; BERNADINO, F. **O Exercício da Docência nos Anos Iniciais: Marcas, Desafios e Possibilidades.** Memorial do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Universidade Federal de Santa Catarina, Semestre 2014.2, Prof<sup>a</sup>. Orientadora Dr. Adriana Alves da Silva. UFSC, 2014.
- SOUSA, A. M. B. de. **Infância e violência: o que a escola tem a ver com isso?** 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- UFSC. **Centro de Ciências da Educação. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://pedagogia.paginas.ufsc.br/files/2013/06/PPP-Pedagogia-2008-vers%C3%A3o-final-2.pdf>. Acesso em: 26 julho 2014.
- VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o desenvolvimento psíquico da criança.** Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Ufrj, Revista GIS nº11, 2008, pp. 23-36. Disponível em <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> Acessado em: 28/11/2012.

**APÊNDICE A** – Questionário aplicado com alunas da 9ª fase no semestre 2015.1 que cursaram o ESAIEF em 2014.2. Instrumento para coleta de dados para a pesquisa.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TCC, INTITULADA “OBSERVAÇÕES DISCENTES SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC, SEMESTRE 2014.2”

### **ESCLARECIMENTOS INICIAIS**

Eu, José Maria Alves Dias Junior, tenho por objetivo nesta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, compreender a partir da visão dos estagiárias/os, a realidade que encontraram durante o período de campo. Meu foco é a experiência de estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizada pelas(os) discentes no semestre 2014.2. O motivo desse recorte se deve por encontrar nas salas estagiadas crianças com uma diversidade cultural que demandava constantes reflexões e replanejamentos das práticas nos planejamentos. Esta vivência contribuiu, de um lado, para a formação pessoal enquanto educador e, de outro, gerou inquietações sobre a importância do estágio nos Cursos de Pedagogia e quanto este pode influenciar na decisão da permanência nesta carreira, possibilitando presente pesquisa. Para tanto, além de leituras bibliográficas que discutem a importância do estágio na formação docente, produzi um questionário buscando informações de como se deu essa fase da formação para essas/es acadêmicas/os. Assim, conto com a sua colaboração nesta pesquisa, preenchendo o aceite para o uso do questionário e respondendo as questões levantadas.

Atenciosamente,

**JOSÉ MARIA ALVES DIAS JUNIOR**

Or. Jocemara Triches

## APÊNDICE A – Continuação

## QUESTIONÁRIO

**1 Como você avalia o local do seu estágio?**

Ótimo  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

1.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**2 Como você avalia a duração do estágio?**

Ótimo  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

2.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**3 Como você avalia o momento desse estágio na grade do curso de Pedagogia?**

Ótimo  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

3.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**4 Como você avalia seu preparo e atuação no estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizado no semestre 2014.2?**

Ótimo  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

4.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**5 Com relação aos fundamentos/ teorias trabalhadas no curso que preparam para o estágio, você considera:**

Suficientemente trabalhadas  Relativamente trabalhadas

Pouco trabalhadas  Insuficientemente trabalhadas

5.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**6 Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio o o/s professor/es regente/s da/e turma?**

Ótima  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

**7 Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e a direção, demais funcionários, etc.?**

Ótima  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

7.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**8 Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e as crianças/alunas?**

Ótima  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

8.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**9 Você pretende atuar como docente nos Anos Iniciais após formada(o)?**

Sim  Não  Talvez

9.1 Justificativas relacionadas a escolha:



**10 As condições encontradas no campo e sua atuação no estágio nos Anos Iniciais contribuíram para sua decisão e motivação para a futura atuação na prática docente e para a carreira de professor?**

- Sim, totalmente  Sim, em sua maioria  
 Sim, mas só em partes  Teve pouca influência  
 Não influenciou, pois a decisão já era anterior ao estágio

10.1 Justificativas relacionadas a escolha:

**11 Que representação da profissão docente tem após o estágio?**

**12 Quais didáticas, estratégias ou experiências vivenciadas durante o estágio ajudaram no processo de inclusão das crianças?**

**13 Indique quais foram os aspectos positivos do seu estágio:**

**14 Indique quais foram os aspectos negativos do seu estágio:**

**15 O que você sugere para melhorar os próximos estágios?**

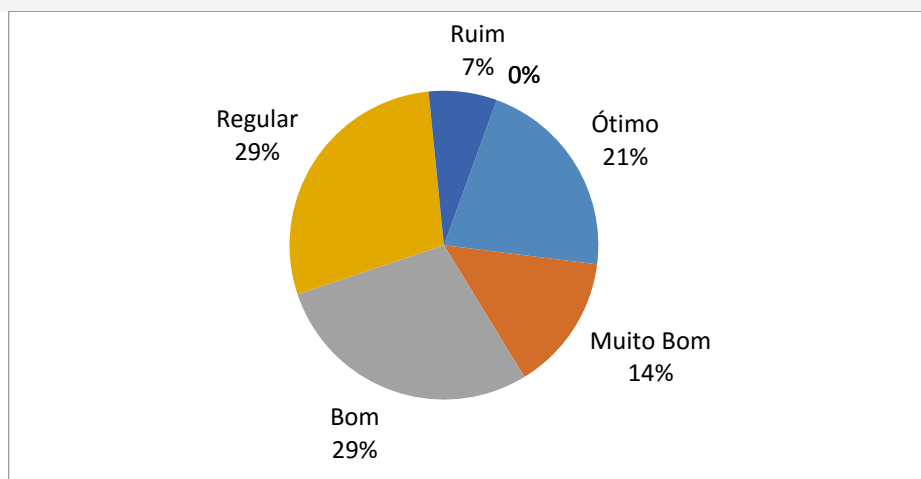
**16 Você pretende atuar como docente nos Anos Iniciais após formada(o)?**

- Sim  Não  Talvez

16.1 Justificativas relacionada a escolha:

**APÊNDICE B - RESULTADO COMPLETO DO QUESTIONADO APLICADO COM AS DISCENTES QUE FIZERAM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM 2014.2.**

**1 Como você avalia o local do seu estágio?**



<b>Ótimo</b>	<b>3</b>	<b>21%</b>
<b>Muito Bom</b>	<b>2</b>	<b>14%</b>
<b>Bom</b>	<b>4</b>	<b>29%</b>
<b>Regular</b>	<b>4</b>	<b>29%</b>
<b>Ruim</b>	<b>1</b>	<b>7%</b>

**1.1 Justificativas para os Ótimos:**

1.1A: Considerei ótimo porque fomos muito bem recebidas pela escola que recebe com alegria o trabalho da UFSC. As crianças foram preparadas para nos receber com carinho

1.1B: Proporcionou experiências marcantes.

1.1C: s/r

**1.2 Justificativas para os Muito Bons:**

1.2A: Fomos bem recebidas. A professora foi participativa, interferindo apenas quando solicitávamos apoio. Nos incentivou e preparou a turma para nos receber. Foi um excelente aprendizado.

1.2B: Escola Pública com muitas dificuldades, retratando bem a realidade do que iremos enfrentar quando formos trabalhar depois de formadas.

**1.3 Justificativas para os Bons:**

1.3A: Professores despreparados, escola suja, velha. Alunos insatisfeitos com outros objetivos. Não querem estudar. Professores despreparados, escola suja, velha. Alunos insatisfeitos com outros objetivos. Não querem estudar.

1.3B: Foi um local bom, nos que escolhemos a escola. Tinha algumas questões que presenciávamos que não concordávamos mais...

1.3C: Pois a instituição nos acolheu, e os profissionais nos receberam muito bem.

1.3D: A Escola em que estagiei não tinha acessibilidade no prédio para alunos com deficiências

#### 1.4 Justificativas para os Regulares:

1.4.A: COLOCAR os estágios nas primeiras fases e com dois semestres para cada estágio (educação infantil e ensino fundamental)

1.4.B: Regular, pois, a experiência com a professora oficial da turma, não nos queria em sala de aula, tanto que a mesma nos falou isso pessoalmente, fora que achei uma falta de respeito com as crianças a professora passar um filme qualquer para poder DORMIR em sala de aula. Também me decepcionei com a realidade de ver crianças que NÃO SABIAM LER E ESCREVER direito ou quase NADA e irem para ao término do semestre para uma série acima do que estava matriculada, ou seja, sem saber ler e escrever essa criança passariam para o 5ª ano e o pior de tudo, com a mesma professora. Apesar da escola ser grande, com amplas salas, quadra, cantina, biblioteca e sala de informática, durante a nossa permanência lá, não podemos usar os materiais disponíveis pois esses ficavam restritos a professora, fora que era escasso os materiais disponíveis.

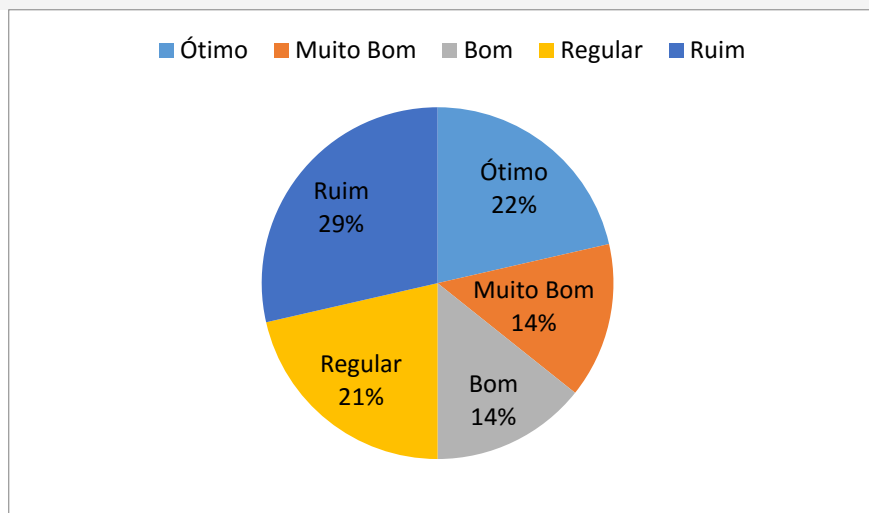
1.4.C: Confesso que parecia mais uma prisão do que uma escola. Eram rodeados de grades, para entrar na escola havia um portão de grade que ia do chão até o teto. Apenas com a liberação de uma funcionária terceirizada poderia entrar na escola. Muitos ambientes eram escuros, aspecto de "sujo"...

1.4.D: A professora responsável pela disciplina foi contratada somente após o início do semestre e assim o campo de estágio só contactado após um mês do início. A escola na qual o estágio foi realizado foi a única que se dispôs a aceitar a turma em virtude do curto prazo.

#### 1.5. Justificativas para os Ruins:

1.5A: s/r

### 2 Como você avalia a duração do estágio?



<b>Ótimo</b>	<b>3</b>	<b>22%</b>
<b>Muito Bom</b>	<b>2</b>	<b>14%</b>
<b>Bom</b>	<b>2</b>	<b>14%</b>
<b>Regular</b>	<b>3</b>	<b>21%</b>
<b>Ruim</b>	<b>4</b>	<b>29%</b>

#### 2.1. Justificativas para os Ótimos:

2.1A: Suficiente para aprender o necessário.
2.1B: Na minha opinião o tempo de estágio deveria ter a duração de um ano em cada fase. E após a sua formação a instituição formadora deveria colocar um profissional para acompanhar o formando no início de carreira durante dois anos.
2.1C: s/r

### 2.2. Justificativas para os Muito Bons:

2.2A: Devido a fase ter um tempo de duração de quatro meses, não teria como ser maior. Pois temos que fazer observação, planejamento, relatório, socialização....
2.2B: Penso que tivemos tempo suficiente para observar e planejar as proposições que apresentamos

### 2.3. Justificativas para os Bons:

2.3A: Foi um tempo bom, não foi longo demais (afinal temos que considerar que nos introduzimos numa sala de aula que já tem um cronograma pré-estabelecido) e nem curto. Tempo suficiente para uma experiência.
2.3B: s/r

### 2.4. Justificativas para os Regulares:

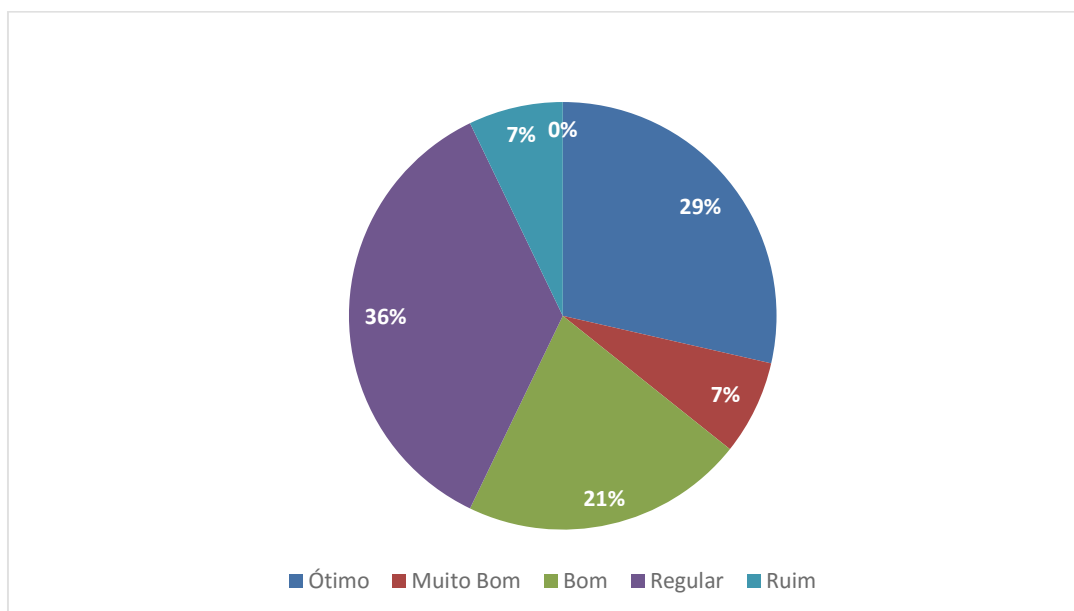
2.4A: Acredito que é um período muito rápido e no meu campo de estágio ainda tivemos uma semana a menos devido a organização da semana da criança, programada antecipadamente pela escola. Realizamos a docência nessa semana, porém no meu grupo de gincana a maior parte não eram de crianças da turma que tinha observado.
2.4B: As relações teoria e prática pouco se estabelecem por causa do tempo e da fragmentação que permeia esse momento da graduação.
2.4C: Comparado a outros estágios de outras universidades o nosso é um período bem bom.

### 2.5. Justificativas para os Ruins:

2.5A: Porque observar, planejar e realizar a prática docente necessita de pelo menos dois semestres em vez de apenas um.
2.5B: Para se ter uma noção do que é escola, de como funciona a organização da escola, conhecer as crianças para depois planejar para elas precisa de muito mais tempo. É tudo muito corrido com esse tempo.
2.5C: Muito pouco tempo para quem fica quase 5 anos vendo somente a parte teórica das disciplinas e somente menos de 3 meses na parte prática, ou seja, na escola. Também senti MUITO DESPREPARO da nossa parte enquanto futuras professoras, pois DURANTE O CURSO NÃO NOS ENSINARAM FAZER PLANEJAMENTO e isso ao meu ver é FUNDAMENTAL para um professor, simplesmente NOS JOGARAM para dentro da escola e disseram SE VIREM!!!. No decorrer do curso, GRANDE parte das professoras do curso de PEDAGOGIA, nos diziam que TUDO NA ESCOLA É POSSÍVEL NO QUE TANGE A FALTA DE MATERIAIS, NO LIDAR COM AS CRIANÇAS E CORPO DOCENTE, mas a realidade é totalmente diferente, em muitos casos ficamos de MÃO ATADAS e em SAIAS JUSTAS, pois buscávamos recursos para suprir a necessidade de material ou de forma de dar aula, e simplesmente recebíamos como resposta caras amarradas do corpo docente da escola e vários não pode isso, não pode aquilo no que tange na forma de ensinar as crianças, isso tudo porque a própria escola e professoras dali fecham os olhos para a realidade das crianças, ou seja, "se a realidade delas é serem burras, tapadas, para que vou perder meu tempo em preparar aula se eles não vão e não querem aprender?", deixo isso para a outra professora que tiver saco".
2.5D: O tempo de observação, planejamento e exercício da docência é muito curto para que possamos praticar, refletir e dialogar sobre o que aprendemos na universidade (práticas alternativas, que considerem os sujeitos, seus contextos, que dialoguem entre teoria e prática)

### 3 Como você avalia o momento desse estágio na grade do curso de Pedagogia?

Ótimo	4	29%
Muito Bom	1	7%
Bom	3	21%
Regular	5	36%
Ruim	1	7%



#### 3.1. Justificativas para os Ótimos:

3.1A: Se tivesse ocorrido nas primeiras fases, talvez eu não continuasse no curso.
3.1B: Há uma expectativa para a realização das proposições, mas a sala de aula é composta por sujeitos de diferentes culturas. São crianças e é normal não querer participar ou atrapalhar os colegas. É necessário paciência, firmeza e determinação para lidar com isso. É um aprendizado e uma certeza de que esses pequenos problemas sempre surgirão no cotidiano escola
3.1C: s/r

#### 3.2. Justificativas para os Muito Bons:

3.2A: É o momento certo, a final estamos terminando o curso, temos que pôr em prática tudo o que aprendemos.
--

#### 3.3. Justificativas para os Bons:

3.3A: Esse momento ainda é cheio de incerteza, e em muitas das vezes não tem professor para acompanhar as alunas. Falta campo de estágio. E a pessoa não recebe por esse momento, pois o local de estágio deveria ter um vínculo com a instituição formadora.
3.3B: Bom, porque precisamos de alguns conhecimentos prévios para entrar na escola.

3.3C: s/r
3.3D: s/r

### 3.4. Justificativas para os Regulares:

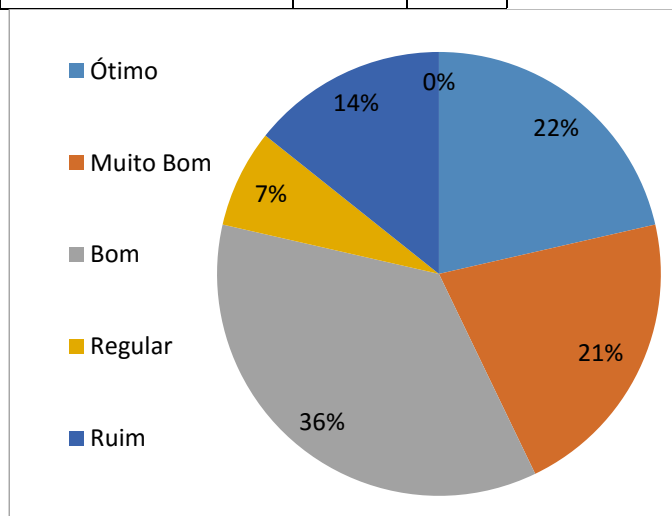
3.4A: Esta disciplina poderia estar locada em semestres anteriores, para que pudéssemos "retornar" à universidade e ter maior debate/discussão/ reflexões sobre a prática e sobre a realidade encontrada.
3.4B: Creio que há um espaço de tempo muito grande entre as disciplinas de metodologia para os anos iniciais e o estágio.
3.4C: Creio que a Universidade deveria iniciar esse processo de aproximação de forma mais contínua no decorrer do curso, para que no momento da inserção dos estudantes, já tenha havido uma aproximação que visasse a contextualizar e aproximar mais efetivamente crianças com as estudantes, para que essa inserção possa ser mais significativa e efetiva para todos os sujeitos envolvidos.
3.4D: Acredito que o estágio deveria ser um pouco mais cedo ou termos mais atividades onde podíamos estar na escola.
3.4E: Teria que ser nas primeiras fases (3a. ou 4a)

### 3.5. Justificativas para os Ruins:

3.5A: Por que somente no final do curso entraremos em contato com a nossa realidade, a nossa profissão? Acredito que o estágio deveria ser realizado entre a 3ª e 6ª fases do curso e que essa fosse realizada durante o ano todo e não dividida em semestres pois o tempo passa muito rápido e fora que quase não vivenciamos nada.
--

## 4 Como você avalia seu preparo e atuação no estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizado no semestre 2014.2?

Ótimo	3	22%
Muito Bom	3	21%
Bom	5	36%
Regular	1	7%
Ruim	2	14%



**4.1. Justificativas para os Ótimos:**

4.1A: O preparo teórico da UFSC é sem dúvida de alta qualidade. Tivemos teorias diversificadas onde pudemos relacionar, contrapor, defender ou criticar, para nossa tomada de posição e ação perante a prática, porém, a realidade conflitua muito a relação teoria e prática. E dentro desse contexto "realidade", fiz o melhor possível. Longe obviamente de um ideal, porém o que a realidade permitiu. Como realidade: fragmentação, tempo, espaço, diversidade de crianças, formação de professores, burocracias.

4.1B: Fui feliz nesse tempo e consegui alcançar a meta estabelecida

4.1C: s/r

**4.2. Justificativas para os Muito Bons:**

4.2A: Seria ótimo se tivéssemos mais aulas para essa finalidade. O currículo prepara mais para o trabalho com educação infantil.

4.2B: Dentro da formação recebida, realizei o estágio. Mas poderia ter sido melhor, se tivéssemos mais tempo de discussões depois da observação e melhor orientação.

4.2C: Que será um grande desafio.

**4.3. Justificativas para os Bons:**

4.3A: Nos saímos muito bem apesar das especificidades...

4.3B: Não me sentia segura para atuar no estágio. Mas isso não significa que a UFSC falhou no processo de formação. Mais eu que precisava de um tempo a mais de preparo. Acredito que a universidade (UFSC) forma sim profissionais éticos e com potencial de atuar em qualquer instituição.

4.3C: Apliquei o que aprendi no curso.

4.3D: Acho que bom, pois eu e minha dupla procuramos pesquisar propostas, observar o que a turma trazia. Utilizamos muito o que aprendemos durante o estágio da Educação Infantil, como o observar, registrar...

4.3E: s/r

**4.4. Justificativas para os Regulares:**

4.4A: Meu preparo de discussões teóricas no semestre foi bom, mas no curso não nos preparam muito bem para a prática, principalmente nos anos iniciais que quase não tivemos disciplinas focada nessa etapa de ensino.

4.4B: s/r

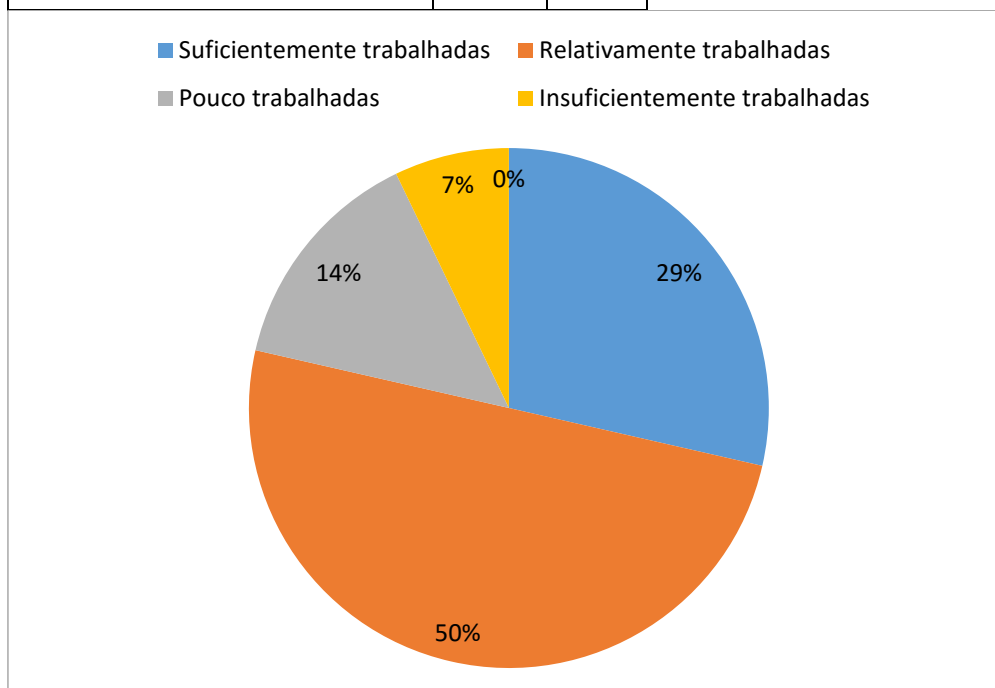
**4.5. Justificativas para os Ruins:**

4.5A: Porque passamos praticamente 7 semestres falando somente sobre educação infantil e de repente na 8a.Fase temos vários textos sobre ensino fundamental, e logo é o estágio obrigatório com poucas SEMANAS de prática docente.

**5. Com relação aos fundamentos e as teorias trabalhadas no curso que preparam para o estágio, considera:**

Suficientemente trabalhadas	4	29%
Relativamente trabalhadas	7	50%

Pouco trabalhadas	2	14%
Insuficientemente trabalhadas	1	7%



### 5.1. Justificativas para os “Suficientemente trabalhadas”:

5.1A: Nosso estágio (eu e minha colega) foi muito bem organizado e planejado. A prof.<sup>a</sup> responsável é uma pessoa responsável e nos apoiou muito.

5.1B: Esse momento ainda é cheio de incerteza, e em muitas das vezes não tem professor para acompanhar as alunas. Falta campo de estágio. E a pessoa não recebe por esse momento, pois o local de estágio deveria ter um vínculo com a instituição formadora.

5.1C: Acredito no currículo do curso.

5.1D: s/r

### 5.2. Justificativas para os “Relativamente trabalhadas”:

5.2A: Acho que as teorias trabalhadas, são bem trabalhadas. Porém a questão é que a realidade que encontrei não correspondia com a qual estudamos (tentamos propor diversas práticas, mas ao final - deste pouco tempo de estágio - recorreremos ao ensino tradicional e foi o que nos possibilitou exercer um pouco nossa docência).

5.2B: Essa questão é um pouco duvidosa para mim, pois senti falta de muitas coisas que poderia ter aprendido em algumas dessas disciplinas.

5.2C: Os fundamentos e as teorias são dadas muito artificialmente. As disciplinas para os anos iniciais foram poucas e a que tivemos foram mais metodologias.

5.2D: Acredito que o estágio deveria ser um pouco mais cedo ou termos mais atividades onde podíamos estar na escola.

5.2E: Foram poucas disciplinas voltadas para os anos iniciais do ensino fundamental. Mais especificamente na oitava fase. Gostaria de ter tido mais conteúdo.

5.2F: Acho que são relativamente trabalhadas, porque é um curso de graduação, eu penso que vai do interesse do aluno buscar se aprofundar no que tem mais interesse em uma especialização.

5.2C: Nosso estágio (eu e minha colega) foi muito bem organizado e planejado. A professora regente é uma pessoa responsável e nos apoiou muito.

### 5.3 Justificativas para os “Pouco trabalhadas”:



5.3A: Em relação aos anos iniciais acho pouco, o curso de Pedagogia da UFSC não foca nos anos iniciais!

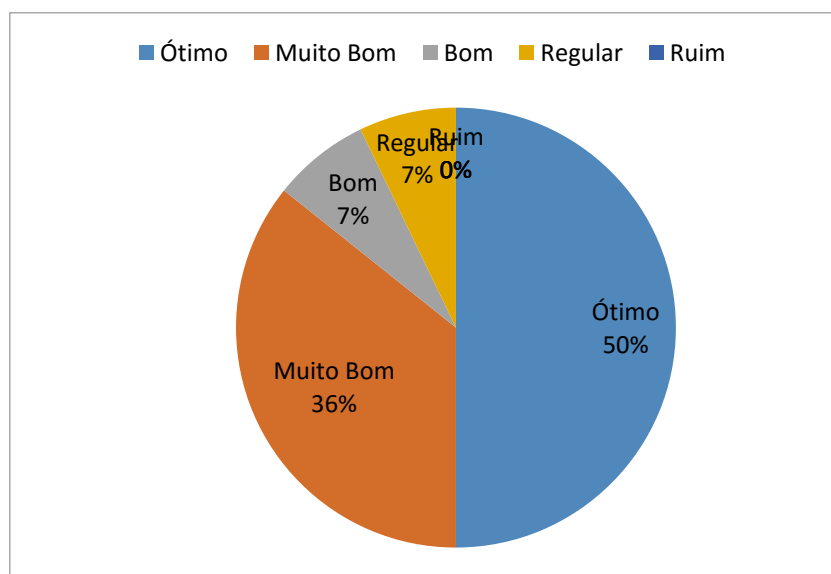
5.3B: s/r

#### 5.4 Justificativas para os “Insuficientemente trabalhadas”:

5.4A: Pois mais contraditória que pareçam as respostas, considero insuficientemente trabalhadas, por considerar que faltou em especial para esse momento da graduação, uma maior preocupação em relação as ações das estudantes dentro da sala de aula da escola real com as crianças reais, onde essas ações deveriam desencadear momentos significativos de aprendizagem e desenvolvimento humanos.

### 6. Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio o o/s professor/es regente/s da/e turma?

Ótimo	7	53%
Muito Bom	5	33%
Bom	1	7%
Regular	1	7%
Ruim	0	0%



#### 6.1. Justificativas para os Ótimos:

6.1A: A professora sempre foi muito receptiva, pois viu na dupla de estagiárias uma "ajuda" para lidar com as questões que a turma apresentava.

6.1B: Houve parceria, entrosamento, diálogo. Foi uma experiência significativa e repleta de momentos de alegria. Inesquecível!!

6.1C: Neste estágio, em específico, houve trocas de saberes de forma cooperativa.

6.1D: Nossa interação com a professora e com a turma foi ótima ela estava a todo momento nos auxiliando

6.1E: Tive um profissional ótimo, pois em todos os momentos ele nos auxiliou. Não só com conteúdo, mas também na parte psicológica para nossa carreira.

6.1F: Tivemos um relacionamento aberto com a professora da sala e com toda a instituição.

6.1G: s/r

**6.2. Justificativas para os Muito Bons:**

6.2A: Foi muito bom, pois a nossa professora regente era uma recém-formada em Pedagogia, na UFSC (apenas dois anos) e aprendemos muito com ela e trouxemos também coisas novas para ela.

6.2B: Muito boa, sem problema nenhum, com muita abertura de ambas as partes.

6.2C: Muito bom porque não tive nenhum problema nem com minha professora orientadora de estágio e nem com a professora regente da turma que realizei o estágio.

6.2D: s/r

6.2E: s/r

**6.3. Justificativas para os Bons:**

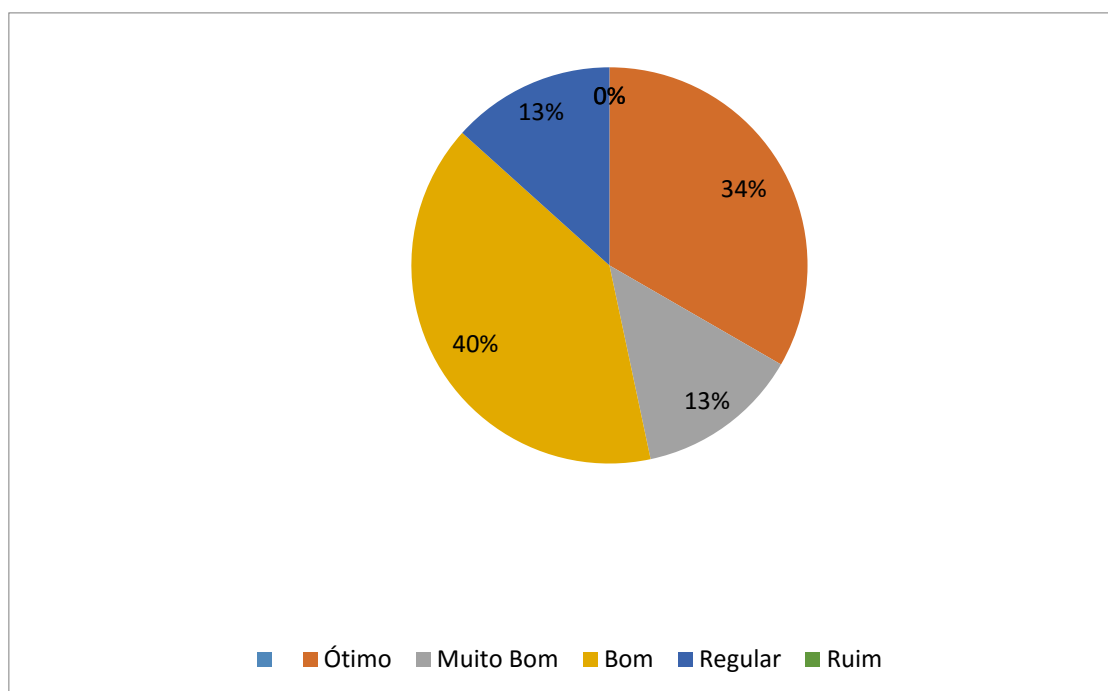
6.3A: Tirando o fato que a professora regente da turma deixou bem claro que não nos queria na sala dela, consegui realizar o meu planejamento, com as crianças pois tivemos acesso aos demais espaços disponíveis fora da sala de aula para realizar as atividades com as crianças, porém aos MATERIAIS USADOS TIVEMOS QUE DAR DO NOSSO BOLSO POIS A ESCOLA NÃO FORNECE OU NÃO TEM. E COMO SOMOS ESTUDANTES QUE NA SUA MAIORIA NÃO TRABALHA, POIS, O CURSO É VESPERTINO, FICA MUITO PESADO COMPRARMOS MATERIAIS QUE NÃO RETORNAM PARA NÓS, A ESCOLA EXIGE QUE FIQUE COM ELA.

**6.4. Justificativas para os Regulares:**

6.4A: s/r

**7. Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e a direção, demais funcionários, etc.?**

Ótimo	<b>4</b>	34%
Muito Bom	<b>2</b>	13%
Bom	<b>6</b>	40%
Regular	<b>2</b>	13%
Ruim	<b>0</b>	0%



### 7.1. Justificativas para os Ótimos:

7.1A: Durante este tempo fui respeitada e estimulada por aqueles que direcionam este trabalho
7.1B: Todos foram prestativos e acolhedores. Ficamos muito agradecidas pela oportunidade de apresentarmos nosso trabalho e pelo aprendizado que nos foi proporcionado.
7.1C: s/r
7.1D: s/r

### 7.2. Justificativas para os Muito Bons:

7.2A: Muito bom porque não tive nenhum problema nem com a direção da escola e nem com os demais funcionários.
7.2B: Muito boa, sem problema nenhum, com muita abertura de ambas as partes.

### 7.3. Justificativas para os Bons:

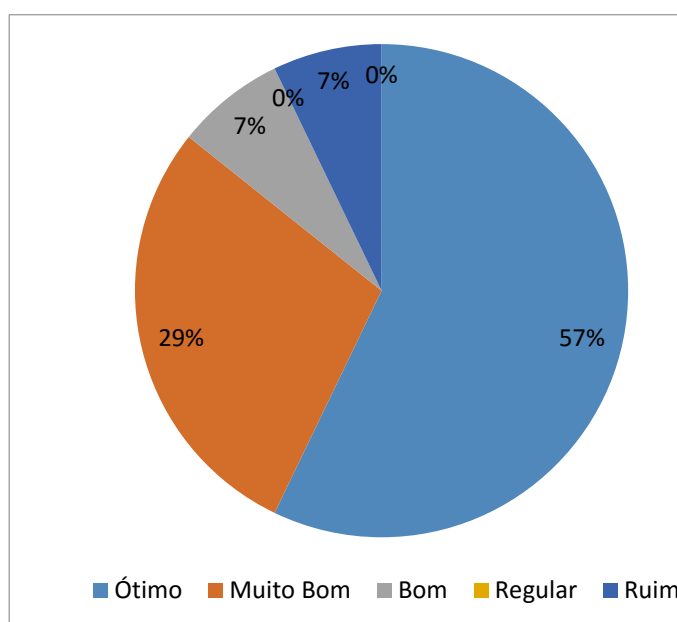
7.3A: Acho que poderia ser melhor, pois queríamos uma conversa mais aberta e entender porque algumas coisas aconteciam de uma certa maneira no ambiente escolar.
7.3B: Todos sabiam quem éramos mais não conversávamos muito não, apenas nos cumprimentávamos.
7.3C: Na medida do possível, boa.
7.3D: Ótimo sem problemas, fomos bem recebidos pelos profissionais da instituição e também pelos profissionais da escola. Na hora do intervalo os profissionais da instituição chegaram a nos elogiar. Pois segundo elas nos fomos as primeiras a ficar juntos delas e não na sala dos professores. Isso e muito bom de ouvir, tratar outro como igual a nos eles não soa diferente foi só escolha as pessoas escolhe outros caminhos e se sente feliz na quilo que escolhe para fazer.
7.3E: Todos foram prestativos e nos receberam bem apesar dos pesares.
7.3F: s/r

### 7.4. Justificativas para os Regulares:

7.4A: Houve pouco interesse no diálogo por parte da instituição.
7.4B: s/r

**8. Na prática do estágio como avalia a sua interação com o campo de estágio e as crianças/alunas?**

Ótimo	<b>8</b>	57%
Muito Bom	<b>4</b>	29%
Bom	<b>1</b>	7%
Regular	<b>0</b>	0%
Ruim	<b>1</b>	7%



**8.1. Justificativas para os Ótimos:**

8.1A: As crianças/alunos foram receptivos e atenciosos.
8.1B: As crianças nos surpreendem todos os dias. Podem aprontar tudo, mas no momento seguinte demonstram uma ternura ímpar. Foi uma experiência gratificante.
8.1C: Ótimo porque tanto eu quanto minha dupla tivemos uma ótima relação com as crianças da turma qual realizamos o estágio.
8.1D: Minha interação com o aluno foi muito boa. Teve bons momentos como os momentos de contar Histórias, e as crianças adoravam esses momentos.
8.1E: Como citei anteriormente a escola como todo estava preparada para nos receber. Compartilhamos alegrias e tristezas.
8.1F: Falávamos com todas as crianças da escola mais principalmente as da nossa turma foi uma interação ótima
8.1G: s/r
8.1H: s/r

**8.2. Justificativas para os Muito Bons:**

8.2A: Foi muito bom também, pois desde o período de observação tivemos uma aproximação muito grande com as crianças. Não era uma mera observação, mas já tinha virado uma observação participativa. E na docência continuou sendo assim.
8.2B: As crianças são muito receptivas

8.2:C s/r

8.2D: s/r

**8.3. Justificativas para os Bons:**

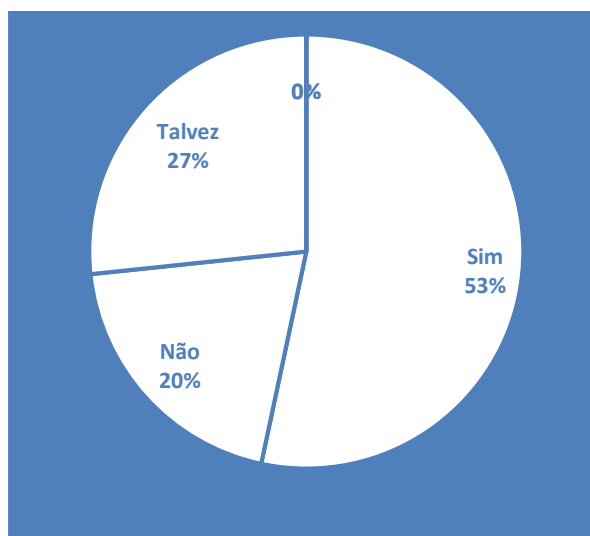
8.3A: Tentamos estabelecer uma conexão afetiva (que aconteceu efetivamente). Porém, a relação professoras/crianças foi mais complexa, pois as próprias crianças já não tinham construído esta relação anteriormente.

**8.4. Justificativas para os Ruins:**

8.4A: Fui criada e educada em uma época em que respeitávamos os professores por serem mais velhos, por deixarem suas casas e famílias para nos ensinarem, por tentar fazer a diferença em nossas vidas.

**9 Você pretende atuar como docente nos Anos Iniciais após formada (o)?**

Sim	7	53%	
Não	3	20%	
Talvez	4	27%	

**9.1. Justificativas para os Sins:**

9.1A: Acredito que minha experiência no estágio não tenha sido bem-sucedida, entre outros fatores, por falta de tempo para construir maior conexão com a turma.

9.1B: Se depender de mim não, mas nunca podemos dizer que dessa água não beberei, para mim não foi uma experiência muito agradável.

9.1C: Eu gosto dessa etapa, gosto de lidar diretamente com os conhecimentos sistematizados.

9.1D: Fico feliz em me imaginar em uma turma de crianças loucas para aprender, onde eu aprenderei mais ainda na busca por essas descobertas. Me parece um cenário mais fácil de visualizar para os anos iniciais.

9.1E: Sempre me identifiquei com essa área. O processo de alfabetização e a descobertas que as crianças vão fazendo dia a dia são fascinantes.
9.1F: Sinto-me em dívida com a sociedade, afinal usei de valores públicos para minha formação. Me sinto no dever de ir para a escola pública.
9.1G: s/r

### 9.2. Justificativas para os Não:

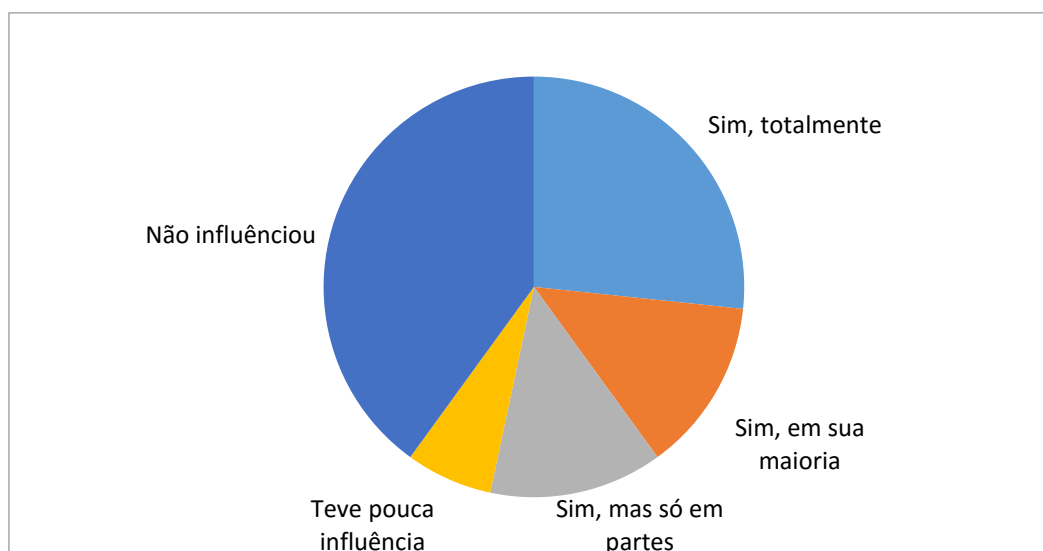
9.2A: Porque eu me decepcionei MUITO com o ensino fundamental ESTADUAL, de repente eu aceitaria a possibilidade de trabalhar no ensino fundamental, mas somente na rede municipal.
9.2B: No momento não, mas tarde se eu tiver a oportunidade de atuar como auxiliar de sala quem sabe eu não me torne uma professora alfabetizadora. Eu quero trabalhar com os pequenos. Sou apaixonada por crianças pequenas elas veem a vida como ela realmente e, como diz o grande poeta Manoel de Barros em sua incompletude.
9.2C: Se depender de mim não, mas nunca podemos dizer que dessa água não beberei, para mim não foi uma experiência muito agradável.

### 9.3. Justificativas para os Talvez:

9.3A: Ainda não tenho uma opinião sobre isso, mas talvez.
9.3B: Ainda não decidi. Quero me formar primeiro e ver que concursos farei no futuro. Depende da necessidade.
9.3C: Depende muito das oportunidades e das voltas que o mundo pode dar.
9.3D: s/r

## 10. As condições encontradas no campo e sua atuação no estágio nos Anos Iniciais contribuíram para sua decisão e motivação para a futura atuação na prática docente e para a carreira de professor?

Sim, totalmente	4	22%
Sim, em sua maioria	2	14%
Sim, mas só em partes	2	14%
Teve pouca influência	1	7%
Não influenciou, pois, a decisão já era anterior ao estágio	5	43%



#### 10.1. Justificativas para os “Sim, totalmente”:

10.1A: Porque faltava material, faltava professores, faltava organização, faltava motivação...
10.1B: É pela escola pública que devemos lutar, dizer que tudo está perfeito não posso, mas, sei que posso contribuir nesta luta de décadas.
10.1C: s/r
10.1D: s/r

#### 10.2. Justificativas “Sim, em sua maioria”:

10.2A: Sim, acredito que ter essa prática é realmente importante pra saber se vou querer estar em sala ou não.
10.2B: A realidade daquela escola não me agradou muito mais gostei de trabalhar com crianças maiores.

#### 10.3. Justificativas “Sim, mas só em partes”:

10.3A: Antes de encontrar esse lugar real, já o havia escolhido, por conta de algumas significações atribuídas por mim referente à sala de aula, as crianças, a escola, o professor, o ensino, a aprendizagem, a democracia de conhecimentos. O estágio serviu para demonstrar que todos esses significados existem.
10.3B: Sim, mas em algumas questões não, como materiais didáticos tive que pagar com meu próprio dinheiro, o número de crianças por turma era muito alto e isso me desestimulava.

#### 10.4. Justificativas “Teve pouca influência”:

10.4A: Como disse fiz o curso com esse objetivo, o estágio só reforçou minha vontade.
---

#### 10.5. Justificativas “Não influenciou, pois, a decisão já era anterior ao estágio”:

10.5A: Já atuei nessa área da educação. Sempre foi meu foco.
10.5B: Quando eu fui para o estágio nos anos iniciais eu já sabia o que eu queria. Eu quero ser professora de bebês. Assim eu já tinha minha opinião formada. Mesmo assim escolher estágio com os alunos do primeiro ano.
10.5C: Não. Já entrei no curso sabendo o que eu quero. O estágio foi uma etapa necessária e cumprida.
10.5D: Já pensava em não atuar nos anos iniciais antes do estágio.
10.5E: nada a declarar

### 11 Que representação/imagem você construiu da escola após o estágio?

11A: A escola é o lugar das resistências, de travar lutas por uma sociedade mais justa
11B: Imagem de descaso com crianças que tem o mesmo direito que as crianças que estudam em escolas particulares, onde não falta professores, nem materiais, nem interesse e motivação por parte dos professores.
11C: A escola como organização? Acho que me decepcionei com o sistema educacional. Encontramos uma realidade muito abandonada, na qual os próprios profissionais já não acreditam mais na educação
11D: Que a escola é além de um lugar conteudista, é um espaço de formação humana. Um lugar coletivo, de relações sociais diversificadas, de ampliação de experiências. Um lugar para cultivar a infância.
11E: Professores despreparados,, escola suja, velha. Alunos insatisfeitos com outros objetivos. Não querem estudar.
11F: A escola ainda é local de depósito apesar de querer ensinar e educar, mas para algumas famílias e professores é essa impressão que passaram.
11G: Lugar de formação humana.
11H: O que eu já conhecia. Estudei a minha vida inteira em escola pública e não mudou em nada
11I: A escola real, e nossa ação real dentro dela precisam ser preferencialmente destacados na formação de professores. É preciso sair da Graduação melhor preparado para os desafios dessa escola real.
11J: Como toda escola pública tem muitas dificuldades. Mas também tem um discurso que esconde a má vontade de certos profissionais de cumprir sua função dentro da escola. Discurso que muitas vezes contagia a pessoa que entra.
11L: Acredito que nós estamos sempre em transformação. Sendo assim porque não acreditar na escola? Eu acredito que estamos matando a vontade que as crianças têm de estar na escola. Não podemos continuar com essa lógica perversa que a sociedade capitalista nos empoeira.
11M: Que a educação ainda precisa mudar muito e os modos de gestão também. Talvez a escola esteja linda e tudo funcionando aparentemente mais cadê o papel do banheiro? Olha o jeito que o diretor fala com os alunos... olha a merenda como é servida, como as crianças são tratadas na escola
11N: É uma escola que atende a comunidade do Maciço do Morro da Cruz. Há muitos problemas nessa comunidade e as crianças não estão imunes a isso. É um trabalho lento, mas que pode render bons frutos. O papel da escola é acolher e fazer o seu melhor. Acredito que a escola que atuamos está fazendo isso.
11O: s/r

### 12 Que representação da profissão docente tem após o estágio?

12A: A pior possível, mas já era de se esperar. Se na graduação os professores já “empurram com a barriga” alunos despreparados, que não tem a mínima condição de seguir em frente, nos anos iniciais/ ensino fundamental não seria diferente.
12B: Que ser professor é ter nas mãos, um trabalho relacional. Relação com o outro.
12C: Profissão extremamente importante.
12D: Amor à profissão e a delícia de ensinar e aprender, com quem quer aprender.
12E: Profissão extremamente importante.



12F: Uma carreira que tem muito gratificante. É muito gratificante ver os alunos aprendendo. Mas também tem a visão negativa de professores que não são valorizados e professores que acabam ficando doentes diante de tantos problemas na educação pública.
12G: A formação é a base.
12H: Ser docente hoje é uma luta, tem que enfrentar muitas dificuldades, mas é possível sim fazer a diferença, não se pode deixar envolver com certos falsos discursos.
12I: A representação que levo para minha formação é o exemplo da prof. <sup>a</sup> responsável pelo meu estágio nas séries iniciais, responsabilidade e amor.
12J: De pessoas guerreiras e de pessoas desmotivadas e o quanto isso influencia no ensino das crianças
12L: De guerreiro, pois tem que ser muito guerreiro para acordar cedo todos os dias e enfrentar todas as precariedades que existem nas escolas da de rede estadual, além do péssimo salário.
12M: Difícil, trabalhosa, mal remunerada e desvalorizada. Porém, qual o bom profissional que não gosta de desafios?? Hoje vejo que a profissão docente é um desafio e que é necessário ter muito amor pelo trabalho para permanecer nessa área
12N: Que será um grande desafio.
12O: Muito boa! Pois a professora respeitava o sujeito criança e chamava atenção das crianças quando tinha que chamar.

### 13 Quais didáticas, estratégias ou experiências vivenciadas durante o estágio ajudaram no processo de inclusão das crianças?

13A: Não sei responder
13B: Roda, sentar no chão. Ouvir as vozes das crianças, participação...
13C: Montagem de um terrário em que as próprias crianças fizeram a confecção do mesmo a partir da explicações e pesquisas feitas em sala.
13D: Utilizamos recursos variados: Brincadeiras, vídeos, textos, rodas de conversa, etc. Em todos houve participação da maioria das crianças.
13E: Quando partíamos do que elas gostavam. E quando explicávamos um conteúdo de uma forma mais dinâmica e interativa. Todos participavam!
13F: Diálogo.
13G: A mais forte foi a que aprendemos no curso que todo aprendizado tem que partir do conhecimento, vivência da criança.
13I: A de reconhecer a crianças com sujeito de direito se constitui dentro dessa sociedade com falhas e acertos. Nesse contexto o profissional de educação passa a dar voz a esse sujeito, aproveitando o conhecimento que essa criança traz de sua casa.
13J: Acolher a todos indistintamente. Tratar de maneira igualitária. Ajudar e dar o melhor de si para todos. A piedade não pode ter espaço no momento de ensinar.
13L: Todas que vivenciei em minha formação, trata-se de uma formação que vai sendo construída e que nos faz perceber que existe uma exclusão que deve ser combatida com nossa ação pedagógica.
13M: Foi inviável.
13N: Procurar planejar atividades com recursos que despertem o interesse das crianças, sair da rotina diária que podemos observar no período de observação.
13.O: s/r

### 14 Indique quais foram os aspectos positivos do seu estágio:

14A: Vivenciar a realidade, poder refletir sobre a educação a partir de uma experiência minha e não somente de relatos de outras pessoas.
14B: Uma reflexão teórica que teve como ponto de partida a prática pedagógica no estágio. Durante o período do estágio, almejamos construir uma relação de protagonismo compartilhado entre o adulto e a criança para o cumprimento de seus direitos

14C: Quando querem as crianças nos surpreendem com sua capacidade de imaginação, raciocínio lógico, espírito de equipe e amor/proteção por quem é menos capaz.
14D: Escola pública, apoio da UFSC, apoio da Professora orientadora.
14E: As crianças. As crianças nos surpreendem.
14F: A sensação de ter feito o melhor dentro de uma realidade apavorante.
14G: Aprendizagem, vivência dentro da escola, experiências com as crianças, a troca com a professora regente, com o grupo de estagiarias e a excelente convivência com o orientador.
14H: " - Alegria das crianças - Suporte da prof. <sup>a</sup> responsável pelo estágio - Acolhimento da escola"
14I: Reconhecer a criança como sujeito de direito. A professora da sala sempre nos apoiou, nos amparou, acolheu e nos auxiliou no que precisávamos.
14J: A sorte de ficar na sala de uma professora super querida, atenciosa e que nos ajudou muito. e de as crianças serem maravilhosas e nos aceitarem e aceitarem tudo que propomos.
14L: "Todos, mas destaco: Observação (saber ouvir e saber olhar) . Planejar (ter sempre um plano B ou C) - Confiança em si mesmo. Sem isso não há como desenvolver nenhuma proposição que envolva principalmente crianças."
14M: Não consigo me lembrar de quase nada.... Mas um aspecto é que com vontade, persistência, paciência e Amor a profissão, é possível alcançar os objetivos planejados, ou alguns deles.
14N: s/r
14O: s/r

### 15 Indique quais foram os aspectos negativos do seu estágio:

15A: Foram muitos, começando pelo descaso da instituição universitária com a turma na qual fiz parte (sem professora orientadora, campo de estágio, diálogo da área para chegar a uma solução). Estes fatos influenciaram nossas expectativas com esta disciplina e, conseqüentemente, nossa "chegada" à escola. Outro aspecto relevante foi a chegada tardia no campo de estágio e a falta de preparo da instituição para nos receber (mesmo que tenham "aberto as portas", não havia um diálogo anterior com a escola referente ao estágio e isso prejudica a relação escola x universidade).
15B: "Senti falta de materiais teóricos e práticos sobre algumas disciplinas de metodologia. Sendo bem sincera: não sei como se alfabetiza. A melhor maneira, sem ser o tradicional método silábico. Senti falta pois quando terminaram os seminários de apresentação dos estágios, não podemos participar da avaliação dos professores e discutir sobre isso, sobre essas experiências vividas, sobre possíveis novas ideias..."
15C: Todos os ditos anteriormente.
15D: Más condições das estruturas da escola.
15E: Questões de problemas estruturais e falta de suporte para o professor. Questões de problemas estruturais e falta de suporte para o professor. A formação do professor da escola é defasada.
15F: A escola dentro de uma perspectiva histórico cultural, identifica os aspectos.
15G: Falta de material, maior conhecimento da escola...
15H: Perceber que as crianças não são ouvidas
15I: O professor orientado, a professora da sala, as crianças foram ótimas. O nosso plano de trabalho estava muito bom efetuamos
15J: Alguns aspectos estruturais que nos impediram de algumas atividades e o modo como alguns funcionários tratam os alunos.
15L: Problemas de saúde na família (difícil separar as coisas quando se trata da vida humana).
15M: Perceber que as crianças não são ouvidas
15N: A total decepção com a rede estadual, um descaso absoluto tanto com os profissionais que trabalham lá, quanto com as crianças.
15O: s/r

### 16 O que você sugere para melhorar os próximos estágios?

16A: O período de estágio deveria ser mais longo. Um ano para cada fase
16B: Eu sugiro que os locais sejam mais bem escolhidos mais acho bom enfrentarmos a realidade das escolas públicas. Foi bem gratificante e nos trouxe muitos aprendizados, aprendemos além de ser mais humanas e enxergar a realidade de cada criança. A vida não é nada fácil para muito daqueles pequenos...
16C: Que haja um momento de discussão entre os alunos que fizeram estágio e a avaliação dos professores supervisores sobre esse momento. Pois considero que isso seja importante para o próprio curso de Pedagogia, os alunos e os professores.
16D: - COLOCAR os estágio nas primeiras fases e com dois semestres para cada estágio (educação infantil e ensino fundamental)
16E: Melhorar o currículo, com disciplinas voltadas para o trabalho com Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
16F: Que entre a observação e a docência propriamente dita, haja uma maior discussão sobre o que foi observado, não somente com o professor orientador mas com as professoras de Organização e Didática.
16G: - maior atenção da universidade com esta disciplina; - deslocamento da disciplina para semestre anterior; - maior envolvimento de todos os professores responsáveis por este campo; - maior tempo de duração (aproximação com o campo).
16H: -Na minha experiência, neste estágio, posso dizer que tudo foi ótimo. Entendo que o profissional que nos conduziu era de excelente qualidade e é o que torna o estágio de nível alto.
16I: Está tudo maravilhoso. Que continue como está.
16J: Aumentar o tempo em campo. Preparar bem a escola para nos receber. E orientar e ajudar as estagiárias em relação aos conflitos que podem ocorrer.
16L: maior atenção da universidade com esta disciplina; - deslocamento da disciplina para semestre anterior; - maior envolvimento de todos os professores responsáveis por este campo; - maior tempo de duração (aproximação com o campo).
16M: Penso que as próximas turma não podem entrar em sala de aula sem saber como fazer um planejamento, em vivenciar esses planejamentos, seja na elaboração como na prática das atividades desse planejamento, isso vale para TODAS as matérias/disciplinas. Também penso que o prazo de realização do estágio na escola deve ser maior, ter mais tempo para vivenciar a escola, disponibilidade de materiais DADOS pela escola ou pela UFSC, afinal não somos RICAS para bancar o estágio. Penso que o estágio deve ser realizado NO COLÉGIO APLICAÇÃO uma vez que entendo que ESSE DEVE SER O NOSSO (CURSO DE PEDAGOGIA) LABORATÓRIO E NÃO LABORATÓRIO DE OUTROS CURSO.
16N: Aproximação mais efetiva com a realidade que nos espera, estabelecimento mais dinâmico entre a teoria e a prática no decorrer do curso.
16O: s/r